

outra

Luciana
Stegagno
Picchio

A língua

Uma
fotobiografia
por Alessandra Mauro



A língua outra

Luciana Stegagno Picchio

A língua outra

uma fotobiografia
por Alessandra Mauro

com
uma bibliografia temática portuguesa e brasileira
por Guia Boni



Na capa
A primeira vez em Portugal.
Lisboa, Abril de 1956

Índice

Introdução, Jorge Couto	7
Luciana Stegagno Picchio – A magia do conhecimento ou o conhecimento da magia, Maria Armandina Maia	9
Antes de começar, Alessandra Mauro	11
1. Em forma de biografia	13
2. As origens. Alessandria della Paglia	16
3. No princípio era a família	20
4. Primeira mudança de cenário: de Alessandria a Roma, em tempos de guerra	25
5. A vida “colora-se” de Portugal	28
6. A família cresce	30
7. A primeira vez em Portugal	32
8. Portugueses de Portugal	34
9. Portugal dos anos cinzentos e as primeiras traduções	36
10. Coimbra e a amizade com Miguel Torga	39
11. Segunda mudança de cenário. Da Embaixada portuguesa à Enciclopedia dello Spettacolo	40
12. Acontece tudo ao mesmo tempo	42
13. Sinais do Novo Mundo	43
14. O Congresso da Bahia de 1959	45
15. A primeira vez no Brasil	48
16. Roma. Os anos de Murilo Mendes	50
17. Novo cenário: a Universidade de Pisa	55
18. Amizades pisanas	57
19. Os estudos sobre o teatro e a História do teatro português	59
20. “Intermezzo” politico-trovadoresco	62
21. Estudos medievistas e de lírica galego-portuguesa	64
22. A experiência central. Roman Jakobson e o estruturalismo	67
23. Fernando Pessoa na nossa vida	70
24. Quaderni Portoghesi	73
25. Califórnia. Terra de Lotófagos e de Jorge de Sena	76
26. Os dias dos cravos	80
27. O Brasil em primeiro plano	82
28. Jorge Amado	84
29. Casas, casa	86
30. “Mar aberto”. Luís de Albuquerque e a literatura de viagens	89
31. Livros e mais livros	91
32. E os outros?	93
33. Um Nobel para Portugal	95
34. Africa lusófona	97
35. Os verdadeiros protagonistas: os alunos	98
36. Tantas pátrias, uma pátria	100
37. Em forma de conclusão	103
Uma bibliografia temática portuguesa e brasileira	107

Em louvor de Luciana Stegagno Picchio

«Portugal é o meu trabalho, o meu quotidiano, terra de escolha e língua de todos os dias. Faz parte da minha acção no mundo. Muitas coisas até aprendi em português», afirmou um dia Luciana Stegagno Picchio.

Esta síntese permite formular uma ideia aproximada do empenho e dedicação desta figura emblemática da Lusitanística que efectivamente adoptou as Culturas em Língua Portuguesa como uma segunda pátria.

A personalidade que o Instituto Camões homenageia é uma lusitanista de renome internacional cuja obra, para além de ter contribuído para consagrar a literatura e a cultura portuguesas em Itália, entrelaçou Portugal, o Brasil e os PALOP, divulgando amplamente os contributos inovadores dos criadores literários lusófonos através dos seus estudos críticos, que se distinguem pelo rigor e erudição.

A demonstrá-lo estão os quase quinhentos títulos que constituem a sua bibliografia, mas também os múltiplos encontros que promoveu entre intelectuais de toda a parte com a finalidade de difundir as literaturas em Língua Portuguesa, iniciativas que lhe granjearam admiração e respeito em três continentes.

Um traço que cumpre assinalar na sua biografia é o importante papel que Luciana Stegagno Picchio desempenhou como cidadã cuja postura perante a causa da liberdade pode considerar-se exemplar, pelas ligações que estabeleceu e manteve com as mais relevantes personalidades que em todo o mundo lutaram pela liberdade e pela democracia.

Figura de relevo e mérito internacionais, Luciana Stegagno Picchio dedicou a quase totalidade do seu trabalho lectivo, de investigação, edição, tradução e difusão cultural à “causa lusófona”. Esta é a protagonista da homenagem do Instituto Camões que, deste modo, expressa o seu reconhecimento a uma personalidade que pioneiramente muito contribuiu para desenvolver o conceito multicultural como elemento fundamental da cultura contemporânea.

Jorge Couto

Presidente do Instituto Camões

Luciana Stegagno Picchio

A magia do conhecimento ou o conhecimento da magia

Tem uma voz de veludo, que acaricia as palavras quando fala. Nas actividades “solenes”, afasta com naturalidade as cortinas dos grandes salões, olha em volta com ar desprendido, desarruma os protocolos e começa a falar, como se estivesse em casa, com amigos à volta da mesa.

De resto, a casa onde mora é um testemunho vivo da cordialidade, nunca da condescendência, com que deu cama, mesa e roupa lavada a muitos dos nomes que hoje enchem páginas de jornais. A sua escolha de vida foi clara e precoce: descobrir talentos, traduzi-los, estudá-los nas universidades, promovê-los nos seus artigos de jornal, falar deles a toda a gente e em toda a parte, como um imperativo ético. Entre os que conheceram a fama e os outros, de quem não se fala, fechados num silêncio imerecido, Luciana não deixa vislumbrar uma orla, mínima que seja, de distinção. Segue-os religiosamente, escreve prefácios, discursa para plateias a abarrotar ou para pequeníssimos grupos, como uma adolescente em defesa de uma causa justa. Todos estes nomes *moram* com ela na casa onde vive, uma imensa tapeçaria que se desdobra entre as estantes e o que resta das paredes, cobertas por gente que ali desaguou como numa foz.

Espanto é aquilo que nos liberta de tudo o que sabemos, quando encontramos uma coisa nova, escrevinhei um dia num canto da minha agenda. Luciana Stegagno Picchio representa exactamente esta formidável energia de se espantar com o que vê mas, e sobretudo, de ter feito disso uma política de vida.

As suas comunicações ou discursos têm sempre um ar solto, como se falasse de cor. De vez em quando, muitas vezes, troca-lhe o título em cima da hora, como se uma brisa tivesse chegado de repente e ela acorresse submissa ao seu apelo. Muda então o texto todo, inventando um novo, como se estivesse escrito na folha de papel. E está mesmo, porque Luciana Stegagno Picchio fala mansamente de uma paixão antiga que tem por coordenadas os pontos cardeais e uma rota universal que se delineia em torno da ciência do humano.

Foi aliás esta simbiose que lhe permitiu entrelaçar o lugar eterno, quase divino, da arqueologia dos textos, com a procura insaciável de novas fontes do saber, numa estratégia de bifurcação que lhe permitiu seguir duas rotas que raramente se cruzam neste nosso reino. Entre o efémero e o eterno, Luciana Stegagno Picchio tentou projectar até ao futuro, uma memória sem a qual nada se constrói e *nada acontece entre os homens*. Nem mesmo o presente, que aparentemente temos nas mãos.

Ser eu e portanto ser outro, do mesmo modo que a margem só se configura em volta de um espaço. Esta é, a meu ver, a razão deste caso “à parte” que Luciana Stegagno Picchio ocupa entre nós. Um nós, convém não esquecer, que corresponde a um território transcontinental, onde Luciana semeou amigos com a serenidade dos encontros inevitáveis.

A Itália, onde vivi dez anos inarráveis com mestres que não vou aqui mencionar, dado que o despudorado tom elogioso deste testemunho só se

pode fazer no singular, foi para mim um destes encontros. Saí de lá com um remorso inexplicável, por não poder ser as duas coisas, por ter que escolher entre duas margens de mim, por não poder continuar a dividir-me entre o berço e uma segunda pátria.

À Luciana, que tão bem soube incarnar a figura de heroína, neste espaço onde eu não pude ou não soube ser melhor, obrigada pelo exemplo.

Maria Armandina Maia

Antes de começar

Conheço Luciana Stegagno Picchio há muitos anos, desde os meus tempos de Universidade e, apesar de ter passado muito tempo, o contacto entre nós manteve-se sólido ao longo dos anos, encontrando sempre novas formas, novos terrenos de confronto, novos entusiasmos.

Penso que a nossa amizade é uma das coisas mais belas que tenho e que consegui construir ao longo do tempo e é sempre um enorme privilégio para mim poder passar, nem que seja apenas alguns minutos, na sua companhia e redescobrir um ar familiar entre os seus livros, na sua casa, reconhecer um código de comunicação que nos pertence e que se alimenta de recordações e de descobertas.

A Luciana esteve sempre comigo nos momentos e decisões não apenas de estudo, mas também em geral de vida. Como uma amiga mais experiente do que eu, às vezes mais sensata, soube sempre ouvir-me e apoiar-me. Foi por isso que, quando chegou a proposta de trabalhar com ela neste livro, aproveitei logo a ocasião como a possibilidade ideal para “fechar o círculo” e para dar, desta vez eu com a minha experiência de anos de actividade editorial e fotográfica, um contributo à nossa amizade.

Mas a tarefa não foi muito simples. Tratava-se de a convencer a falar de si, a compendiar a sua vida riquíssima em poucas páginas cheias de fotografias suas, dos seus familiares, das suas viagens. Tratava-se de compor um mosaico representativo para dar a ideia da variedade de encontros e de pensamentos, equilibrando os acontecimentos externos com os familiares e conservando, ao mesmo tempo, distância, pudores e afectos.

O material era enorme – recordações, curiosidades, cartas, fotografias, documentos vários – e quando o tentava ordenar, descobria sempre alguma coisa de que infelizmente nos tínhamos esquecido, e quando nos parecia ter dado uma forma plausível e significativa aos tasselos coloridos, um novo elemento, até então descurado, aparecia sabe-se lá donde a fazer malograr, em pouco tempo, todo o trabalho que tinha feito, para nos obrigar a recomençar tudo outra vez do princípio.

Decidimos, portanto, criar um texto, um conto em forma de entrevista que fosse o fio condutor das recordações, o eixo à volta do qual ordenar estas benditas tesselas do mosaico que não queriam de forma nenhuma ficar no seu lugar. E assim falámos enchendo horas e horas de fita magnética. A maior parte das nossas gravações, como muitas vezes acontece nestes casos, foram deitadas fora mas, apesar do texto final ser bastante mais trabalhado e elaborado em relação à nossa primitiva, espontânea e rudimentar entrevista, aquelas horas passadas juntas, em frente do gravador a fazer afluir as recordações, foram, de qualquer modo, indispensáveis para imprimir ao nosso “guia” o carácter próprio da conversação feita de momentos intensos, de presenças por vezes obsessivas e de irremediáveis esquecimentos. Um diálogo é um momento privilegiado de contacto que toma forma na unicidade e no carácter incompleto do momento em que acontece: os empenhos precedentes, a pausa procurada, o lugar de encontro, o ruído externo,

são tudo factores que contribuem para lhe dar forma própria e única. Escolhe-se, naquele momento, mesmo casualmente, dizer uma coisa em vez de outra e o discurso “vai” numa direcção. É assim também este texto que, embora muito elaborado por Luciana, manteve a sua estrutura, com a sua frescura e as suas omissões por vezes imperdoáveis. Aos que não se encontrarem nas páginas que se seguem vão as minhas desculpas e o meu pedido para serem compreensivos. Reconstruí o percurso dum conto, um dos muitos contos possíveis, com as suas personagens, com os seus cenários, com as suas pausas e, obviamente, com as suas omissões, aí de mim, quase obrigatórias.

Depois de construído o texto voltei às imagens e escolhi-as, cataloguei-as, ordenei-as como ilustrações do texto e não vice-versa. Durante muitos dias mergulhei em gavetas transbordantes de fotografias de todo o tipo, álbuns de família, atestados e diplomas, textos científicos, reuniões de amigos, congressos internacionais. Também aqui as exclusões foram tantas e dolorosas. Tinha que se escolher novamente e privilegiar alguns episódios em vez de outros, certas fotografias – as melhores ou, em alguns casos, as mais representativas. Tratava-se de seleccionar de novo as recordações. Tarefa não indiferente sobretudo para mim que, para poder terminar o trabalho, assumi o difícil papel de trazer sempre para um plano de realidade cada mergulho no passado da Luciana, cada emoção sobre uma fotografia, um rosto, uma situação cara que voltava novamente ao presente. Eu era o censor sempre pronto a sacrificar sobre o altar da realidade de um objecto-livro a compor, com um número finito de páginas e uma quantidade limitada de imagens, as intermitências do coração que, justamente, ela vivia durante a elaboração do nosso livro.

Mas foram funções e papéis necessários, violências a que me submeti muitas vezes contra a minha vontade tal era o desejo de ir atrás dela e, como naqueles filmões americanos feitos de flashback, reconstruir com ela as histórias de uma vida.

Por fim o livro nasceu, está aqui. Testemunha bem, creio, o percurso de Luciana Stegagno Picchio e as fases da sua vida. Restitui a sua frescura, o seu sorriso sempre bonito, o seu olhar curioso. A sua incrível capacidade de estar atenta e de participar nos testemunhos do passado mas também no que se está a viver hoje e naquilo que será o nosso futuro. Esta sua vontade de não parar, de ir em frente, de fazer-se surpreender e de querer fazer-se surpreender, é uma filosofia de vida e um património único e foi isto que aprendi durante estes meses.

O tempo teve um efeito estranho em Luciana. Certamente passou e deixou-lhe marcas, por vezes até muito profundas, mas não lhe apagou o entusiasmo. Quanto muito deu-lhe um pouco mais de sabedoria, certamente não boa para enunciar máximas lapidárias mas perfeita para construir uma piada, para criar um dito divertido e descontraído com que enfrentar a vida com o coração ligeiro mas consciente e vigilante. A Luciana é assim, quem a conhece sabe-o. Motivadora pelo seu entusiasmo, ligeira e profunda como só ela o sabe ser.

Este livro foi uma belíssima experiência que voltarei novamente a fazer, de olhos fechados, hoje mesmo. Construir um projecto íntimo e pessoal como a sua fotobiografia, vê-lo crescer dia após dia, permitiu reforçar a nossa amizade com novas cumplicidades e novas ligações. Foram dias de trabalho intenso mas dias incrivelmente belos. Por fim, as suas recordações tornaram-se um pouco minhas e também elas me são queridas tal como o é, e o será sempre, a Luciana.

Alessandra Mauro

Em forma de biografia

1

A. M.

Segundo as intenções dos amigos portugueses de quem partiu a iniciativa desta entrevista, do nosso diálogo deveria resultar uma espécie de biografia. Tu tens dedicado uma grande parte da tua vida à língua e, em geral, à cultura dos países de língua portuguesa. Mas será possível reconstruir um itinerário

cultural prescindindo totalmente do contexto, da vida em que aquele percurso foi efectuado? E até que ponto estás disposta a colaborar? Vais aceitar também perguntas sobre a vida privada, ou pensas que, por um lado, temos que nos movimentar no plano das ideias e, por outro, limitar-nos ao plano público, rigorosamente académico?

Retrato por Benedetto de Scarpis, Roma, 1984





Roma, 1948

L. S. P.

Não sei e penso que deverás ser tu, maieuticamente, psicanaliticamente, a levar o discurso para onde te parecer mais oportuno. É evidente que eu não me considero uma personagem universalmente tão interessante ao ponto de ser apresentada sob todos os seus aspectos, vista desde a infância pela objectiva do fotógrafo da aldeia. Penso que aquilo que aqui se pretende é, pelo contrário, indagar, reconstruir um percurso, mais do que uma carreira, percurso esse que me levou a fazer algumas viagens, a escrever al-

guns livros e a manifestar publicamente algumas opiniões, sempre relativas ao campo limitado da minha experiência, que é essencialmente a de uma italiana, estudiosa de culturas de língua ou, se preferimos, de expressão portuguesa. Uma vida em português. Numa língua “outra”. Quanto ao resto, não sei se interessa aos outros saber o que eu penso hoje da vida e da morte. Tanto mais que nem eu própria o sei. Invejo aqueles que conseguem olhar para a sua vida como para um tudo acabado e fazer dela um juízo claro. Perturbam-me

tanto o “confesso que vivi”, de Neruda, quanto a vida “a cinco por cento”, de Montale.

Claro que, se formos ao Registo Civil, também eu me vejo na lista de espera. E contudo, não consigo parar e olhar para trás. Muito menos decidir se realmente vivi, isto é, se saturei todas as possibilidades que a vida me ofereceu, ou se, por relutância ou covardia, utilizei só cinco por cento. Sei que, sempre, a cada momento, mesmo agora, e sinto o absurdo e talvez o cómico da confissão, recusei e recuso considerar definitiva a experiência vivida e me preparei e preparo para o amanhã, convencida de poder fazer ainda mais e melhor. Por isso, nunca dei muita importância às coisas feitas, obras e acções. Parecia um acto de modéstia e talvez fosse uma manifestação de inconfessável orgulho. Como se eu pensasse ter maior valor do que realmente demonstrei até hoje, ou do que dizia ter realizado nos intervalos, depois de ter perdido todos os blocos de tempo. Ou talvez a explicação seja outra. Um dia, um amigo psicanalista, ao ver-me viver e trabalhar afanosamente, sem nunca acabar uma tarefa, fosse ela um livro, ou uma montanha de pratos, ao constatar que, durante meses, eu tinha construído meticulosamente, página por página e nota por nota, um livro e me apressava repentinamente, nas últimas linhas, a concluí-lo, ao reparar que eu tinha lavado muito bem todos os pratos deixando por fim, no lava-loiças um último tachinho sujo, diagnosticou: tens medo da morte. Não sou particularmente religiosa, embora sinta, mais do que saiba, que também não sou totalmente laica, como era o meu marido, que, perfeitamente lúcido, pouco antes de morrer, me dizia: é só questão de energia, entre a vida e a morte existe a mesma diferença que entre uma lâmpada acesa e uma apagada, têm o mesmo

peso. Não ousou quase pensar no que possa ser essa energia, mas não acreditou suficientemente numa qualquer sobrevivência para a temer. Tenho medo de morrer? Talvez, como todos, tenha medo de sofrer. Na morte em si, não penso. Ou antes, talvez pense sempre nela, mas com alegria, como numa meta capaz de reduzir às justas proporções tudo aquilo que todos os dias nos angustia, capaz de dissolver, com suavidade, todos os complexos de culpa com que adormecemos todas as noites. Penso na morte como numa absolvição. Ainda ontem, ao assinar um improvável contrato editorial a longo prazo, sorria comigo mesma, pensando: se entretanto eu morrer, vão ficar a ver navios.



Roma, 1957
Roma, 1970





Município de Alessandria ainda com a estátua de Urbano Rattazzi (Colecção Toni Frisina, Alessandria)

As origens. Alessandria della Paglia 2



O Imperador Frederico Barba-Ruiva que não conseguiu derrotar Alessandria

A.M. Nesta nossa Itália europeia, está-se a voltar, e vêmo-lo todos os dias, a uma certa forma de regionalismo, até mesmo de bairrismo. A partir da palavra negritude de Senghor, foi cunhado, por exemplo, um termo como sicilitude. O facto de teres nascido no Piemonte, de família piemontesa, e de teres vivido no Piemonte os teus primeiros anos, embora muito cedo te tenhas transferido para Roma, onde se desenrolou praticamente toda a tua vida, faz com que te consideres ainda piemontesa? Que recordações, o que ficou da tua infância e da primeira mocidade? De que te lembras em modo particular? Como foram os teus primeiros anos de formação e quanto podem ter influenciado a tua vida?

L.S.P. Da minha infância não me ficou muito. Só alguns *flashes*, não sei se em preto e branco ou se a cores. O resto são lembranças, às quais os anos foram dando corpo, acrescentando aqui e ali um pormenor, um rosto, uma data, um detalhe de rua: e, depois, sobretudo, sons, cantilenas, vozes, sempre em dialecto, um vernáculo que hoje já ninguém fala e que é como a música de fundo daqueles anos. *Parla c'mé t' mangi*, Fala como comes, *U l'è 'rivà Gaioud co' la so vaca*, Chegou Gagliaudo, com a sua vaca, *Pelissier pèi-m' el númer*, ó Pelissier, anota o número, dizíamos depois de alguma traquinice. E Pelissier era o guarda lá do bairro, o único e, ainda por cima, andava a pé, e nós, crianças, volte-



O rio Tanaro em Alessandria della Paglia (Coleção Toni Frisina, Alessandria)

jávamos à roda dele com as nossas bicicletas que evidentemente não tinham número nenhum.

Disseram-me, e consta nos documentos, que nasci em Alessandria, nos anos Vinte, filha primogénita de Carlo Picchio, advogado, e de Maria Fontana, doméstica, numa velha casa da via Bergamo, que agora foi demolida para se construir ali um grande prédio. Fui baptizada na igreja da paróquia, que era a de S. Giacomo della Vittoria, a poucos metros de casa. E tinha talvez um destino e uma predestinação naquele nome, porque S. Giacomo, o Santiago Matamoros da via Láctea e de Compostela, seria depois um dos objectos e um dos responsáveis da minha futura

“Wanderung”-carreira de hispanista. Mas nessa altura ninguém o podia prever. Quando falávamos da nossa cidade natal, especificávamos logo que se tratava de Alessandria della Paglia, com uma espécie de derisão, de *diminutio* em relação à outra Alexandria, a do Egipto e da Biblioteca. A nossa era a Alexandria cujos telhados tinham sido apressadamente cobertos de palha para enfrentar o cerco que Frederico Barba-Ruiva impusera, por volta de 1160, à cidade recentemente fundada, e que será salva *in extremis* por um vaqueiro, Gagliaudo, o qual, depois de ter feito devorar à sua vaca o último trigo que sobrara na cidade, a empurrara para o campo adversário, para desnortear

e desencorajar as tropas de Frederico, também elas famintas.

Amigo de Ungaretti, nascido em Alexandria do Egipto, o meu pai, mais tarde, nos anos Sessenta, em Roma, dirá, ele também, a sorrir: “*Somos os dois de Alexandria*”. Depois riam, ambos, divertindo-se em pôr no mesmo plano Gagliaudo, de Alessandria da Palha, e Marinetti, de Alexandria do Egipto, Umberto Eco, o nosso mais ilustre cidadão da actualidade, Frederico Barba-Ruiva, o inimigo exemplar, os fundadores epónimos Alexandre Magno e o papa Alexandre III, a batalha de Azio e a de Legnano, o Nilo e “*o Tanaro com a Bórmida esposa*”, como diz o poema de Carducci. E isto apesar de os Alessandrinos de hoje,



quando falam com pobres sobreviventes de outras eras, como eu, se referirem com afectação a um rio Bórmida masculino. Aliás, os Alessandrinos, raça dura e trocista, que se orgulham no seu brasão de tudo nivelar, *Deprimit elatos, levat Alexandria stratos*, nem sequer nunca estimaram muito o seu grande rio, o Tánaro, que desagua precisamente ali e é bem mais imponente do que o Pó, no qual se lança logo depois. *T'sei bas c'me l'aqua d'Tani*, “és baixo como a água do Tánaro”, é a injúria preferida deles, quer para a gente da terra quer para os de fora. O meu pai tinha uma estranha relação de amor e ódio com a sua cidade natal.

Quando éramos crianças, conservava no seu escritório de advogado



Sanremo, 1930

A mãe, Maria Picchio Fontana (Mina), com 26 anos, em 1918



O pai, Carlo Picchio, com 32 anos, em 1920

Alessandria della paglia

Son nato in una terra di pianura
cui spesso adombran delle nebbie i veli,
che l'inverno flagella coi suoi geli
e che l'estate affoca in sua calura.

Lì, tra gli avanzi di dirute mura,
una gente attediata, invisa ai cieli,
si dilania e si strazia e par che aneli
solo a rendere altrui la vita dura.

Gusto non ha, non poesia, non arte.
Lavora senza gioia e senza pace,
ebbra d'invidia e di livor di parte.

Sorda del bello ai nobili richiami,
s'arricchisce, s'imbestia e si compiace
di far cappelli e di insaccar salami.

Carlo Picchio

Roma, 16 febbraio 1948

Carlo Picchio, soneto sobre Alessandria della Paglia, 1948

um retrato de Frederico Barba-Ruiva, que não conseguira derrotar a cidade. E quando uma revista local, anos depois (vivíamos já em Roma), lhe solicitou um testemunho de patricio emigrado, compusera sobre a sua terra natal um soneto que simplesmente dela dizia: *Sorda del*

bello ai nobili richiami, s'arricchisce, s'imbestia e si compiace di far cappelli e di insaccar salami. “Surda aos nobres apelos da beleza, enriquece-se, embrutece e compraz-se a fazer chapéus e enchidos”. Chapéus Borsalino, é claro.

Frederico Barba-Ruiva e o vaqueiro Gagliaudo com a sua vaca





No princípio era a família

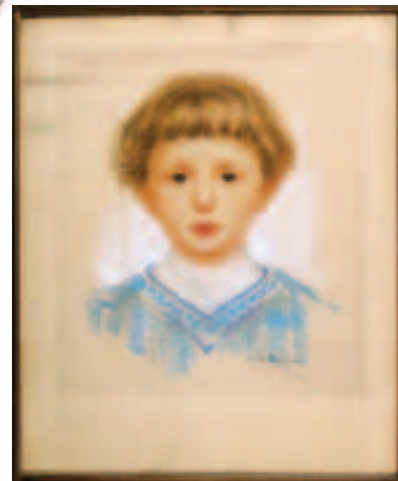
3

Mina, Luciana e Riccardo, Alessandria, 1924

Na outra página
Mina Picchio, Luciana e Riccardo,
no óleo e nos pastéis de Alberto Cafassi

A.M. Conta-nos mais alguma coisa sobre os teus pais, sobre a tua mãe, tão bonita e com jóias tão bonitas neste retrato de Alberto Cafassi, sobre o teu pai, que um dia definiste como o personagem motor da tua vida. E também sobre o teu irmão, esse irmão ítalo-americano, eslavista ilustre, de quem foste sempre muito amiga.

L.S.P. A infância e a primeira juventude alessandrinas, minhas e do meu irmão Riccardo, mais novo do que eu três anos, foram serenas. Sobre Riccardo, teremos ocasião de fa-



lar depois, quando eu for ter com ele aos Estados Unidos, onde ele passou a parte central da sua vida, como professor de Literaturas Eslavas Comparadas na Yale University de New Haven. Mas gostaria de dizer desde já como este irmão eslavista, e portanto com interesses específicos aparentemente muito distantes dos meus, foi sempre para mim um interlocutor privilegiado, mesmo no plano científico. Nesta minha biografia de lusitanista poderá talvez parecer relegado para segundo plano. Mas nem ele próprio sabe quanto foi determinante para mim, em todas as ocasiões, o seu juízo sereno, severo, e por isso mesmo solicitado e temido: e quanto o seu credo político, democrático e antifascista de sempre, me estimulou. Por enquanto, falemos daqueles primeiros anos com a família em Alessandria. Família culta, embora não particularmente rica, de extracção burguesa, com muitos livros e ami-

gos “estranhos”, escritores, italianos e alemães, que vinham propositadamente a uma cidade como Alessandria, em que não havia nada para ver, só para falar com o meu pai. Recordo, entre os primeiros e os mais íntimos, um danunziano Vincenzo Errante (ainda revejo o papel de carta em que escrevia, com a epígrafe “non giova l’ala a chi non abbia artigli”, não serve a asa a quem não tiver garras), professor de alemão em Milão e tradutor do Faust de Goethe. Revejo Richard Wichterich, um escritor alemão que foi, durante anos, interlocutor quotidiano, em alemão e em italiano, de meu pai e que meu pai definia como o seu acérrimo amigo, pois bulharam sempre, pessoalmente e por carta. E ainda Alberto Cafassi, o amigo de família, que nos pintou a todos, o meu pai, a minha mãe, o meu irmão e a mim desde a mais tenra infância, e cujas telas com paisagens alexandrinas ou do nosso mar, a costa da Ligúria, entre Génova e Savona, adornam ainda hoje as paredes da minha casa de via Civitavecchia. Aprendi mais tarde, aqui em Roma, a apreciar a pintura de Cafassi, um retratista e paisagista de grande habilidade e cultura, formado no culto estético-revolucionário de Pellizza da Volpedo, com o seu divisionismo e a sua

utopia do Quarto Estado. Muito do meu socialismo da maturidade talvez o tenha bebido, em criança, em Alberto Cafassi, que estimulava a minha paixão pelo desenho. Eu era hábil, sobretudo, nas coisas pequenas. Refazia as histórias de quadrinhos dos jornais, os desenhos da *Gazzetta del Popolo* e do *Corrierino dei Piccoli*. Mas não tinha um verdadeiro talento, como não o tinha para a música, não obstante as inevitáveis aulas de piano com a Professora Boggiani. Por isso, depois de muito solfejo e frustrantes exibições à base de uma saltitante *Marcha turca*, e de um *Minuetto* de Boccherini massacrado, depois dos ensaios em cerâmica de menina prendada, de falsificadora de vasos gregos, como arqueóloga aprendiz, abandonei tudo. Embora tenha conservado uma grande paixão pela pintura. Mais do que por qualquer outra arte, ficou-me a “inveja” pelos pintores que sentia congeniais, do Beato An-

gélido ao Leonardo da Vinci da *Virgem das Rochas*, do Vermeer de Delft a Rembrandt, de Van Gogh a Kandinskij, Klee e Mirò. E, ainda mais do que pela leitura, ficou-me o amor pela escrita. Leio três linhas e vem-me uma ideia. Valha o que valer. E quando escrevo, hoje em dia e de há dez anos para cá sempre com o computador, mesmo que esteja doente, triste, e ao escrever o que que seja, um artigo ou um ensaio, uma tradução ou uma inconfessada poesia, sinto-me feliz, suspendo a vida. Ou, pelo menos, não me lembro mais do corpo e do tempo que passa.

Não obstante a sua profissão de advogado, o meu pai era sobretudo um germanista. Filho de um funcionário dos Caminhos de Ferro que, desde quando ele tinha treze anos, lhe conseguira um passe para toda a Europa, tinha partido muito novo para Munique, na Alemanha, com os seus calções curtos de couro, a sua mochila e uma bagagem de Alemão aprendido sózinho, numa gramática comprada na papelaria perto de casa, e que se tornou depois numa sua outra alma. O meu pai barafustava, blasfemava, talvez até mesmo rezasse em alemão, recitava poesias e partes de poemas em alemão, mantinha cerrada correspondência com alemães e alemãs (“Não me preo-



Os ensaios de cerâmica

cupu, são todas feias”, dizia a minha mãe, talvez como esconjuro) e Riccardo e eu absorvíamos tudo. Não só a língua, mas os poemas, as frases, as blasfêmias. “Himmel-donnerwetter”, “Was blasen die Trompeten? Husaren, heraus!”, junto a um goethiano “Die Sonne tönt nach alter Weise”. Ao lado deste alemão de eleição, o meu pai dominava tantas outras línguas, o francês, origem do *patois*, que tantas famílias piemontesas falavam em casa mas, sobretudo, o latim e o grego da sua formação clássica, mais tarde completado com um neo-grego que o aproximaria de tantos poetas e escritores da nova Grécia, por ele traduzidos

em verso e numa bela e culta prosa, a começar por Gheorghios Seferis e Nikos Kazantzakis. Meu pai escrevia. Escrevia sempre. Novo ou velho, só me lembro dele atrás da escrivaninha, os cabelos ruivos ou brancos, as sobrançelas espessas sobre os lagos azuis dos olhos, os óculos de presbita na ponta do nariz, o sorriso doce, uma montanha de dicionários ao lado e, em frente, uma resma de folhas brancas sobre as quais, com uma belíssima caligrafia (essas caligrafias cultas dos nossos pais, últimos herdeiros dos humanistas, que hoje nem sequer podemos já imaginar), escrevia o “artigo”. Da sua província alexandrina, começara a colaborar com vários jornais. Entre os amigos de casa, incluía-se Giovanni Ansaldo, que o introduzira inicialmente na *Gazzetta del Popolo* e depois no *Telegrafo de Livorno*, dos quais, na época, e até ir para o jornal *Mattino*, de Nápoles, fora o director. Meu pai e Ansaldo escreviam-se quase quotidianamente, sempre à mão: tenho ainda diante dos olhos a caligrafia minúscula e elegante de Ansaldo, sobre o avesso



As lições de esgrima com o Mestre Bozzo

dos envelopes e sobre pedacinhos de papéis. Ansaldo, alto, maciço, com uma estranha cabeça redonda e modos distintos, de nobre *démodé*, era uma personagem inquietante e fascinante. Professava uma avareza genovesa de bom gosto, contra os desperdícios de uma burguesia desmazelada e mesquinha. E com Leo Longanesi, fazia parte daquele grupo de oposição que se alimentava principalmente de anedotas e que tinha no Conde Ciano o seu referente contra os vértices do regime. A história dizia, daí a pouco, se tinham razão, ou se seriam os primeiros a sucumbir. Ingénuo, fascinado pela personalidade de Ansaldo, o meu pai colaborava com os jornais, principalmente com artigos sobre escritores alemães. E, entretanto, traduzia, mais uma vez sobretudo do alemão, a primeira língua de cultura que, juntamente com o ritual francês, Riccardo e eu tínhamos aprendido. Mas também do holandês, do sueco, do dinamarquês, do afrikáaner. Quanto a mim, penso que sem essa família, sem essa educação, sem esse clima da minha primeira mocidade, eu não teria conseguido um décimo sequer do que acabei por fazer depois no mundo. E não me teria divertido tanto.

O meu pai era um mestre incrível, traduzia em latim todos os nomes



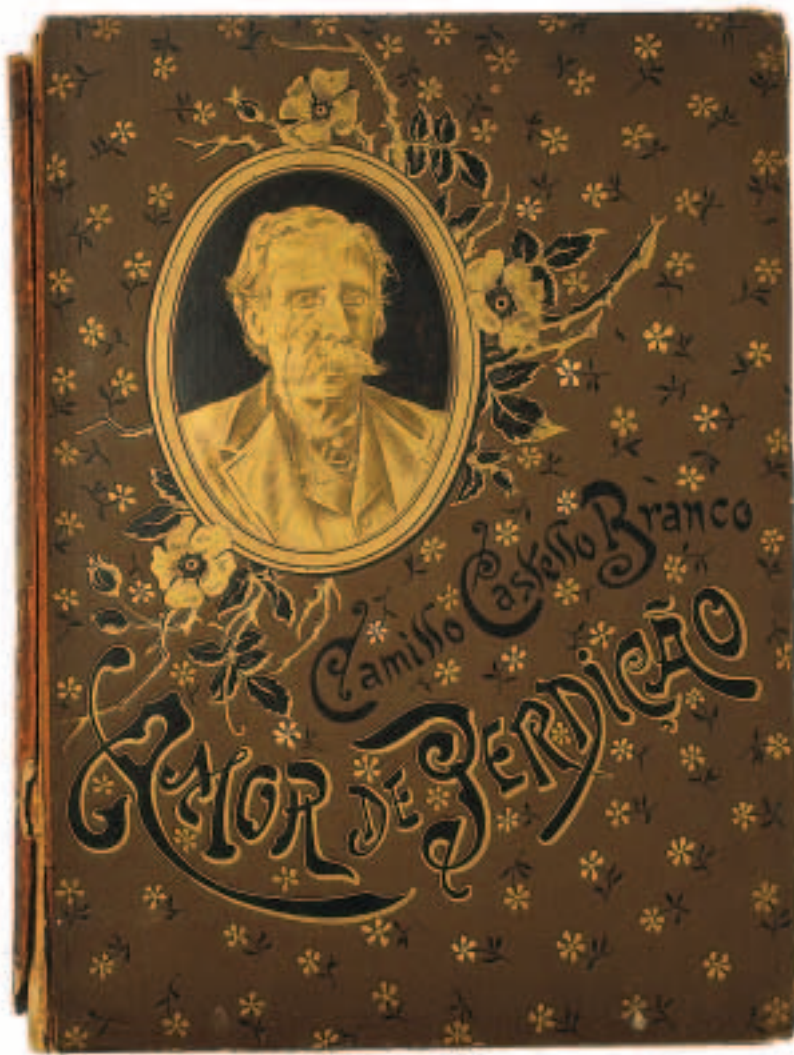
Mina e Carlo Picchio em Roma com Giovanni Ansaldo

dos objectos quotidianos, denominava a bicicleta “birota pedibus compulsa”. Nunca nos cansávamos de aprender. Às seis da tarde, quando ele fechava o escritório de advogado, descíamos os dois até lá, com as duas grandes edições da *Divina Comédia* de Doré debaixo do braço, e ele lia-nos um canto por dia, primeiro comentando linha por linha e depois recitando de uma só vez, de cor, andando de um lado para o outro, diante de nós. Contando todas as vezes em que a repetimos, primeiro com os alemães em Roma, no inverno de 1944, fechados em casa durante as longas horas em que vigorava o toque de recolher e

ouvíamos distantes, sufocados, os golpes de canhão dos americanos sobre a estrada de Anzio, e depois, já adultos, com o meu filho Michele e os seus amigos, sentados em semicírculo na relva, no jardim da casa de Levanto, penso termos completado sete ou oito vezes o inteiro rito da *Divina Comédia*. E ainda hoje é um nosso jogo cúmplice, entre Riccardo e eu, ou com Michele: “e caddi come l’uom che’l sonno piglia”, “Ruppemi l’alto sonno nella testa”, “Ma più vi perderanno gli ammiragli”, “Conobbi ’l tremolar della marina”, “Poscia, più che’l dolor poté ’l digiuno”. Onde, rapidamente, sem hesitar, se deveria dizer o número do canto, a sua colocação, o seu significado. Um dos ritos mais doces da nossa vida. Quanto ao resto, a juventude normal das famílias burguesas: a escola, as férias na praia ou nas montanhas, em Beaulard, ou no Sestrière, os cursos de piano e de cerâmica, o ténis militar, as aulas de esgrima com o Mestre Bozzo. Para mim, duas extraordinárias viagens a Roma, uma das quais com a equipa do Mestre Bozzo, para participar,



Enfermeira



O primeiro livro português, *Amor de Perdição* de Camilo Castelo Branco

como figurante no filme *O Corsário Negro*. Retornarei ao set, se posso usar esta expressão pomposa, uma outra vez, em 1957, quando, já em Roma, o director de cinema Ettore Giannini me escolhe para o pequeno papel de uma enfermeira, no filme italo-francês, *Gli uomini sono nemici*. *Au carrefour des passions* com Viviane Romance como actriz principal: um filme a preto e branco que me divertiu e envaideceu muito, mas que no fim se revelaria uma desilusão. Pensava ser uma loura extraordinária e, pelo contrário, com os meus cabelos ruivos, aparecia no filme como uma moreninha insípida e normal. Aos quinze anos, os meus pais mandaram-me a Paris para aprender bem o francês, na casa do tio Mario, que tinha emigrado quando era ainda um rapaz e que agora, cidadão francês, pai de dois primos um pouco mais velhos do que eu, Paulette e Octave, era repre-

sentante da Casa de Tecidos Maison Dormeuil e realizava incríveis viagens em piróscapo pela América do Sul. Do tio Mario, que tinha no Brasil uma perigosa e falada amiga portuguesa, recebi de presente o primeiro livro português da minha vida, *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, na edição monumental do Porto. Nem ele sabia que valor tinha, já na altura, aquele livro e que significado para mim viria a adquirir mais tarde.

Anos depois, já em Roma, tomei consciência das personagens que eram os nossos pais, ambos ruivos (como todos nós da família). Que força e garra descobriríamos nos anos da guerra e do pós-guerra, naquela nossa bela mãe, sempre elegante, que do seu pai socialista e anárquico, o avô Nino, morto ainda jovem, que eu não cheguei a conhecer, tinha absorvido um anticlericalismo que hoje nos parece ultrapas-

sado, mas que sem dúvida nos marcou e isolou, a Riccardo e a mim, numa cidade de tradições e sobretudo de fachada católica como Alexandria. E que luz emanava desse pai poliglota, que sabia imitar os dialectos de todos os clientes dos seus escritórios de advocacia (em Alessandria, e Valenza Pó e em Turim). Perguntas-me se, hoje, ainda me considero uma piemontesa, apesar de ter vivido quase a toda a vida em Roma, e de me ter casado com um veronês, que nunca perdeu o próprio sotaque, e o meu filho e os meus netos serem romanos e a minha nora siciliana. Talvez sim, a primeira formação nunca se apaga. Mas também é verdade que a minha família não possuía completamente o feitio da gente do norte, os tolos preconceitos ou até mesmo o racismo em relação à gente do sul (e, então, para eles, o sul começava logo abaixo do Rio Pó, teoricamente, portanto, acima de Alessandria). Por isso, foi com enorme entusiasmo que em 1941, em plena guerra, nos transferimos para Roma.



Carlo Picchio em 1968



Primeira mudança de cenário: de Alessandria a Roma, em tempos de guerra 4

Roma, em tempos de guerra
(Foto Publifoto, Roma)

A.M. Por que se mudaram, afinal?
O que tinha acontecido?

L.S.P. O meu pai, que praticava a advocacia quase por obrigação, por ter herdado da sua família um escritório, com clientela distinta e de sucesso, e que sempre nos dizia que odiava a lei, só voltada para o passado, enquanto que a ele interessava só o futuro, o meu pai que com a sua cultura, o seu modo de ser, as suas ambições literárias, mal se adaptava à vida de província, às pequenas mas dolorosas disputas e querelas locais, até certo ponto, estimulado também pelos amigos jornalistas, principal-



Roma, em tempos de guerra (Foto Publifoto, Roma)

mente por Ansaldo, que apreciava as suas qualidades de erudição, mas sobretudo a “pena culta e leve”, pensou que podia dar naquele momento o grande salto da sua vida e estabelecer-se em Roma, como jornalista e escritor. Não tinha contado com a guerra. Nós, os filhos, chegámos a Roma com os olhos arregalados, como se fosse Meca. O nosso pai tinha vendido sem hesitação a bela casa de Alessandria e o automóvel, mandara destruir os livros de leis (lembro-me do meu primo Vittorio, aprendiz no seu escritório, que corria atrás do carrinho cheio dos belos volumes da *Lex*, encadernados a vermelho, e negociava afanosamente para voltar a comprá-los), enquanto a minha mãe, afectuosa e acriticamente, participava do seu entusiasmo. Uma das últimas lembranças

que conservo de Alessandria é de uma carroça sobre a qual tinham posto, com o braço erguido, mas já sem o pedestal, que a tornara mítica para nós, a estátua em bronze de Urbano Rattazzi, até então orgulho e símbolo da praça central da cidade, condenada agora pela dura lei da guerra, a ser refundida para fabricar um improvável canhão. Para nós, italianos, Urbano Rattazzi tinha sido só um discutido político nascido em Alessandria, quando a política ainda se fazia no Piemonte. Mas para os portugueses, sabê-lo-ia mais tarde, fora o marido (um dos maridos) da famigerada princesa Rattazzi, autora do irritante *Portugal à vol d’oiseau*, contra o qual se insurgiria Camilo Castelo Branco.

Alojámo-nos, em Roma, num belo apartamento de via Savoia, nº 84,

mais pequeno do que a casa de Alessandria, mas no qual os nossos móveis e os nossos quadros ainda ficavam bem. Cedo começaram, porém, as desilusões. Não foi tanto a fome, à qual, numa época de duros racionamentos de guerra, só quem tinha uma certa reserva de provisões poderia resistir. Ali, nós não conhecíamos ninguém. Eu ia de bicicleta (depois, quando os alemães ocupantes proibiram as bicicletas com medo dos atentados, a bicicleta passou a ser um triciclo arranjado), para me pôr numa bicha de cinco horas até conseguir um quilo de tomate. A minha mãe, que nunca o fizera antes, esforçava-se para lavar os lençóis na banheira de casa e, quando tinha de erguê-los e torcê-los, chorava, pela falta de jeito. Comíamos *castagnaccio* e uma ignóbil pizza feita com *ve-*

getina, uma espécie de sucedâneo da farinha de trigo. Emagrecíamos. O meu pai mais do que todos, porque uma secreta dor o roía por dentro. Em Roma, tomara repentinamente consciência de que os seus alemães eram os inimigos, percebera que aquela guerra, que significava o aniquilamento dos judeus e ainda muitos outros delitos, era a guerra errada. E começou a escrever, sob o pseudónimo de Gustavo Lanfranchi, uma espécie de palinódia anti-germânica, *I fraticelli della verità* (Os fradezinhas da verdade), que no período do pós-guerra obteve um certo sucesso. Como também um outro livro seu, *Scaròla*, uma bonita história da resistência, para jovens, no qual ele revelava a sua simpatia e o grande conhecimento que tinha adquirido dos bairros populares romanos. Foi então que o meu pai, sob o signo dantesco do “più che il dolor poté ‘l digiuno”, começou a es-

crever com os três nomes do canto do Conde Ugolino, Gualandi, Simondi e Lanfranchi, que o acompanhariam toda a vida (qual heteronímia, diria anos depois, ao descobrir Fernando Pessoa e as suas máscaras!). E começou a traduzir, de todas as línguas possíveis, do alemão, do holandês, do dinamarquês, do sueco, do afrikáaner, mas também do inglês, do espanhol, do francês e do neo-grego. Quando caiu o fascismo, foi uma festa em casa, apesar das bombas americanas, que tinham desabado sobre São Lourenço. E quando a guerra tomou outra direcção, na Roma ocupada pelos nazis, começámos a esperar a chegada dos Aliados. Prisioneiros em casa, aterrorizados por qualquer voz alemã que pudesse ressoar no patamar das escadas, porque podiam vir buscar Riccardo, que não só não se tinha apresentado ao contingente nazi, como ainda entrava e saía com estranhos pacotes. Famintos, recolhíamos-nos em volta de minha mãe, nas horas em que soava o toque de recolher e lhe dizíamos: “Conta-nos uma receita”. E ela começava: “Pega-se em dez ovos...” E nós, que não víamos um ovo talvez há um mês, fechávamos os olhos e sonhávamos. Ou então, desesperávamos-nos pelas poucas notícias de delitos e extermínios que passavam as malhas da censura. O auge foi o massacre das Fossas Ardeatinas, do qual o meu pai fora imediatamente informado e pelo qual chorou uma noite inteira a morte de um amigo. Desde então, não fui mais capaz de dizer uma frase inteira em alemão e, por muitos anos, quando ouvia falar em alemão, o coração batia-me forte. Em poucos meses, abria-me a

uma cultura política de esquerda, que não renegarei nunca mais, até à minha morte. Mas, entretanto, tinham entrado na minha vida os portugueses.



Scaròla, uma história da resistência de Carlo Picchio, Florença, 1954

Em Roma, em tempos de guerra



A vida “colora-se” de Portugal 5

Licenciatura em arqueologia, Roma

Na página seguinte:
Tinta da China e vasos gregos

A.M. É verdade. Já tinha ouvido falar nisso, contado por ti e por outros. Que foram uns jovens matemáticos portugueses, conhecidos em Roma nos últimos anos da guerra, não só a ensinar-te português mas também a dar-te uma formação anti-salazarista, e a ajudar-te na elaboração da consciência política que não tinhas tido tempo de formular antes da derrubada do fascismo italiano. Como se deu isto?

L.S.P. Os portugueses em questão eram, no início, apenas três: três jovens matemáticos, José de Albuquerque, José Sebastião e Silva e Virgílio Barroso, irmão de Maria de Jesus Barroso que, a partir de então, mesmo antes que eu começasse a frequentar Portugal, entraria no horizonte das minhas amizades, com Mário Soares, mais tarde presidente da República Portuguesa, seu marido. Os três tinham vindo a Roma com uma bolsa de estudos e o câmbio favorável do franco suíço (na época eu nem sabia o que era um franco suíço) transformava-os, aos nossos olhos, em ricos estrangeiros (o que *de facto* não eram). Na verdade, os nossos portugueses eram, os três, e cada um no seu modo específico, intelectuais sensíveis, politizados, anti-salazaristas, com os quais eu, que tivera o atrevimento de ir propor-me como professora de italiano, iria aprender não só português, mas o “antifascismo”. No duro inverno dos alemães, eles vinham a nossa casa todas as tardes, a dividir connosco os privilégios gastronómicos que lhes eram concedidos por serem estrangeiros neutrais (um pouquinho de café, algumas latas de carne e vegetais que, depois da libertação, aprendemos a chamar “vômito de Roosevelt”), mas sobretudo livros e livros. Eu lia tudo, o *Que fa-*

zer?, de Lenin, e um difícilimo *O Capital*, de Marx, onde o meu alemão repudiado encontrava o seu resgate, junto a livros clássicos e revolucionários portugueses: *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, os *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes, o *Amor de Perdição*, de Camilo, *A Velhice do Padre Eterno*, de Guerra Junqueiro, tudo ao mesmo tempo. Foi uma aculturação violenta e apaixonada, a qual, por um certo período, ofuscou e submergiu até mesmo a sólida cultura clássica que, entretanto, tivera uma abertura universitária, com a minha inscrição e, mais tarde, com a licenciatura em arqueologia grega, opção de compromisso entre uma carreira de historiadora de arte, que eu queria seguir, e o desejo de não excluir um possível futuro de professora de latim e grego nos liceus. Embora isso não me entusiasmasse. O que mais me divertiu, nos meus anos de estudo de arqueologia, que culminaram numa tese sobre a *Amazonomaquia de Hércules na cerâmica clássica* (também aqui uma espécie de predestinação, pois reencontrarei as Amazonas, ao lado dos Canibais, muitos anos depois, quando me ocupei do Brasil e da Amazónia mítica), foi reproduzir com tinta-da-china, à mão – com a minha mão treinada a copiar as bandas desenhadas, num momento em

que conseguir fotografias dos museus estrangeiros era impensável – centenas de vasos gregos, que me valeram a fama de razoável falsificadora. Coisa que, ainda hoje, me diverte e da qual me orgulho. Foram os portugueses que me fizeram entrar, quando terminou a guerra, na Embaixada, no início Legação de Portugal, como funcionária e tradutora, onde ficaria por mais de dez anos, enquanto que, sem saber, me preparava para um futuro universitário nunca imaginado e muito menos almejado.





A família cresce 6

A.M. Porque, entretanto, tinhas casado, muito jovem, não é verdade, e tinha nascido o Michele?

L.S.P. Faz exactamente hoje, 17 de Junho de 2000, três anos que morreu o meu marido e confesso-te que, até agora, foi como se eu tivesse afastado, apavorada, a ideia de conversar acerca dele. Todos me diziam que são necessários três anos para nos curarmos de um luto e hoje sinto que, para além de qualquer vitalismo e de afirmações do tipo “a vida continua”, não me curei de maneira nenhuma. Com o Nino, vivi praticamente a vida inteira. E quando se fica só, após 53 anos de casamento, não há cura nem depois de três, nem,

penso, de muitos outros anos, tantos quantos me restem para viver. Quando nos conhecemos, na Mén-dola, onde meu pai nos levava nas férias e onde a sua família possuía uma casa, eu tinha dezanove anos e entrara para a universidade e ele tinha vinte e dois anos e frequentava o terceiro ano de medicina. Era órfão de mãe e o pai era um simpático professor de história natural e também geólogo, viajante apaixonado e modelador de belíssimas maquetas de cidades e regiões. Será ele, anos depois, a ensinar-me a “ler” as paisagens, os anfiteatros morénicos, os estratos reversos de xistos e mica-xistos. Mas, então, a guerra já tinha começado e nós em breve nos trans-

Com Nino, Verona, 1945



Nino e Luciana e os amigos psicanalistas, Eugenio e Renata Gaddini, em Palermo, Congresso Internacional de Pediatria, 1958

feriríamos para Roma. Foi assim que, quando os acontecimentos se precipitaram, também o Nino se mudou aventurosamente para Roma e casámo-nos: no dia 20 de Abril de 1944, com os alemães na cidade. Nessa manhã, fomos à igreja aqui perto de casa e Nino nem sequer tinha sapatos decentes. Foi meu irmão, Riccardo, nessa altura escondido dos alemães, que lhe emprestou os dele. Quando saímos, à porta da igreja voltaram rapidamente a trocá-los. Havia, então, o toque de reco-

lher, e à tarde ouvimos bater à porta e era de novo o Riccardo, com um ramo de tulipas brancas. “Cuidado, Luciana – disse-me ele. – Por baixo há uma garrafa de leite”. O meu presente para o Nino fora um quilo de pão, só para ele. Mercado negro e tempo de fome. O Michele nasceu só em 1949. O Nino já era médico pediatra, encaminhado para a carreira universitária, em Roma. Todas as manhãs ia ao Policlínico, enquanto que eu trabalhava na Legação de Portugal. À tarde, frequentemente,

ele recebia os clientes em casa. Era eu que abria a porta e, à saída, às vezes, enfiavam-me no bolso uma gorjeta. Eu agradecia, sorrindo. Depois, quando ficávamos sozinhos, o Nino protestava. Eu tentava então explicar-lhe, inutilmente, que a gorjeta não se dá a uma categoria diferente da do médico e da mulher dele, mas a uma função. E como eu exercia a função de enfermeira, era justo que aceitasse as gorjetas.



esquerda
Com Michele na Méndola, 1949



direita
Nino e Michele, Roma, 1951



A primeira vez em Portugal

7

Lisboa, 1956
(Foto de Gérard Castello Lopes)

A.M. Mas quando viste Portugal pela primeira vez?

L.S.P. Eu nunca tinha ido a Portugal. Naquela altura, já falava bem a língua, traduzia, escrevia artigos, convidavam-me para a rádio e televisão, para falar de assuntos e temas portugueses e eu tinha uma certa vergonha, quando me perguntavam e eu era obrigada a confessar que tinha aprendido português aqui mesmo em Roma, com uns amigos

matemáticos e que nunca tinha visto Lisboa. Como se, com isso, perdesse credibilidade. Havia inclusivamente coisas que eu não podia contar a ninguém, que não dizia nem mesmo à minha família. Logo depois dos meus três amigos terem voltado para Portugal, apareceu aqui em casa uma hospedeira da TAP. Disse-me que se chamava Margarida e pediu-me, em nome do José, do Virgílio e do José Sebastião, se podia deixar-me, semanalmente, um pacote do *Avante!*, o jornal clandestino da esquerda portuguesa, para ser distribuído em Itália. Eu aceitei e todas as semanas, à terça-feira, ia, inicialmente de *Cucciolo*, uma bicicleta a motor, e depois de Lambretta, ao aeroporto de Ciampino, onde Margarida, tendo que seguir com o avião para Alexandria, no Egito, me entregava o pacote de jornais (levíssimos, em papel bíblia), que depois eu, em Roma, levava ao Lucio Lombardo Radice, outro amigo matemático e pedagogo de grande valor, com quem criei uma amizade que durou até à morte dele. Ele morreu prematuramente, em 1983, como, aliás, também os outros amigos matemáticos daquele período, primeiro Virgílio, depois Lúcio, a seguir José Sebastião e, mais recentemente, a Lena e o José Albuquerque. Faleceu prematuramente também Margarida, que, na realidade, se chamava Ana Féria e que, no momento

em que a situação política em Portugal se tornou insuportável, se refugiou em Londres com o marido – eram ambos de Leiria –, para ser locutora política na BBC. Reencontrei-a, com grande comoção, na primeira vez que voltei à Inglaterra, nos anos Setenta (tinha estado lá com o Nino, logo depois da guerra, quando ainda trabalhava na Legação de Portugal e ele recebera uma bolsa de estudos da Unicef). Quando lá voltei de novo, nos anos Noventa, ela já tinha morrido.

Mas voltemos à minha primeira ida a Lisboa. O Nino e eu tínhamos conhecido em Roma o casal Jorge e Sara Alarcão e tornámo-nos grandes amigos, víamo-nos quase todos os dias. Ele também era matemático, emigrado por motivos políticos de Portugal, e estava como representante da FAO em Itália. Tinham dois filhos, Hugo, que seria mais tarde um físico brilhante nos Estados Unidos, morto porém prematuramente anos depois, e Ana Maria, quase da idade do nosso Michele. Jorge e Sara, como diplomáticos, tinham comprado um automóvel enorme, o famoso “carro amarelo” das nossas recordações, e sonhavam com um retorno a Portugal, que esperavam vir a ser facilitado pela nova posição internacional dos dois. Partimos a sete, a família Alarcão completa, inclusive o pai e a mãe do Jorge, e uma bagagem enorme, em cima do

“carro amarelo”. Quando estávamos próximos de Portugal, na fronteira de Vilar Formoso, num crepúsculo de Maio, a emoção de todos era tangível. Pouco antes do posto de controlo da Alfândega, o Jorge pediu-me para descer do carro. “Tu não tens nada a ver com os nossos problemas políticos. Pode ser que não nos deixem passar, que nos prendam. Atravessa a fronteira e esperá-nos do outro lado”. Passei a fronteira a pé, entre as duas balizas, através das quais transitavam só automóveis, com a minha pequena mala na mão, entre a indiferença divertida dos guardas. E, ao chegar lá, sentei-me num marco de pedra e esperei. Passaram-se mais de duas horas, que, como soube depois, tinham sido gastas no controlo dos passaportes e telefonemas para Lisboa. Quando vi surgir de novo o “carro amarelo”, o meu coração bateu forte. Ninguém falava. Depois da curva, parámos de novo e o Jorge e a Sara desceram e atiraram-se ao chão, para beijar, chorando, o país reencontrado. Poucas vezes, para lá de toda a retórica, senti tão profundamente o que queria dizer pátria. Eu também chorava e naquele momento adoptava aquela pátria, que não era a minha, aquela língua que não era a minha e aquela paisagem que nos meus sonhos se ia sobrepor doravante à da minha infância.

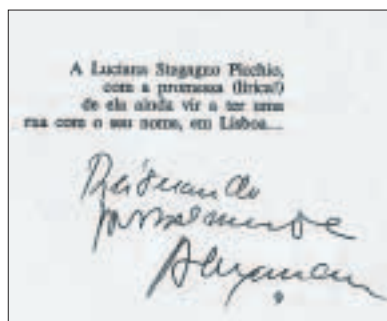


Portugueses de Portugal

8

A.M. Disseste muitas vezes que naquela primeira viagem a Portugal conheceste algumas personagens que seriam depois teus amigos para o resto da vida. E é certo que, desde então, aquele país se tornou o centro dos teus interesses científicos e humanos. Tentemos recordar e reconstruir aquelas primeiras impressões e, sobretudo, aqueles teus primeiros encontros. Tu mesma disseste que todo o princípio, toda a "infância", deixa um sinal indelével nas pessoas.

L.S.P. Vi pela primeira vez Lisboa da casa da Sara e do Jorge, uma moradia novíssima de Alvalade, nova também para eles, porque comprada e construída durante a sua ausência. Na outra metade da casa, vivia, com a família, o crítico e ensaísta luso-brasileiro Fidelino de Figueiredo: para mim, que lera e estudara os seus livros e artigos, um mito da cultura e do antifascismo. Depois do seu retorno do exílio, tinha tido uma trombose cerebral. No seu quarto meio às escuras, falava com dificul-



A dedicatória do *Entre a cortina e a vidraça* de Alexandre O'Neill

dade e comunicava só por meio de bilhetinhos. Lembro, como um pesadelo, mas também como um privilégio, a tarde passada naquela casa, dividida entre o dó e a emoção. Sei que viveu ainda mais alguns anos, que escreveu outros livros lucidíssimos e profundos e não ousou sequer imaginar como terão sido aqueles seus lentos dias de homem murado dentro de si mesmo.

Naquela primeira viagem, em Abril de 1956, conheci efectivamente algumas das personagens que seriam depois amigos e interlocutores quase diários. Todos anti-salazaristas, a começar pelos escritores: de Urbano Tavares Rodrigues, que era sempre o primeiro a ser preso e espancado durante as manifestações públicas, a David Mourão Ferreira, que me convidou para participar num programa televisivo (uma italiana que se interessava por Portugal e falava português era ainda, na altura, notícia) e me entrevistou afectuosamente, sempre a chupar o cachimbo do seu icone oficial, até Alexandre O'Neill, irreverente e genial, um dos poetas mais intrinsecamente poetas, isto é inventivos, que encontrei ali: livre. Com Alexandre, como com David, ficámos amigos até ao momento das suas mortes. O primeiro

será, em 1986, Alexandre, de quem recordo sempre com emoção a dedicatória do seu volume de poemas, *Entre a Cortina e a Vidraça*, de 1972: "A Luciana S.P. com a promessa (lirica!) de ela ainda vir a ter uma rua com o seu nome em Lisboa..." Ao que eu respondera, rindo: "Ad muitos annos". Lembro-me que David, que nos deixaria dez anos depois, em 1996, naquela primeira vez, provocatoriamente, para ouvir na televisão do Estado uma voz que exprimisse oposição, me perguntou o que é eu não gostava em Portugal. E eu,



em vez de dar a resposta política que ele esperava, respondi: "Da falta de pronomes. Hoje de manhã, em casa, enquanto uma mãe italiana, usando o *tu*, teria dito, 'ti sei sporcata il grembiule', a minha amiga disse à filha, 'A menina sujou o bibe', e a menina voltou-se para ver onde estava a menina". Daquela primeira viagem, recordo-me também destas perplexidades linguísticas. Discutia sobre isso com os amigos dos primeiros tempos, Luís Filipe Lindley Cintra, uma espécie de herói universitário, doce e excessivo, adorado pelos alunos e, sobretudo, pelas alunas, Jacinto do Prado Coelho, um dos críticos mais lúcidos de então, precursor dos estudos sobre Fernando Pessoa. Já eram professores universitários, todos "contra", e tinham-me recebido na Universidade como a uma colega, embora na época eu tivesse escrito apenas algumas recensões, artigos para enciclopédias e sobretudo traduções. E com eles, que voltarei sempre a encontrar a cada nova viagem, iria manter durante anos uma intensa e afectuosa correspondência. Hoje já não se usa escrever cartas compridas, como nós escrevíamos nessa altura, quase sempre à mão. Embora eu, contra toda a boa regra de educação do tempo, utilizasse frequentemente a máquina de escrever. E eles, eu sabia, não o apreciavam muito. Não conservei nenhuma das minhas cartas. Só mais tarde, quando a epistolografia já quase desaparecera, me veio o gosto pelo arquivo. Mas as cartas deles, conservo-as quase todas e talvez um dia possam servir para revelar episódios das suas vidas e aspectos das suas personalidades.

O "ser-vil" de Alexandre O'Neill



Portugal dos anos cinzentos e as primeiras traduções

9

Lisboa, 1999
(Foto de Gérard Castello Lopes)

página seguinte
Lisboa, 1956
(Foto de Gérard Castello Lopes)

A.M. Mencionaste atrás as traduções. Quais foram os primeiros livros portugueses que traduziste?

Foi antes da primeira viagem a Portugal?

E que impressão te provocou o contacto directo, também em termos linguísticos, com aquele Portugal que já conhecias, mas de longe?

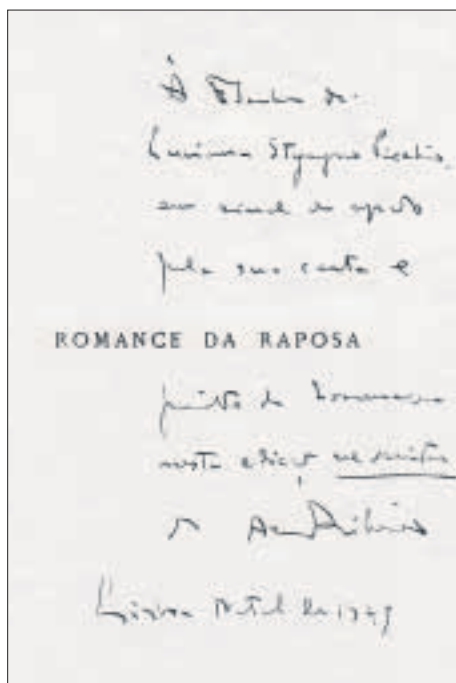
L.S.P. Sim, muito antes daquela viagem a Portugal, tinha publicado traduções a partir do português. O editor Casini pedira-me colaborações para uma grande antologia de contos do século XIX, alguns espanhóis e outros portugueses: o *Bispo Negro*, de Alexandre Herculano: o *José Matias*, de Eça... Mas o primeiro livro mesmo foi, em 1951, o *Romance da Raposa*, de Aquilino Ribeiro. Michele tinha dois anos e, traduzindo aquele maravilhoso livro para crianças, parecia-me que participava do mundo dele, que quase estava a trabalhar para o meu filho. Ainda hoje gosto daquela tradução, onde procurei conservar e recriar todas as rimas internas, os jogos de palavras, os diminutivos do original. E, de facto, o livro, publicado pela editora Marzocco com o título *Le avventure di Saltafossi*, alcançaria algum su-

cesso em Itália, ao ponto de serem publicadas mais duas edições e o livro ser adoptado como texto de leitura nas escolas. Não conheci pessoalmente Aquilino, que me escreveu belas cartas nessa altura. Dele, morto em 1963, entusiasmassem-me, então, os livros expressionistas, como *São Bonaboião*, mas eu cultivava sobretudo o mito humano de filho de padre e seminarista despaдрado, protagonista de fugas espectaculares das prisões portuguesas, sempre sob processo e literariamente sempre em busca de uma expressão e de uma linguagem novas. Numa das suas cartas, escrevera-me: “eu sou um escritor que nesse Portugal da hipocrisia e do mascaramento vocabular, quando é necessário, não hesito em dizer corno”. E eu então rira, porque começara a perceber que a convenção expressiva entre o italiano e o português corria em níveis diversos, que o italiano era uma língua racional, não como o francês, que até aboliu os diminutivos, mas certamente mais racional do que o português, língua eminentemente expressionista e afectiva. Que, se o italiano era uma língua escondida pelos verbos, o português se contorcia em adjectivos e hipocorísticos, diminutivos aplicados até mesmo aos participios e aos gerúndios (que belo ouvir dizer, por exemplo, “estás metidinha no meu coração”, que seria muito difícil de traduzir em italiano, ou então “o menino está dormidinho”, também praticamente intraduzível). Que, enfim, a expressão se fazia por matizes, que as palavras pesavam como pedras, que muitas coisas “não se podiam dizer”, já o sancionara aliás, no seu *Leal Conselheiro*, o rei D. Duarte, no século XV, falando de “decência” da língua, ou pelo menos que não se podiam dizer de forma directa, como em italiano. Atenção, portanto, às



traduções, que eram um campo minado. Qualquer expressão traduzida à letra tornava-se logo violenta, inconveniente, falsa. Toda essa aprendizagem me serviu, anos depois, quando procurava ensinar aos meus alunos, não digo uma complexa teoria da tradução, então muito na

moda, mas apenas como traduzir bem do português para o italiano. Mas nessa altura, nessa primeira vez, o meu mundo linguístico e ambiental estava limitado a Portugal. Que me parecera desde logo diferente: internacional e provincialíssimo, atlântico e isolado. Um isolamento

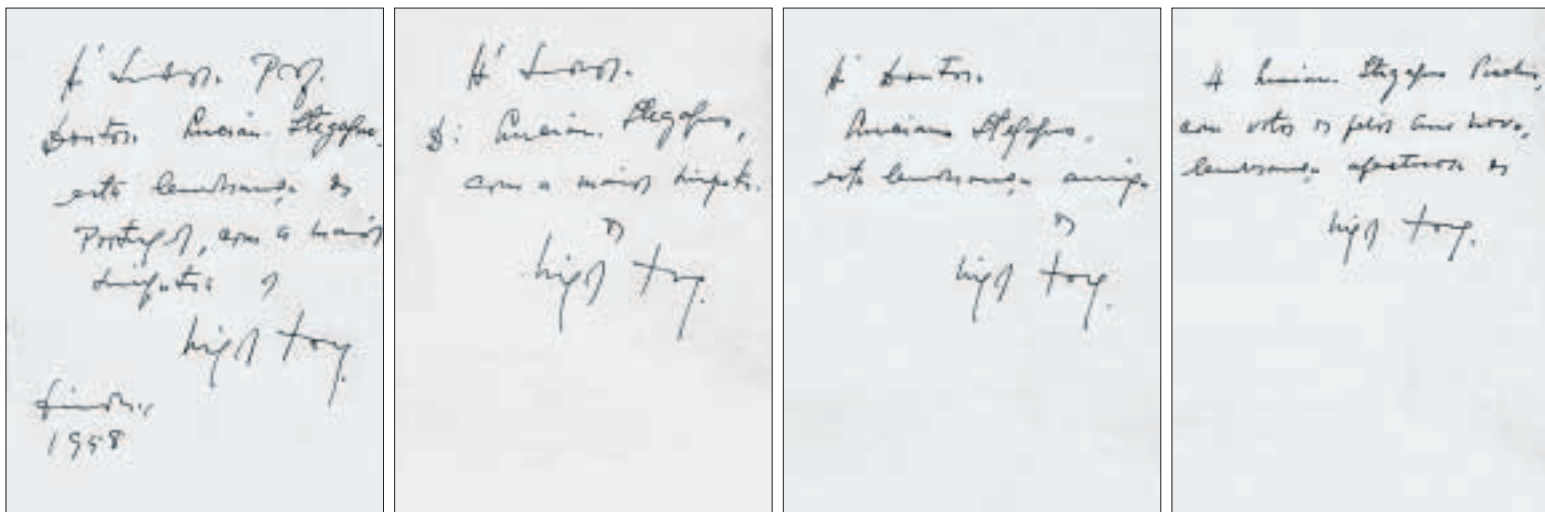


A dedicatória de Aquilino, 1949 e a tradução italiana do *Romance da Raposa*, 1951

de área marginal, onde as novidades da Europa chegavam sempre com atraso e já transformadas por outras novidades que tinham vindo depois; mas que chegavam também do Oceano e, através do Oceano, de todo aquele mundo para onde as caravelas tinham levado e deixado um português. Eram diversas e tantas as cores dos rostos com os quais eu me cruzava, o azul cintilante do céu, o mito das naus, o Tejo imenso como um mar, os monumentos manuelinos onde a Idade Média do flamboyant e do gótico florido parecia já ter desembocado no barroco sem passar pelo arco de volta inteiro do nosso Renascimento. Mas, ao mesmo tempo, havia nesse Portugal que se me revelava em 1956, um sentido de opressão e de exclusão, que se percebia intensamente nas ruelas de uma Lisboa que se pendurava em forma de anfiteatro pelas suas sete colinas, “como Roma”, ou fixando os arabescos brancos e pretos das avenidas, aquelas “ondas” que, anos depois, em todos os continentes, iriam

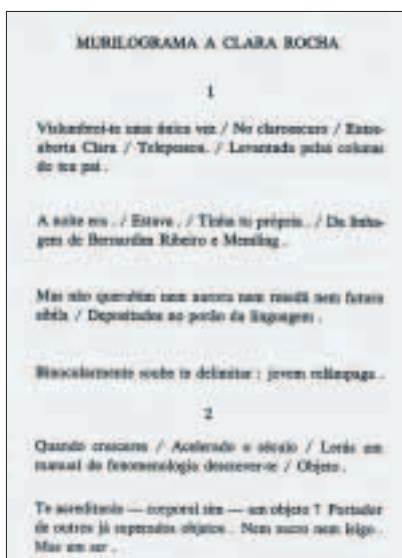
indicar-me a antiga presença dos portugueses. Os meus amigos falavam-me da censura, das pessoas nas prisões. Havia ordem e havia flores, e havia uma grande profusão de uniformes militares: não só os dos polícias, mas também os dos rapazes, dos *grooms* dos grandes hotéis, embrulhados em uniformes azuis ou castanhos, ascensoristas que se chamavam “botões” justamente pela quantidade de botões dourados aplicados aos seus absurdos casaquinhos. A imprensa diária, *O Século*, *O Diário de Notícias*, com excepção de algum sinal de tímida oposição, aqui e ali, no Porto, no Fundão, era péssima, desoladora, sem notícias internacionais, apenas desajeitadas apologias do regime e de um ditador que não se via, não se exhibia, não se expunha nas varandas, mas que mantinha o país sufocado numa espécie de sudário. E, nesse tempo, não tinha ainda começado a guerra colonial. E não se viam as futuras, terríveis páginas de anúncios mortuários, que nos anos Sessenta seriam o

único indício da morte em África de tantas jovens vidas. Havia, depois, em Lisboa e em Coimbra, onde eu tinha ido logo após a minha chegada, coisas que me pareciam como um retorno à infância. Nas famílias, convidavam-me com ritos antigos, à volta de toalha de rendas e do pudim. Em certas ruas do centro de Lisboa, descobria lojecas absurdas e simpáticas, onde se expunham nas montras, ao lado uns dos outros, o sabão para a roupa e o pão fresco, a vassoura e os figos. Como na via S. Giacomo della Vittoria da minha Alessandria. Que saudades, hoje, dessa Lisboa de há trinta anos, tão diferente da Lisboa do ano 2000, depois da Grande Exposição de 1998: hipermercados e metro, restaurantes requintados e *nouvelle cuisine*, ou ainda o bacalhau recuperado com o gosto pós-moderno da “tradição”. E que alívio que tudo, graças a Deus, seja diferente. Aquela primeira viagem, ao todo, durou menos de um mês.



Coimbra e a amizade com Miguel Torga

10



O Murilograma de Murilo Mendes para Clara Rocha, Coimbra 1963

Em cima: quatro dedicatórias de Miguel Torga a LSP

A.M. Conheceste naquela altura também Miguel Torga?

L.S.P. Sim, em Coimbra, onde fui recebida como uma velha amiga na casa deles, na Rua Fernando Pessoa, nº 3: a casa do doutor Adolfo Rocha, para os leitores Miguel Torga, e da esposa, Andréa Crabbé Rocha. Recordo a primeira tarde com Torga, o seu perfil de ave de rapina, acomodado num nicho da sala, como se fosse um poleiro, enquanto a Andréa servia o meu primeiro queijo da serra e ele lançava invectivas anti-académicas contra o rio de Coimbra, o Mondego, um “rio lento”, em confronto com o “rio macho”, que era o Douro da sua origem transmontana. E tenho ainda, na minha

biblioteca, as edições dos seus romances e do *Diário*, que generosamente, durante anos, ele me deu de presente autografados, coisa que, segundo me disseram, não voltou a fazer no futuro. Considero o “segundo dia” da *Criação do mundo* de Torga, onde ele narra a sua experiência de criança pobre, emigrada no Brasil, a minha iniciação poética naquele país, e uma das leituras que me acompanharam na minha iminente descoberta do novo Continente. E não foi por acaso que, anos depois, voltei àquela casa com um poeta brasileiro, Murilo Mendes, que, comovido com a visão da filha do Torga, uma jovem Clara adormecida, compôs para ela, nessa mesma noite, o seu *Murilograma* a Clara Rocha.

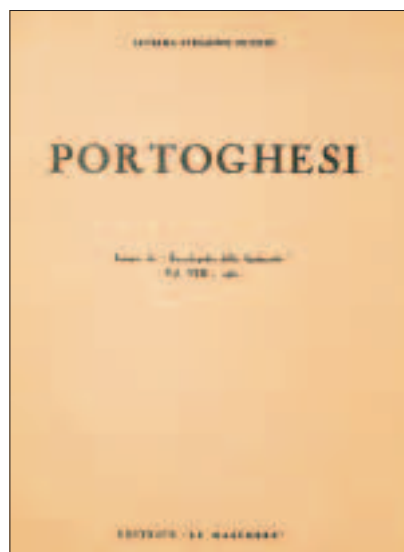


Segunda mudança de cenário.
Da Embaixada portuguesa
à *Enciclopedia dello Spettacolo*

11

Roma, 1957, na *Enciclopedia dello Spettacolo*

"Portoghesi – Nella lingua di teatro, coloro che entrano nel luogo dello spettacolo senza pagare il biglietto".
L.S.P., *Enciclopedia dello Spettacolo*, 1961



A.M. Não foi nesse período, logo depois da viagem a Portugal, que deixaste a Legação – Embaixada e foste trabalhar na *Enciclopedia dello Spettacolo*?

L.S.P. Sim, foi uma decisão repentina, na primavera de 1956. Estava nessa altura em Roma um tristonho António Ferro, que, depois de ter sido um poderoso ministro de Salazar, vivia agora um melancólico fim de carreira (morreria dali a pouco, nesse mesmo ano de 1956). Passava tardes inteiras a contar-me como, em 1915, sem ter ainda completado vinte anos, fora o editor do *Orpheu*. Era um homem desiludido e gentil, conhecera D'Annunzio, Marinetti e Pirandello e compunha, à noite, os seus oximóricos e nostalgicamente "modernistas" *Poemas Italianos*. Ele e seu filho, António Quadros, também ele aberto modernisticamente ao diálogo das artes, contribuíram para revelar-me um mundo que dali a pouco seria também o meu. O Nino agora já era professor, o Michele estava crescendo, eu dominava já bem o português, escrevia de vez em quando artigos e traduções, reaproximara-me da Universidade, entrando como assistente voluntária no Instituto de Filologia Românica, do qual era Director o ilustre filólogo Angelo Monteverdi, e começava a sentir como uma prisão a ideia de ser, para o resto da vida, uma funcionária, uma burocrata, mesmo que fosse num ambiente diplomático privilegiado. Já tinha tido, como colaboradora externa, uma experiência enciclopédica, escrevendo verbetes para o *Dicionário das Obras e dos Autores* da Bompiani e o facto de saber o português autorizava toda a gente a pensar que soubesse igualmente bem e, talvez até melhor, o espanhol. Foram necessários muitos anos para que os italianos se con-

vencessem de que em Portugal se fala português. Assim, quando surgiu a oportunidade de trabalhar como redactora interna da *Enciclopedia dello Spettacolo*, dirigida por Silvio D'Amico, onde eu seria a responsável pelo sector do teatro em línguas ibéricas, ganhando metade do que ganhava de manhã na Embaixada e trabalhando o dobro, manhãs e tardes, pareceu-me um bom negócio e aceitei sem pensar duas vezes. Rejuvenesci dez anos, deixei as roupas diplomáticas, vesti uma simples saia, uma camisola, e recommencei a estudar furiosamente. Tudo. Todas as línguas. Todas as histórias literárias. Da Espanha, dos vários países hispano-americanos, da Catalunha, de Portugal e do Brasil. E, depois, todo o teatro, medieval, litúrgico e em latim vulgar, porque, entretanto, me tinham oferecido também o sector medieval e o dos verbetes de assunto geral. Não existia ainda o computador. E nós escrevíamos os nossos textos à mão ou à máquina, colando umas às outras páginas e mais páginas, até entregar à redacção grossos rolos de papel. O ambiente era estimulante. Éramos todos amigos, Sandro D'Amico, Olga Apicella, Angelo Maria Ripellino, Nino Borsellino, Paolo Chiarini, Cesare Garboli, Boris Porena, Vittoria Ottolenghi, Franca Angelini, Francesco Savio, Andrea Camilleri, que recentemente irrompeu internacionalmente como escritor de livros policiais. Estimávamo-nos e, inventando regras que ninguém nos dava, aprendíamos uns com os outros. Silvio D'Amico tinha morrido, coordenava-nos agora um jovem realizador e dramaturgo, Luigi Squarzina; e nós, um entusiasta e teimoso grupo improvisado, destinado a reencontrar-se em bloco como corpo docente da Universidade, justamente em virtude daquela experiência for-



Com António Ferro e António Quadros, Roma, 1956

mativa, discutíamos dias inteiros sobre um verbete geral, que podia ser *Farsa* ou *Exotismo*, *Libertates Decembris* ou *Público*, mas também sobre verbetes biográficos, definindo, primeiro entre nós e depois com a Redacção, os nossos respectivos espaços: se para Brecht dão tantas páginas, quantas me darão para Calderón? Na Itália ainda sob a influência de Croce, da poesia e da não poesia, do autor incomparável, afiávamos as unhas como comparatistas e, sobretudo, mantínhamos sempre vivo o conceito de “espectáculo”, mais amplo e bem mais produtivo do

que o de texto ou de literatura dramática. Fomos nós, os da *Enciclopedia*, onze grandes volumes (1954-1964) de entradas originais, irrepetíveis, a afirmar em Itália aquele conceito, agora aceite por toda a parte. O espectáculo incluía tudo: o autor, o texto, o actor, o público, a circunstância. Eu, pelo meu lado, aprendia, assimilava, modificava as minhas ideias, acumulava fichas e mais fichas, lia dramas e comédias e, sem o confessar nem a mim própria, começava a projectar uma futura, ainda inexistente, História do Teatro Português.



Acontece tudo ao mesmo tempo

12

A.M. Não pensas que foi a viagem a Portugal, o encontro com tantas personagens que, daquele momento em diante, começaram a fazer parte da tua vida de estudiosa e de lusitanista, que te levaram a deixar o emprego na Embaixada por um trabalho de maior gratificação intelectual, como foi o da *Enciclopedia dello Spettacolo*?

L.S.P. Sim, naquele período aconteceu tudo ao mesmo tempo: a amizade com os portugueses de Portugal, o novo mundo que se abria diante de mim com a sua língua, os seus afectos, as suas convenções; a mudança de trabalho, a entrada na *Enciclopedia dello Spettacolo* e a especialização teatral. E, ainda, a chegada a Roma de Murilo Mendes e a descoberta do Brasil. Enfim, o início da carreira universitária em Pisa. Acho que, por tudo isso, deveríamos a partir de agora abandonar o critério cronológico, diacrónico, desta entrevista-biografia, para desenvolver separadamente cada um destes capítulos, que imagino seja o que mais interessa quando se quer reconstruir um itinerário cultural como o meu.



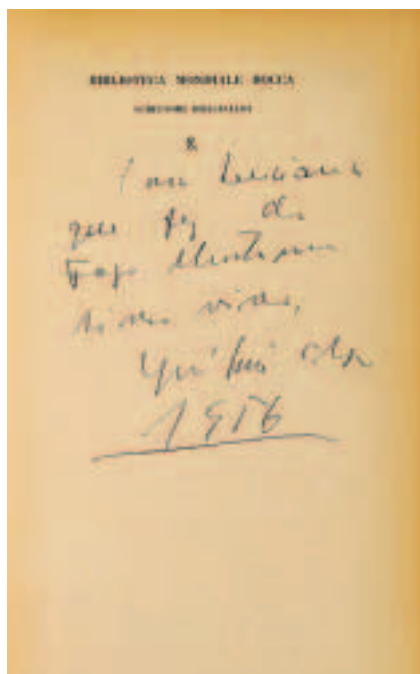
Sinais do Novo Mundo

13

A.M. Ao Brasil, como disseste, foste pela primeira vez em Agosto de 1959, convidada por iniciativa de Murilo Mendes, para participar no famoso "III Colóquio Internacional de Estudos Portugueses e Brasileiros", na Bahia, onde, segundo o que se diz e que já se tornou lenda, "aconteceu de tudo". Antes de mais nada, houve a explosão pública do anti-salazarismo, com a adesão de muitos intelectuais, não apenas portugueses e brasileiros. Poderias contar como foi este teu primeiro contacto com o país que seria depois, juntamente com Portugal, um dos pólos do teu tropismo cultural e humano?

L.S.P. O primeiro sinal foi, de novo, uma tradução. Um editor italiano, para uma colecção de literatura brasileira recentemente lançada, pediu-me para traduzir o *Fogo morto*, de José Lins do Rego. Era um livro famoso, que marcara todo um período da literatura brasileira. Mas isso eu não sabia. Além disso, pela primeira vez podia constatar o grande desvio que tomara, em relação ao Português de Portugal, a nova expressão brasileira. E como se justificava a afirmação que, parafraseando Mark Twain, os portugueses e os brasileiros repetiam: somos dois povos separados por uma mesma língua. Naquela altura, porém, não percebi imediatamente esse voluntário expressionismo de classe, que antecipava de alguns decénios o experi-

Murilo Mendes, Maria da Saudade e João Cabral de Melo Neto em 1956



A tradução de *Fogo Morto* de José Lins do Rego e a dedicatória de 1956

mentalismo de Guimarães Rosa e, escrupulosa e pedantemente, comecei a corrigir, a fazer aderir à norma italiana culta, mutilando-a, a prosa modernista de José Lins do Rego. Aquela tradução, que absolutamente não refaria hoje, foi muito elogiada e até pelo próprio autor, que entretanto eu conhecera aqui em Roma e que me ofereceu um exemplar do livro, com a seguinte dedicatória: “Para Luciana que fez de *Fogo morto* um livro vivo”. José Lins foi o primeiro escritor brasileiro que entrou no universo das minhas amizades. Vinha a Roma periodicamente, porque partia daqui para Atenas, onde tinha uma filha casada com um diplomata: era uma personagem pitoresca e até comigo que, na altura, não percebia nada de futebol, fazia propaganda do Flamengo, enquanto o seu rosto largo, marcado pela varíola, com o cintilar de dois olhos de inteligência e sonolência oriental, parecia o testemunho vivo da mistura de raças do Nordeste brasileiro. Lia nos jornais só os pequenos anúncios, detendo-se nas expressões capazes de revelar-lhe algo sobre o

mundo (“Porquê procura-se criada Altitália?”, “Porque se pensa que as criadas do Norte da Itália sejam mais trabalhadoras”. “E você, Luciana, de onde é?, “Altitália, José”. E eis que, de Atenas, chegava um postal: “Você, Luciana, é Altitália, eu sou um pobre caboclo”). Tinha terror das doenças e dizia que em nossa casa estava muito bem, porque o Nino era médico e sabia sempre qual era a farmácia aberta mais próxima. Sem contar que também ele era descendente de italianos: e ilustres, os Cavalcanti do Nordeste. “No Nordeste – dizia – quem não é Cavalcante é cavalgado”. A última vez que o vi, pouco antes da sua morte, em 1957, tinham-no eleito para a Academia Brasileira de Letras e ele descrevia-nos, com entusiasmo, o fardão arabescado de ouro, que lhe preparavam no Rio. Desde então, vivi muitas vezes com os amigos brasileiros este rito acadêmico do fardão: que alguns sonhavam cheio de ouros, como José Lins, outros, como Celso Cunha, ficavam felizes de receber, oferecido, da sua cidade natal, como sinal de pertença, outros ainda,

como Guimarães Rosa, temiam como um fardo para o qual se sentiam inadequados, e outros, enfim, se recusavam a cortejar, como Drummond e Murilo Mendes.

Não sei se foi Lins do Rego que nos apresentou Sérgio Buarque de Holanda, que viera a Roma como Professor de Cultura brasileira na nossa Universidade e que um dia apareceu aqui em casa com três ou quatro dos filhos, bonitos jovens com pouca diferença de idade entre eles, para uma consulta do Nino. Anos mais tarde, aos clientes brasileiros que visitavam o seu consultório, o Nino mostraria com sorridente orgulho a cama onde se deitara o famosíssimo filho do Professor Sérgio, o cantor, poeta, dramaturgo, Chico Buarque de Holanda: o Chico.

Foi, em todo o caso, com uma carta de Sérgio Buarque nas mãos que um dia, no princípio de Janeiro de 1957, apareceu na nossa casa o Murilo Mendes. Estava em Roma, ele também, para ensinar Cultura Brasileira na nossa Universidade. E vinha acompanhado pela mulher, Maria da Saudade, portuguesa, filha de Jaime Cortesão, grande opositor de Salazar que se refugiara no Brasil com a família e se tinha tornado Director da Biblioteca Nacional do Rio. A nossa vida, a minha vida, ia passar por outra grande transformação.



O Congresso da Bahia de 1959

14

A.M. Porquê? Foste ao Brasil nesse ano, não foi?

L.S.P. Sim, fui. Uma das primeiras coisas que fez o Murilo Mendes, que se tornara também ele nosso amigo quotidiano desde que viera para Roma, foi conseguir-me um convite para participar no Congresso Internacional de Estudos Portugueses e Brasileiros, que se deveria realizar em Salvador, na Bahia, em Agosto de 1959. Foram quarenta dias inesquecíveis, que mudaram a minha cabeça e a minha vida. Com as suas trezentas igrejas barrocas, douradas no interior, que galgavam ladeiras e colinas, com o seu íngreme Pelourinho e a memória dos escravos negros a cada canto do seu emaranhado de ruas e becos, com a sua colorida e inesperada humanidade negra, branca, amarela, com as suas

baianas enormes e sorridentes, vestidas de branco, que vendiam comidas até então desconhecidas pelas esquinas, com o cintilar dos dentes brancos sob o sol ou no escuro da noite, Salvador foi para mim a revelação de um mundo, de uma maneira de viver e de ser, de falar e de cantar, de tocar e de dançar, que nunca suspeitara ou esperara. O Congresso era faraónico. Eu conhecia muitos dos nomes dos presentes, que, para mim, até então eram apenas capas de livros: eram bem poucos os críticos e especialistas em carne e osso que alguma vez encontrara. Os mais conceituados entre os brasileiros, Celso Cunha, Guilhermino César, Alexandre Eulálio, Antenor Nascentes, entre os portugueses, Jorge de Sena, Eduardo Lourenço, Coimbra Martins, entre os franceses, I. S. Révah, Marcel Ba-

Com Hernâni Cidade e Guilhermino César no Congresso da Bahia, Agosto, 1959



Com Maria de Lourdes Belchior, Santa Barbara, 1982

taillon, entre os espanhóis, Eugenio Asensio, e entre os romenos, Eugenio Coseriu, estavam todos hospedados no Grand Hotel da Bahia, ao passo que eu fora instalada longe dali, no convento de S. Francisco, fora da cidade. Mas mesmo assim, eu estava feliz. Estava eu à janela do meu quarto a admirar as centenas de papagaios que bisbilhotavam nos fios da luz, no claustro do convento, quando, empurrando a sua mala, se materializou na porta, com o seu belo rosto severo, a minha futura amiga de uma vida inteira, Maria de Lourdes Belchior. Nunca a tinha encontrado antes, mas sabia muito bem quem ela era, pois já era então uma crítica famosa, aborrecidíssima por ter de dividir o quarto com uma desconhecida e, ainda por cima, num convento tão fora de mão. Começámos a falar, e aquele diálogo duraria, ininterrupto, quase quarenta anos, até à morte de Maria de Lourdes, em 1998, poucos dias de-

pois de, ainda juntas, termos recebido com Eduardo Lourenço um doutoramento *honoris causa* da Universidade Nova de Lisboa, que tínhamos contribuído os três para “fundar”, logo depois da queda do salazarismo, em 1975.

Para o Congresso da Bahia, aproveitando-me da minha recente experiência teatral, preparara uma comunicação sobre o teatro medieval e o problema do *arremedilho*. Um tese nova, audaciosa, que contradizia as interpretações de ilustres filólogos e teatrológos portugueses, que consideravam o *arremedilho*, prometido em 1231 por dois jograis ao rei, um género teatral tipicamente português. Pelo contrário, eu interpretava-o como uma manifestação jogresca comum a toda a área românica. Li e expus a minha tese perante o silêncio da sala e, no fim da comunicação, levantaram-se Marcel Bataillon, declarando que se tratava de uma novidade absoluta, Eugenio

Asensio, aceitando plenamente o que eu tinha afirmado e, por último, I.S. Révah, que eu não sabia estar ali presente e que, entre todos, era o mais contestado, declarando-se desportivamente derrotado. Ganhara assim, de uma só vez, a amizade e o apoio de três dos mais ilustres críticos do momento. E cada um deles, mesmo ainda com algumas escaramuças por parte de Révah, mantiveram depois sempre a mesma amizade para comigo.

A mais afectuosa e duradoura foi, contudo, a de Eugenio Asensio. Todas as vezes que eu passava por Lisboa, ia visitá-lo na sua mítica biblioteca da Rua dos Ferreiros à Estrela e ele, esteta e grande *gourmet* que era, oferecia-me sempre uma lição de filologia e biblioteconomia num dos restaurantes à moda de Lisboa. E não só: insistia para que eu abandonasse a crítica e a filologia (talvez não confiasse nas mulheres para uma actividade tão sé-

ria) e escrevesse, finalmente, alguma coisa “sem rede”. A 6 de Maio de 1989, ele ainda escrevia: “No sé si no erraste tu camino, cuando en vez de pintora directa de la vida, te contentaste con la tarea de glosadora de escritos ajenos. Aún estás a tiempo de rectificar tu rumbo y dejar visiones tuyas, no apostillas do que los otros imaginaron.” Obrigada, Eugenio, mas acho que agora é realmente tarde demais. Quando fez noventa anos, fui propositadamente a Lisboa e, como nunca houvera elevadores no prédio, subi pela última vez, dum lance, as escadas de madeira que ele, leve como um pas-

sarinho, continuaria a subir até ao fim, e ofereci-lhe noventa rosas amarelas. E também nesse dia fomos almoçar fora, ao *Tágide*, com D. Katarina Braun, a sua fiel amiga lituana. E com D. Eugenio, que estava há trinta anos em Lisboa, tratando-nos por tu “à espanhola”, falámos sempre espanhol. Porque os espanhóis, aprendi-o então, e verifiquei-o muitas outras vezes depois, não há hipótese de os pôr a falar noutra língua que não seja a deles: imagine-se o português, que consideram como um estranho dialecto da sua “língua nacional”. De Eugenio, que escrevia uma prosa límpida

como poucas, que possuía uma imensa erudição, comparável só à sua modéstia ou acanhamento, que lia a lírica galego-portuguesa com a distância e a objectividade que os “nacionais” nem imaginavam, que sabia absolutamente tudo sobre o *entremês* e o *romance*, que possuía sempre um livro na sua biblioteca para demonstrar a inutilidade e a improvisação de todas as nossas “descobertas”, de Eugenio, aprendi muito: a prudência histórica e filológica e, sobretudo, a considerar os fenómenos portugueses, não isoladamente, mas sempre num contexto ibérico e europeu.

Com Eugénio Asensio, Lisboa, 1983





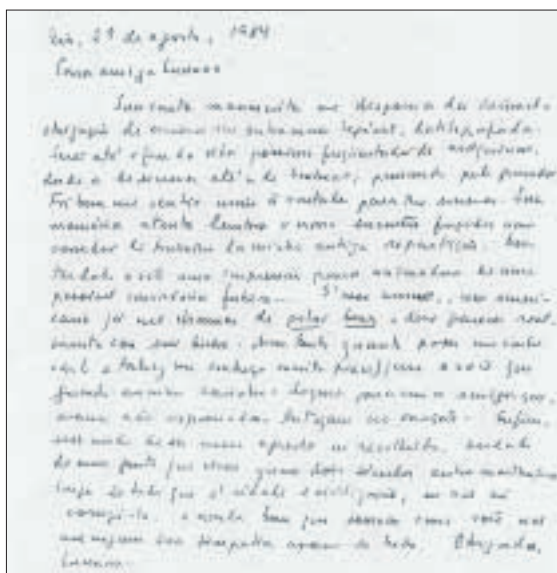
A primeira vez 15 no Brasil

A.M. Mas voltemos àquela primeira vez no Brasil. Que outras coisas, lugares, e pessoas, recordas?

L.S.P. Comecei, nessa primeira ocasião, a fazer aquilo que, com outros meios e também outra preparação, continuei a fazer nos quarenta anos seguintes, com mais ou menos duas viagens por ano, através do país todo, do Maranhão ao Rio Grande do Sul. Aceitar qualquer convite, mesmo os desconfortáveis e, em cada uma das viagens, ver, perceber, conhecer o mais que pudesse, lugares e pessoas: como sempre em poucas semanas, numa espécie de vertiginoso armazenamento, para ruminar tudo depois ao longo de meses e meses em Roma. Daquela primeira vez no Brasil, lembro-me ainda nitidamente da chegada ao Recife e de um rapaz de cor, da Varig, que me esperava sorridente no aeroporto, sem camisa e com um táxi todo amolgado. Mas,

assim que entrámos no carro, pendurada no espelho retrovisor, havia uma gravata que ele se apressou a pôr no pescoço, sobre o peito nu, dizendo: “A Companhia não quer que a gente vá sem gravata”. Primeira lição de surrealismo brasileiro. Quantos séculos se passaram desde então? Lembro-me também de uma viagem de táxi numa noite, de Salvador a um terreiro no interior para assistir, com a recomendação de Jorge Amado, a uma “verdadeira” macumba. E lá estavam, para meu grande espanto, como Pais de Santo, o filósofo português Agostinho da Silva, então hospedado no Convento de S. Francisco, e o próprio Jorge Amado, ainda com os cabelos escuros e um pouco mais gordo, mas essencialmente o mesmo que o amigo Dario Puccini me apresentara em Roma, em 1948, quando ele estivera em Itália na esperança de uma vitória da esquerda. Vi pela primeira vez o espectáculo das baianas que vol-

Brasília, 1960
(Foto de René Burri – Magnum Photos)



Uma carta manuscrita de Carlos Drummond de Andrade e a tradução da sua *Visita*, 1996

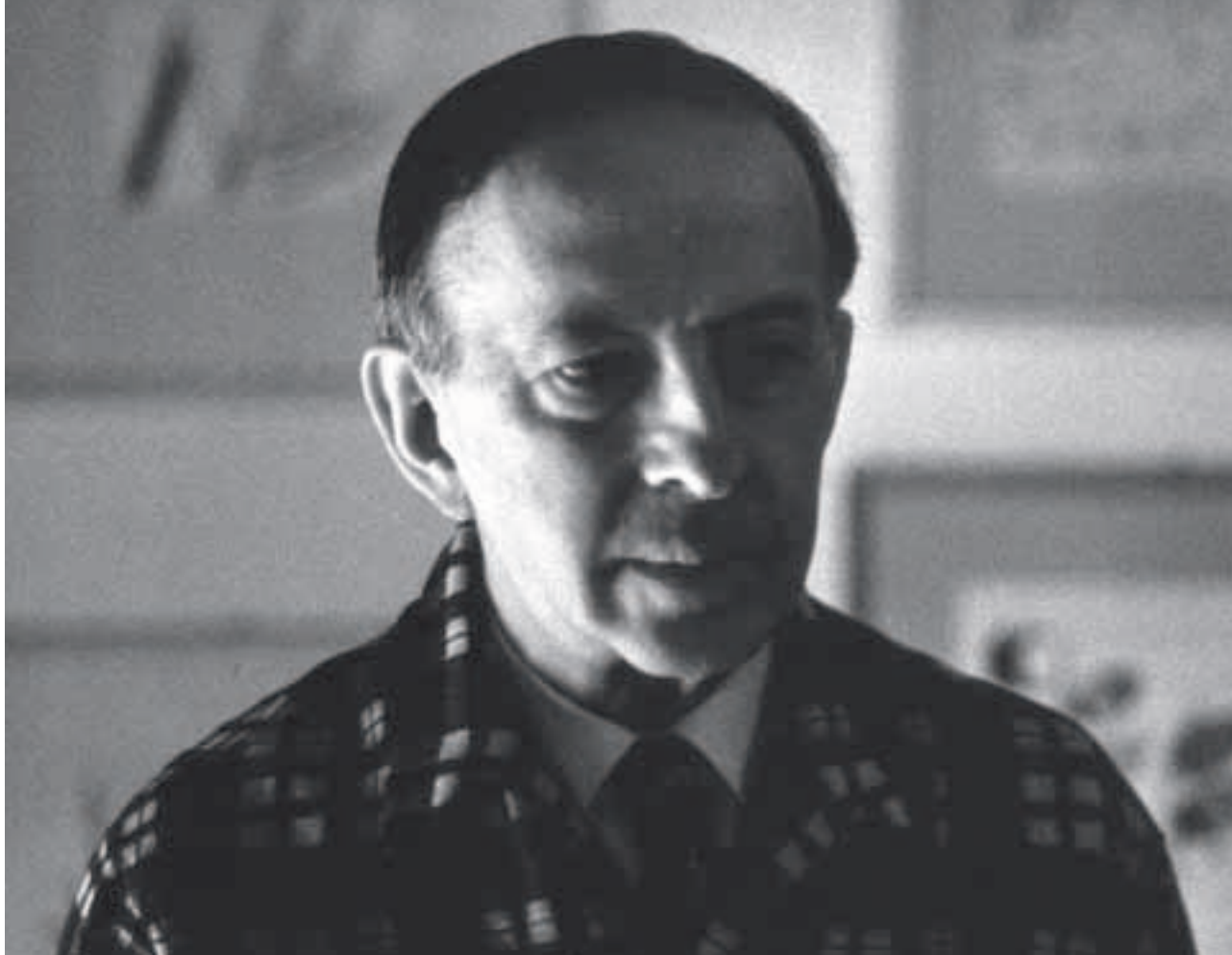
teavam ao ritmo obsessivo da macumba, enquanto Jorge e Agostinho, sérios e graves, recebiam a homenagem devida à sua função. Primeira lição de sincretismo brasileiro. Lembro-me de uma casa de Fortaleza, onde uma nova amiga, com um bando de filhos multicores, olhando com interesse o meu rosto sardento, me perguntava: “Na sua família saíram todos brancos?”

Recordo um Carlos Drummond de Andrade, que fui visitar com uma carta de Murilo Mendes no centro do Rio, no Ministério da Cultura, concebido por Le Corbusier, onde ele, alto, esquivo, com um sorriso cabibaixo, parecia prisioneiro e embaraçado numa espécie de *séparé* de madeira, aberto em cima, de acordo com a nova estética da arquitectura de estado. Primeiro encontro com aquele que se revelaria cada vez mais, nos anos a seguir, não só, como hoje se diz, o maior poeta brasileiro do século XX, mas a “consciência” do Brasil. Quer quando escrevia a “poesia de mãos dadas” da *Rosa do povo*, como quando, após a derrota do Brasil no último jogo do Campeonato do Mundo de 1982, soube convencer os seus compatriotas

a superar o trauma: “A Copa do mundo acabou, mas não o Brasil. Que tal recomeçarmos a trabalhar, visto que já estamos na segunda metade do ano?” Tenho muitas cartas de Drummond, manuscritas e dactilografadas, uma correspondência que durou anos, a partir daquele primeiro encontro. Numa delas, dizia-me justamente que se tornara escritor de “segundo caderno” por motivos puramente económicos, mas que se sentia e queria ser lembrado somente como poeta. O que me parece, hoje como então, uma mutilação inútil. De qualquer maneira, foi Drummond quem, naquele distante Agosto de 1959, um ano antes da inauguração da nova capital, sem praticamente sair do seu cubículo ministerial, conseguiu para mim, para o dia seguinte, um convite e uma passagem no avião particular do Presidente Juscelino Kubitschek, que, na altura, transportava quase diariamente para o interior do Brasil blocos inteiros de mármore, num empreendimento faraónico e muito criticado. Vi, do alto, com emoção, delinear-se sobre a terra vermelha do planalto, a nova cidade, como um enorme pássaro com as asas abertas,

como um arco com a flecha pronta a ser lançada. E mais longe, ainda em construção, o lago da profecia de Dom Bosco.

Recordo a cidade de São Paulo, visitada com o futuro amigo de muitos anos, Alexandre Eulálio, que sabia tudo, absolutamente tudo e falava com uma velocidade vertiginosa, demonstrando-me, mais uma vez, que o meu português “de Portugal” era arcaico e inadequado ao Novo Continente. Recordo a casa de Antonio Candido e Gilda, que me mostravam o caderno de Teresina, a amiga anarquista italiana deles, enquanto Antonio Candido, num esplêndido italiano, mimava para mim as aulas sobre o “fragmento”, de Giuseppe Ungaretti, que tinham conhecido pessoalmente nos dolorosos primeiros anos da estadia do poeta no Brasil. Gente. Ainda hoje sou capaz de fazer uma viagem, uma longa viagem, só para ver, rever, um amigo. Embora, neste princípio do novo século, os amigos, aqueles amigos, se tenham quase todos ido embora. E as cidades, as coisas, a própria literatura, pareçam absurdamente diferentes, sem memória, vazias.



Roma. Os anos de Murilo Mendes

16

Murilo Mendes em Roma, 1970

À direita:
Com Murilo Mendes em Coimbra,
Congresso Gil Vicente, 1963

A.M. E depois, quando voltaste para Roma, continuaste a descobrir o Brasil na casa de Murilo Mendes? Li muitos dos teus relatos sobre aquela casa extraordinária, aquela sala de visitas da Via del Consolato, onde aparecia toda a intelectualidade romana e internacional de então. Queres dizer mais alguma coisa sobre esse período, sobre esse poeta, sobre esse mundo que hoje parece desaparecido para sempre?

L.S.P. É verdade, a amizade com Murilo Mendes e Saudade, as casas onde habitaram em Roma, primeiro em Castro Pretorio e depois na Via del Consolato, nº 6, foram uma das coisas mais importantes da vida, para mim e para a minha família: durante dezoito anos, desde 1957, ano da chegada deles a Roma, até 1975, data da morte de Murilo e da mudança da Saudade para Lisboa. Ainda hoje, quando vou a Portugal,

mesmo que por poucas horas, vou sempre visitar a Saudade, que transferiu para Lisboa, na Travessa da Palmeira, n.º 7, a “aura” de Roma, junto com alguns móveis e quadros. Os restantes já estão todos no Brasil, em Juiz de Fora, na Fundação-Museu Murilo Mendes, que se tornou um dos pontos de atracção da cidade natal do poeta. Como disse e escrevi tantas vezes, Murilo e Saudade foram os companheiros diários, com quem nos encontrávamos, falávamos, sonhávamos, viajávamos, conhecíamos, recebíamos os amigos de tantas nações, quase todos, de início, amigos deles, e, logo depois, transformados também em nossos amigos. Com eles sofriamos, pela ditadura, que naqueles anos, depois de 1964, oprimia o Brasil. Quando volto com o pensamento àquele período, revejo Murilo, com o seu sorriso triste, a figura alta, meio curva, o chapéu, as luvas, a gravata vanguardista e de bom gosto sobre o fato tradicional escuro, a sua timidez e os seus repentinos brindes ao fim de todas as guerras, de todas as ditaduras. Revejo a belíssima casa repleta de escritores, de Moravia a Elsa Morante, de Vinicius de Moraes a Ungaretti, de pintores e artistas plásticos italianos, brasileiros, internacionais, Dorazio e Perilli, Vedova e Corpora, Severini e Franchina, ao lado de Vieira da Silva e Arpad Szenes, mas também de gente do teatro e do cinema.

Revejo Rafael Alberti, que, como diziam os meus amigos de Pisa, era o oposto humano de Murilo, ele yang, Murilo yin, e, apesar disso, também ele uma constante na minha vida a partir de então. Desde que, com sua mulher, Maria Teresa León, se transferira para Roma, passávamos em casa deles, juntamente com Murilo e Saudade, belas tardes de domingo e viajávamos juntos. Como uma vez





A edição crítica da *Poesia completa e Prosa* de Murilo Mendes, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994

em Veneza, na Fundação Cini, quando Rafael me deu de presente um quadro, que conservo na minha sala, e me dedicou uma sua Balada, escrita sob a Ponte delle Tette (“ Por el Puente de las Tetas Se asoman las venecianas. Eran tetas, no manzanas, Las del Puente de las Tetas.”). Uma das últimas vezes que vi Rafael, foi no início dos anos Oitenta, numa tarde em que eu leccionava no campus de Santa Bárbara, na Califórnia, quando os meus estudantes e eu ouvimos uma explosão de risos que vinham de um pavilhão contíguo ao nosso. Ao sairmos, vimos um pássaro enorme que volteava sobre um palco improvisado e que não era outra coisa senão o próprio Rafael, que recitava, fechado naquela máscara-escafandro algumas das suas poesias mais famosas, de *Sobre*

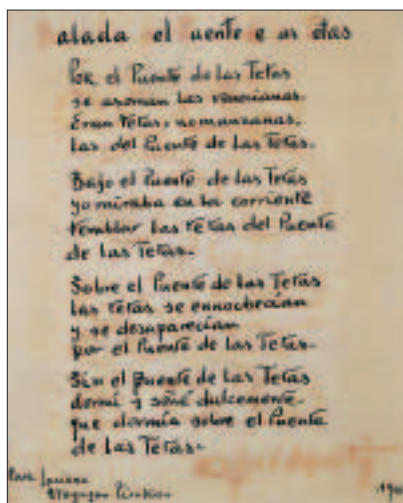
los ángeles a Roma, peligro para caminantes.

Entre os assíduos frequentadores da casa de Murilo, distingo ainda o inescutível Glauber Rocha, escritor e realizador, sempre meio obnubilado, mas de uma inteligência e ternura infinitas. Premiado em Cannes em 1967 pelo filme *Terra em transe*, no período dramático da ditadura brasileira, auto-exilara-se em Roma, que enchia as salas de cinema para ver os seus filmes de ardente tropicalismo, desde *Deus e o Diabo na terra do sol* a *O Dragão da maldade contra o Santo guerreiro*. Reencontrá-lo-ei anos depois, também na Califórnia, onde ele será o meu guia na Hollywood do cinema e me fará pôr o pé nas marcas dos de Marilyn Monroe. Na casa de Murilo e Saudade, aprendi mais sobre o Brasil e sobre

o mundo do que em todas as minhas viagens. E orgulho-me de ele, em nome da nossa amizade, me ter dedicado em 1966 os *Murilogramas*, um dos seus livros mais representativos de um género e de um período. Murilo faleceu em 13 de Agosto de 1975, em Lisboa, onde todos os anos ia passar as férias na casa que fora do sogro, Jaime Cortesão, e onde morava, então, uma eterna e lucidíssima D. Carolina Cortesão. Murilo, com quem tínhamos comemorado, com cravos vermelhos, o fim da ditadura portuguesa, não teve tempo de ver o fim da ditadura brasileira e morreu atormentado e triste. Todas as noites, quando morava em Roma, me telefonava para juntos comentarmos os acontecimentos do dia, para me ler o último texto, as últimas poesias que agora começara a



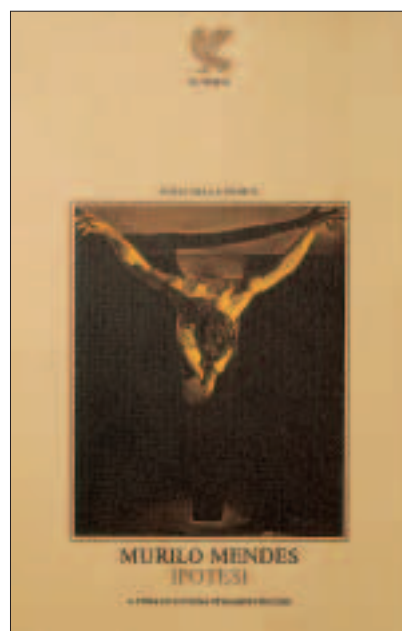
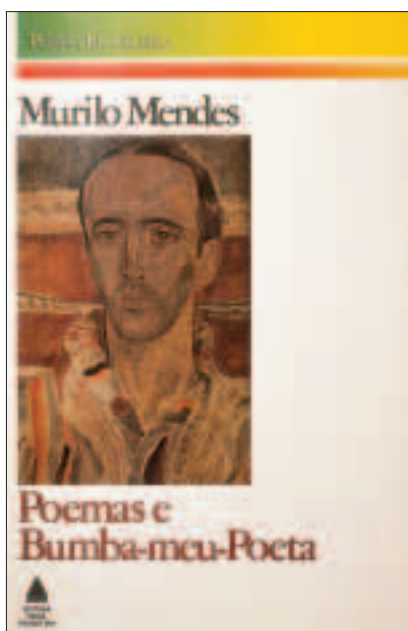
Rafael Alberti em Roma e a *Balada del Puente de las tetas*



escrever também em italiano. Telefonava-me depois do jantar, às 8,45 em ponto. Em dezoito anos, nunca tive coragem de lhe dizer que, a essa hora, o Nino e eu estávamos a ver um filme policial, do qual eu nunca conseguia descobrir o culpado. Uma noite de Setembro de 1975, de volta das férias em Levanto, sentada diante do televisor, de repente o filme policial terminou e diante de mim eu vi o assassino. Senti, naquele momento, que Murilo já não estava entre nós e comecei a chorar.

Participei em Roma, com Rafael Alberti, no Tribunal Russel II, contra a repressão no Brasil, Chile e América Latina. E foi nessa ocasião que conheci Gabriel García Márquez. Saudade, entretanto, logo depois da morte de Murilo, foi para Lisboa e durante muitos anos, na indiferença geral, sem nenhuma ajuda, eu procurei, nos momentos livres que o trabalho universitário e a vida me concediam, organizar os papéis de Murilo Mendes, que Saudade deixara à minha responsabilidade. Co-

mecei em 1977 a publicar aqui em Itália, com o Editor Guanda, o livro de poemas italianos, *Ipotesi*, um irónico e desconsolado testamento que revelava, inesperadamente, um Murilo poeta italiano a um público que, durante anos, se acostumara a lê-lo por mediação, traduzido por Ungaretti, por mim, mas sobretudo por Ruggero Jacobbi, poeta, dramaturgo e brasilianista, nosso interlocutor diário, também ele assíduo frequentador da casa da Via del Consolato e também ele falecido prematuramente, em 1981. Foi Ruggero, com a sua antologia muriliana *Poesia Libertà*, a levar, em 1972, o nosso amigo à vitória do Prémio Etna-Taormina. Em 1980, consegui, juntamente com Saudade, fazer com que fosse publicada pela Nova Fronteira do Rio, com prefácio meu, uma antologia dos livros em prosa que Murilo escrevera aqui em Roma a partir dos anos Sessenta (com um texto inédito de 1931), e que de novo revelavam um escritor diferente a um Brasil que mantivera, do poeta, uma fantasiosa e desactualizada imagem, datada do início dos



As edições brasileiras dos *Poemas e Bumba-meu-Poeta* e de *História do Brasil*. A segunda edição da *Ipotesi* de Murilo Mendes



Glauber Rocha filmando *Terra em transe*, 1966 (Foto de René Burri – Magnum Photos)

anos Cinquenta, quando Murilo deixara o país. Mas a maior parte dos inéditos continuava amontoados na minha casa romana de Via Civita-vecchia, nº 7. Eu olhava alarmada aquelas grandes caixas verdes que abarrotavam as estantes, que se alinhavam em cima do armário do meu quarto, enquanto o meu marido me perguntava, preocupado: “mas onde iremos parar daqui a pouco?” Porque, ao lado dos inéditos, amontoavam-se as caixas onde eu recolhera, fotografando-as, classificando-as, centenas de variantes com que Murilo, nos seus últimos anos, sem nenhuma perspectiva de reedição, tinha constelado as primeiras edições dos seus livros de poesia. Quando eu obtinha um novo convite para o Brasil, onde recomeçara a ir regularmente, para congressos e conferências, nos anos Oitenta da nova liberdade, ia sempre à editora Nova Fronteira no Rio. Começava ali a aceitar-se a ideia de reeditar separadamente os vários volumes de poemas de Murilo Mendes em edição crítica, com as variantes. Um projecto insólito para o Brasil, ao qual as nossas corajosas edições poderiam servir de impulso e modelo. Inicialmente, todos me tinham dito,

olhando-me com displicência, que Murilo era um poeta e que as variantes, obra de filologia adversa à poesia, iriam tornar inutilmente feia a página e afastariam muitos leitores. Publiquei em 1989 e em 1990 as duas primeiras edições, os *Poemas* e *Bumba-meu-Poeta* e a *História do Brasil*: esta última com um amplo estudo, que era quase um pedido de perdão a Murilo, pois ele, ao republicar as suas *Poesias* em 1957, excluía este livro, considerado datado e “modernisticamente” impróprio ao austero clima poético do momento. Finalmente, sempre com fadiga e depois de muitas batalhas, consegui publicar em 1994, desta

vez na Nova Aguilar, a monumental edição crítica da *Poesia completa e prosa* de Murilo: 1782 páginas em papel bíblia, com variantes, índices, bibliografias e tudo. Na viagem para o lançamento, fui com os editores Sebastião e Isabel Lacerda e um jovem poeta, Alexei Bueno, que acreditara no livro e me ajudara a publicá-lo. Do Rio à Bahia, de São Paulo a Juiz de Fora e por todo o lado, eu sentia que Murilo, até então ignorado, menosprezado, considerado na sua própria pátria apenas um anacrónico poeta católico, regressara verdadeiramente à sua terra. Saudade, entretanto, doara à cidade do poeta os seus livros e os seus quadros e, também ali, algo de novo finalmente ocorrera. Juiz de Fora reconhecia-se e era reconhecida, até nos nomes dos prédios e nos cartazes publicitários, como a cidade de Murilo Mendes. Quando lá voltei, em Agosto de 1998, pude perceber que, para os seus conterrâneos, Murilo já não era só uma glória poética, mas também um mito humano: uma personagem (sorriso, chapéu, luvas e polainas) que se pode encontrar (como se encontra num fantástico livro para crianças) na pessoa de um guia de Jardim Zoológico competente e seríssimo, que conhece o nome de todos os animais.

Murilo Mendes e Giuseppe Ungaretti, Roma, 1966





Novo cenário: a Universidade de Pisa

17

A.M. Mas Murilo Mendes, nos seus anos romanos, não era também professor de Literatura Brasileira na Universidade de Pisa? Quase em simultâneo, parece-me, com a tua permanência naquela Universidade?

L.S.P. Sim, na primavera de 1959, antes que eu fosse, em Agosto, pela primeira vez ao Brasil, Silvio Pellegrini, grande filólogo, autor de importantes estudos sobre a lírica galego-portuguesa e sobre Camões, convidou-me para leccionar, durante o ano lectivo de 1959-1960, como Professora Auxiliar de Língua e Literatura portuguesas na Faculdade de Letras da Universidade de Pisa. Comecei em Novembro de 1959 e aqueles anos em Pisa, até Novembro de 1968, quando ganhei o concurso para uma cadeira de Cate-drática na Universidade de Roma, foram para mim anos decisivos: pelo que aprendi, pelo que consegui escrever, pelas amizades preciosas que fiz. Logo após o primeiro ano, fui encarregada de ensinar também na Faculdade de Línguas. E consegui,

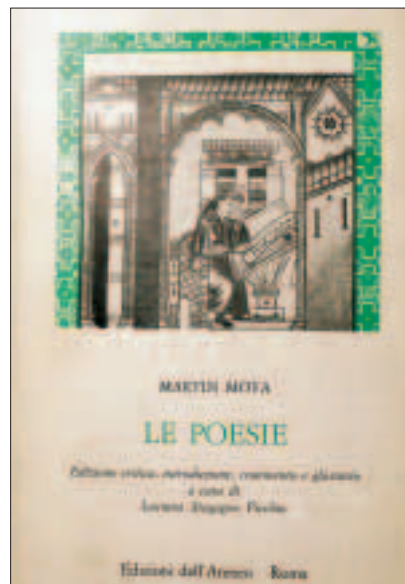


quase imediatamente, graças ao entusiasmo de um hispanista iluminado como Guido Mancini, fazer com que Murilo Mendes fosse também convidado para ensinar ali. Passaram-se muitos anos, mas ainda há pessoas que se lembram daquele professor bibliófilo, alto e meio curvo, gentilíssimo, que no Palazzo della Gherardesca, hoje uma loja de alfarrabista, imaginava surrealisticamente o Conte Ugolino ocupado a

devorar metodicamente montanhas de livros. Eu partia de Roma na segunda-feira de madrugada e, além das aulas que dava nas duas Faculdades, participava de um seminário sobre a lírica galego-portuguesa, organizado por Silvio Pellegrini. Havia acirradas discussões sobre metodologia, que podiam durar horas. Os pisanos eram bedierianos, ao passo que a escola romana era lachmanniana.

Quando penso, hoje, em como eu voltava para casa à quarta-feira, confusa e cheia de dúvidas, dá-me vontade de sorrir. Mas naquela altura, tudo parecia terrivelmente importante.

Remontam àqueles anos as minhas primeiras edições críticas de textos portugueses, desde o *Diálogo em louvor da nossa linguagem*, de João de Barros, aos textos sobre a lírica galego-portuguesa, da qual nós estávamos a começar em Itália, seguindo o exemplo dos provençalistas, a fazer edições individuais, extractando os textos dos grandes Cancioneiros da Ajuda, da Biblioteca



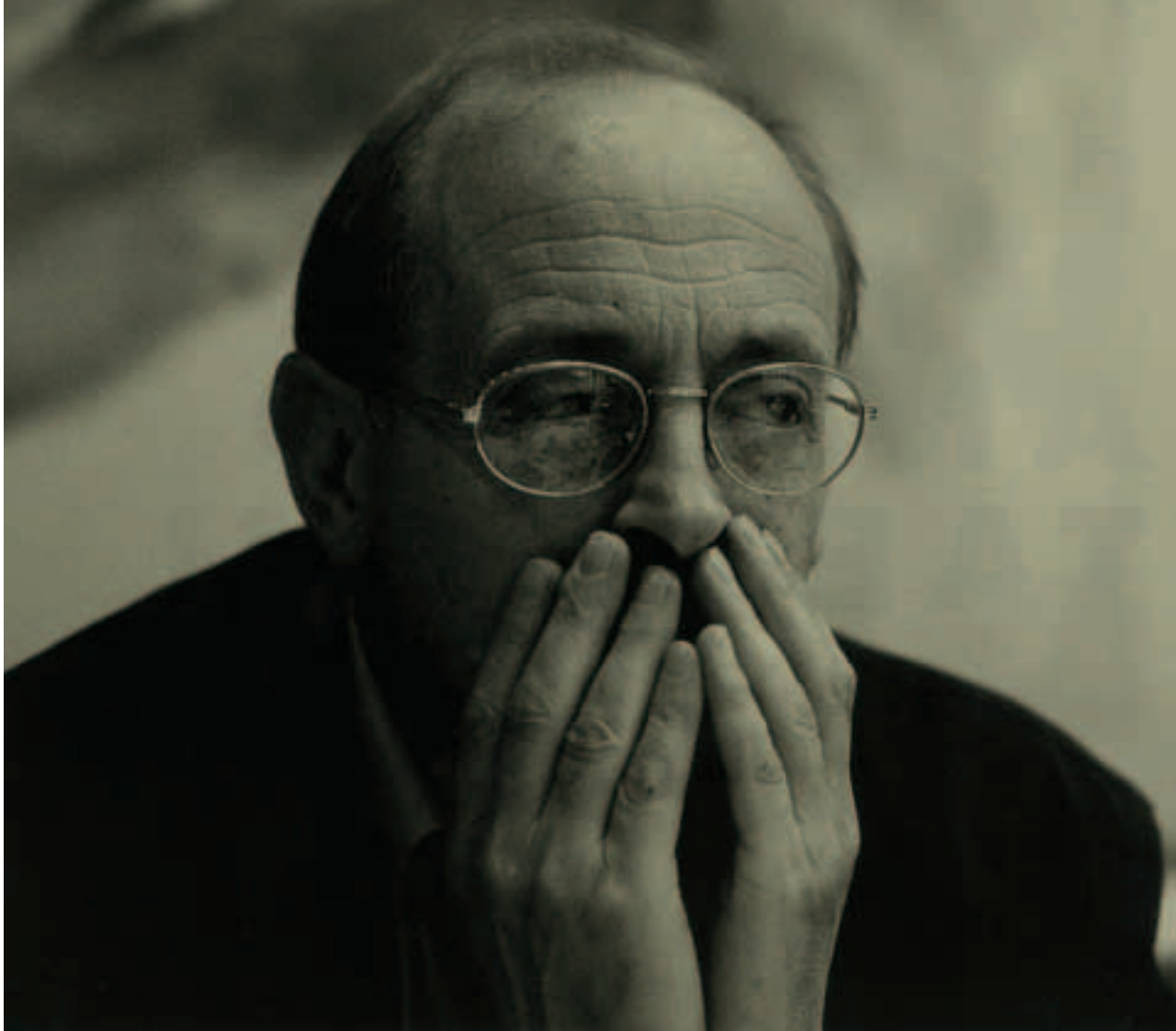
Vaticana e da Biblioteca Nacional de Lisboa: um cancioneiro que pertencera a Ernesto Monaci e que nós continuávamos a chamar, italianamente, Codex Colocci-Brancuti. Foram anos de aprendizagem e também de emocionantes experiências inaugurais. Como a que vivi ao ter, pela primeira vez, nas minhas mãos, na Biblioteca Vaticana, o Cancioneiro galego-português compilado por iniciativa de Angelo Colocci.

**CANTIGAS DE AMIGO:
OS ARQUÉTIPOS E A TRADIÇÃO**

LUCIANA STEGACINO PICCHIO
Università degli studi di Roma "La Sapienza"

1 Num pequeno texto que escrevi para *Cultura*, o suplemento que a *Revista de Galiza* dedicou em 12 de Maio ao dia das Letras galegas e aos jograis da Ría de Vigo, eu disse há dias que este belo Congresso, a realizar sob o título sugestivo de *O mar das cantigas*, entrava na onda que embala muitas das iniciativas culturais deste fim do século. E acrescentei que, enquanto Portugal com a grandiosa Expo 98, a inaugurar por estes dias em Lisboa, celebrava epicamente os Oceanos da sua aventura marítima dos séculos XV e XVI, a Galícia dispunha-se a cantar líricamente na Ilha de San Simón o seu mar das cantigas. Mar só mar, mar anterior a qualquer descoberta e conquista, mar caseiro povoado de vozes e imagens femininas que trovadores, segreiros e jograis celebraram um dia nas suas cantigas de amor e de amigo. Mar "unido e vasto e interminável no seu sossego azul do sol", como dirá Pessoa no seu *Cancioneiro*. Mar do jogral Mendinho visualizando a sua donzela que não sabia remar, que não tinha barqueiro nem remador e esperava o amigo na ermida deste ilheu de San Simón, cercada das ondas grandes do mar (ou do mare, como propunha Celso Cunha, estrênuo defensor do e paragógico). Mar do jogral Martin Codax suscitando nos seus versos irmãs fremeosas a mirar as ondas desde a igreja de Vigo, onde é o mar salido. Mar do jogral Johan de Cangas cuja triste coitada, na ermida de São Mamede do Mar, pro-

Um dos mais recentes ensaios sobre lírica galego-portuguesa, Santiago de Compostela, 1997
Em cima: *O Diálogo em louvor da nossa linguagem* de João de Barros, Roma-Modena 1959 e *Martin Moya, Le poesie*, Roma, 1968.

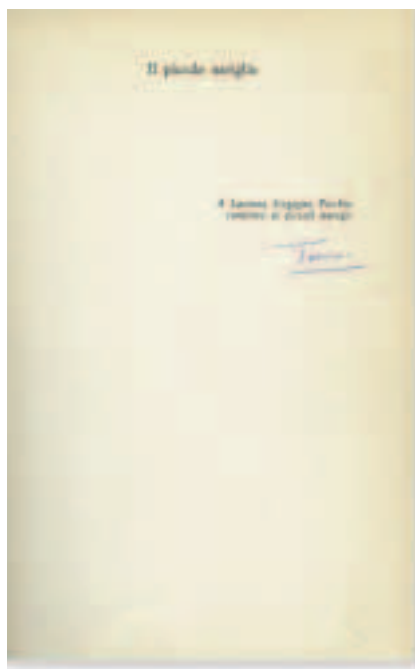
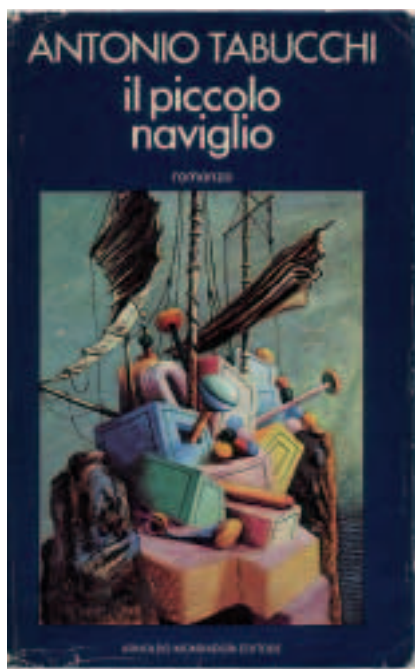


Amizades pisanas 18

A.M. Tem início naqueles anos, se não me engano, também a tua amizade com Antonio Tabucchi?

L.S.P. É verdade, conheci o Antonio logo nos meus primeiros anos em Pisa: ele por volta de 1963-1964 e, depois, a sua futura mulher, Maria José de Lancastre. O Antonio era um rapazinho loiro que começara a frequentar as minhas aulas de Português no Palazzo Ricci, sede da Faculdade de Letras. Descobri que ele escrevia e tornámo-nos amigos: uma amizade que se intensificou e se tornou convívio quotidiano nos meus dias de Pisa, quando se nos juntou, vindo para frequentar a Universidade, a Maria José – para nós simplesmente a Zé, uma atenuação da sua altissonante genealogia. Foi com o Antonio e a Zé que conheci os Alpes Apuanos e as pe-

dreiras de mármore da Colonnata; e foi com eles que mantive o diálogo mais participado e cúmplice sobre uma literatura como a portuguesa que em Pisa, para além da faixa medieval e, de certo modo, da quinhentista (Silvio Pellegrini era também camonista), quase ninguém conhecia. Cheguei ainda a ver o Antonio licenciado em Língua e Literatura Portuguesa com uma tese sobre o Surrealismo português, logo de seguida publicada pela editora Einaudi. A Zé formou-se dois anos depois e agora ocupa a cátedra que eu inaugurara na Faculdade de Línguas, ao passo que o Antonio, depois de um peregrinar universitário, acabou por se fixar com satisfação na Universidade de Siena. Naquele luminoso e tumultuoso 1968, ainda cheguei a participar na primavera pisana do Movimento dos Estudantes



Il piccolo naviglio de Antonio Tabucchi e a sua dedicatória em 1978.

Em baixo: Antonio Tabucchi e Maria José de Lancaster, Pisa, 1968.

Com Maria José de Lancaster e Alberto da Costa e Silva, Roma, 1980

tes: um 68 do qual ainda falámos e sentimos saudades, menos pelas ideologias que agora nos parecem desfocadas e impossíveis de partilhar, do que pelo entusiasmo e ânsia de renovação que nos animavam. Pouco depois, transferi-me definitivamente para a Universidade de Roma, que nessa altura era uma só, herdeira do antigo *Studium Urbis*, que só mais tarde voltaria a recuperar o seu antigo nome, “La Sapienza”, para se distinguir das no-

vas Universidades, criadas posteriormente. Mas com o Antonio e a Zé sempre foi, e ainda é, amizade familiar e quotidiana, e a coisa que mais me fez feliz naqueles anos, em que o Antonio rapidamente saltava as etapas da fama, hoje universal e incontestável, de escritor, foi a dedicatória posta em 1978 no frontispício do seu segundo romance, *Il piccolo naviglio*: “A Luciana S.P. conforto ai piccoli navigli”, conforto dos pequenos navios.





Os estudos sobre o teatro e a *História do teatro português*

19

A.M. Publicaste durante os anos em Pisa a tua *História do Teatro Português* e a maior parte dos teus estudos sobre Gil Vicente, não foi?

L.S.P. Naqueles primeiros anos em Pisa, enquanto, em Roma, eu continuava como redactora interna da *Enciclopedia dello Spettacolo* (onde permaneci até ao fim, em 1965) ocupava-me também na Universidade não só da lírica galego-portuguesa de Pellegrini, mas, sobretudo, do teatro. Dava cursos e orientava teses, principalmente sobre Gil Vicente, o primeiro autor português que me fascinara e do qual, em 1963, publiquei uma edição crítica

do *Pranto de Maria Parda*, tendo como base a “folha volante” da *Colleção Palha*. Colaborando com a *Enciclopedia*, recolhera muito material sobre o teatro português, inclusive o novo, e posso dizer que o teatro era então o meu interesse principal. Em 1961, organizei em Pisa, ainda sob a direcção de Silvio Pellegriani, um Congresso de Estudos portugueses e brasileiros, para o qual convidámos também Claude-Henri Frèches, então Director em Roma do Liceu Francês Chateaubriand, e futuro autor da *História do teatro neolatino em Portugal*. A minha *Storia del teatro portoghese*, a primeira do género no nosso século,

Promoção da *História do teatro português*

Na página seguinte, em baixo, alguns livros dedicados ao teatro português: o *Profilo storico della letteratura drammatica portoghese*, Milão, 1967; as *Quatro lições sobre o teatro português*, Lisboa, 1967; o *Pranto de Maria Parda* de Gil Vicente, Nápoles, 1963 e as *Ricerche sul teatro portoghese*, Roma, 1969

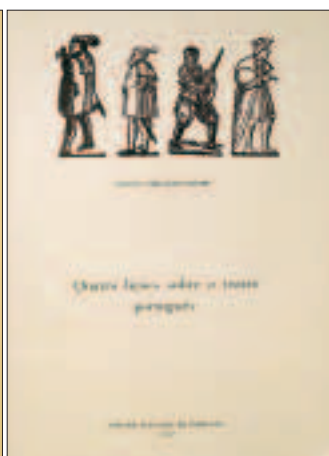
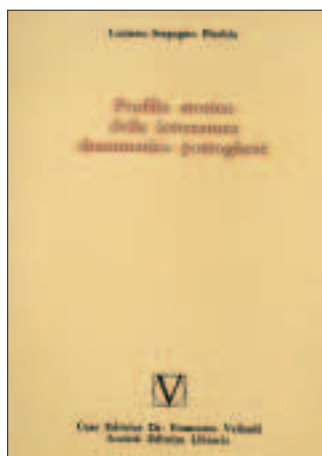
foi publicada em Roma, em 1964, na colecção “Officina Romanica”, dirigida por um filólogo que era também, na altura, um grande amigo, Aurelio Roncaglia. Publicou-se numa bela edição ilustrada, há muito esgotada, que os amigos portugueses me incentivam hoje, após quase quarenta anos, a reeditar actualizada. Chegarei a fazê-lo? Conseguirei recuperar a atmosfera de entusiasmo e de cultura actual que me sugeria paralelismos intertextuais europeus, sempre tendo em vista a peculiaridade do modelo português? A experiência enciclopédica aconselhara-me já então a escolher como objecto de estudo, não a história da literatura teatral, como era de praxe na época, mas a história do espectáculo teatral português. O que permitiu que eu me dedicasse também aos períodos mais estéreis de criações poéticas originais, substituindo à história literária dos textos uma história, digamos, sociológica, do costume teatral urbano. Mesmo assim, contudo, pelas evidentes lacunas, já naquele momento detectadas por mim, e por tudo o que surgiu depois, creio que, sem desorganizar a estrutura da obra, seria necessário muito trabalho. A *Storia*, no entanto, foi bem recebida também em Portugal. Graças a ela ganhei novos amigos, entre os quais realço



A primeira edição da *Storia del teatro portoghese*, Roma, 1964.

Luiz Francisco Rebello, crítico teatral e dramaturgo português, também autor de uma bela história do teatro português e de tantas outras obras dedicadas ao teatro. Nunca houve entre nós a menor rivalidade: pelo contrário, houve da parte dele uma grande generosidade em avaliar o que uma estrangeira pudera ver ou intuir sobre o seu teatro nacional. Foi assim que os amigos promoveram a tradução do meu livro, realizada por um jovem e competente pesquisador, em Itália naquele período, Manuel de Lucena, que traduziu em bom português a minha prosa italiana. Assim, em

1969, estava a Lisboa a lançar a edição portuguesa, corrigida e aumentada, da *História do teatro português*, publicada com muito bom gosto pela Editora Portugália, com o mesmo conjunto de ilustrações da edição italiana. E foi também nessa altura uma festa da amizade, com muita gente conhecida de novo e uma volta instrutiva e divertida pelas principais cidades de Portugal, de Lisboa ao Porto, de Coimbra a Évora, para apresentar aquele meu trabalho. Sentia, por todo o lado, o calor da amizade e da cumplicidade, embora o meu livro não contivesse nada de pouco ortodoxo para a política do tempo. Mas, nessa altura, tudo era pretexto para tudo. E já o tinha visto no ano anterior, quando, convidada por Jacinto do Prado Coelho para dar quatro aulas na Universidade sobre o teatro português, me encontrei de repente diante de uma multidão de alunos e de personalidades da cultura. Foram aumentando a cada dia e colhiam aquela como qualquer outra ocasião para protestar contra a censura: censura essa que, no teatro, era ainda mais patente do que nas outras áreas. As aulas que dei em Lisboa foram publicadas nesse mesmo ano em português e depois, em 1979, coligidas em italiano no volume *Ricerche sul teatro portoghese*,





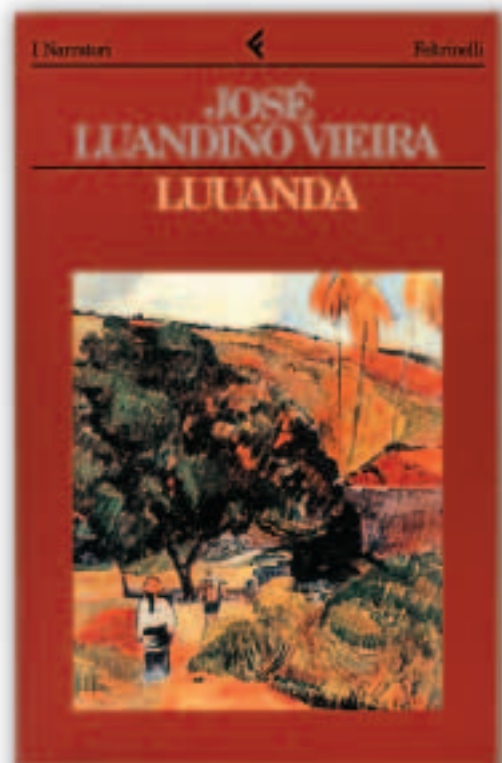
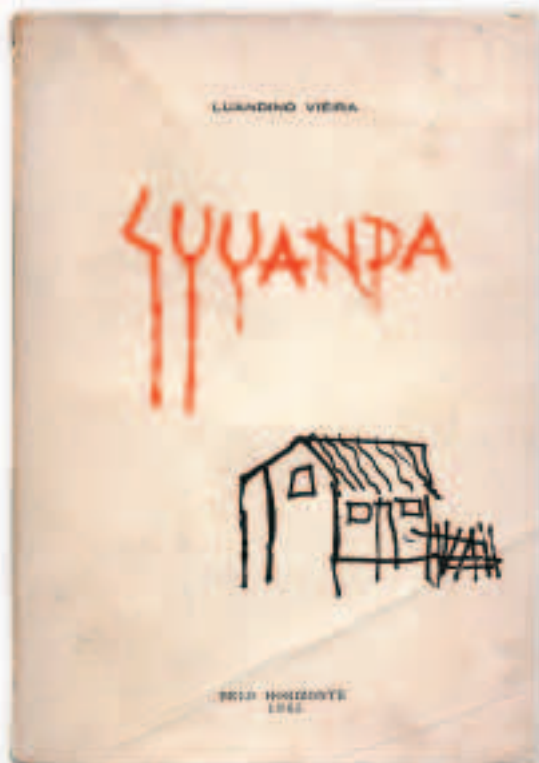
Com Luiz Francisco Rebello e com Manuel Rodrigues Lapa no lançamento da *História do teatro português*, Lisboa, 1969. Em baixo: *A História do teatro português* nas montras das livrarias de Lisboa, 1969. Assinando *A História do teatro português* para o Mestre Lopes Graça

onde eu recolhia todos os meus estudos sobre o teatro realizados até então e que mantêm talvez, ainda hoje, a sua actualidade. Assim como talvez conserve a sua validade o *Profilo storico della letteratura drammatica portoghese*, obra muito mais concisa que fiz em 1967 para a História universal do teatro da editora Vallardi. De Gil Vicente, conti-

nuei a ocupar-me até hoje, porque estou convencida da absoluta originalidade deste autor, não só no teatro português, mas também europeu. É pena que o seu expressionismo linguístico, aquela sua língua estudada com tanta profundidade e criatividade pelo estudioso francês Paul Teyssier, e as suas alusões crípticas a realidades palacianas hoje

tão distantes da nossa informação actual, o tornem por vezes intraduzível, até mesmo impossível de exportar para um outro universo linguístico e cultural. Ao Congresso Internacional, promovido em Lisboa em Dezembro de 1965, por ocasião do V centenário do nascimento de Gil Vicente, ligam-se porém tantas outras recordações.





“Intermezzo” político-trovaresco

20

A.M. Recordações políticas?

L.S.P. Também, mas não só. A primeira recordação é a do clamoroso encerramento por parte de Salazar, justamente naqueles dias, da Sociedade Portuguesa de Escritores que, sob a presidência de Jacinto do Prado Coelho, tivera a audácia de premiar o livro *Luuanda*, de Luandino Vieira, preso por terrorismo no Tarrafal. Todos nós, do Congresso, tomámos posição, cada um segundo as suas próprias convicções, perante este acontecimento: e isto provocou cisões e reforços de amizades. Mas o Congresso continuava e durante as longas sessões de comunicações, um extraordinário Vitorino Nemésio, “jo-

gral sem dono”, enviava-me breves poemas em estilo lírica galego-portuguesa. Tenho pena de não ter guardado cópia dos meus textos. Mas os seus, tenho-os ainda, quase todos. Releio-os hoje com um sorriso de saudade: “Luciana, dulce amica,/Piemontesa gentil,/Só com ‘medês’ e ‘samica’/Rima tão bem como Gil”. “A cantiga do ‘ficades’/‘Trobar clus’ límpido e terso,/Fica no meu coração./Como cantiga de berço:/ Mão Que tão bem embalades/De pastori-nha de terço!”. Ou ainda, com caneta vermelha: “Eu só gosto de simpósios/ /Róseos./Embora o diga a vermelho/ /Como sangue de coelho/ Velho”. E, com o problema Luandino, aquele nosso simpósio não era nada róseo.

A primeira edição brasileira de *Luuanda*, 1965, e a tradução italiana por Rita Desti



Estudos medievistas e de lírica galego-portuguesa

21

A.M. Os poemas galego-portugueses de Vitorino Nemésio lembram-me que, além do teatro, um dos teus interesses, durante os anos de Pisa, bem integrada como estavas num Instituto de Estudos filológicos e medievistas, era a lírica galego-portuguesa. Por que não falamos sobre isso?

L.S.P. Um dos meus primeiros campos de interesse depois do teatro, em Pisa, estimulada por Silvio Pellegrini e pelos seus seminários, foi, como dissémos, a lírica galego-portuguesa. Já falei da emoção que senti a primeira vez que tive entre as mãos o *Cancioneiro Vaticano*.

Comecei com uma recensão sobre a edição do *Cancioneiro de Martin Codax*, da autoria do filólogo brasileiro Celso Cunha. Também Celso, que eu tinha conhecido como quase todos os outros em Salvador da Bahia, durante o Congresso de 1959, passará a ser, a partir daquele momento, um dos meus amigos mais queridos. Du-



No Rio com o filólogo e latinista Antônio Salles, 1977
Em baixo: *A Lição do texto*, Lisboa, 1979

rante muitos anos, sempre que ia ao Rio, ficava hospedada na sua bela casa, em Humaitá, onde podia consultar a extraordinária biblioteca que possuía, hoje património da “nossa” Universidade Federal do Rio, e era recebida como uma irmã naquele círculo de grandes afeições familiares, de pessoas com nomes iniciados todos por C, desde os dos pais, Celso e Cinira, aos das quatro filhas, Cilene, Clara, Célia e Cleonice. Quando penso em tudo isto, acho que poderíamos ter estruturado esta nossa revisitação de compartimentos da memória a partir das casas

portuguesas, brasileiras, francesas e americanas em que, durante todos estes anos, fui recebida carinhosamente, às vezes por longos períodos, em que nunca me senti estrangeira, como talvez tivesse acontecido se ficasse hospedada num hotel de cinco estrelas. Porque, por toda parte, com exceção talvez só de Cambridge, na casa de Roman e Krystyna Jakobson, eu podia falar português, e esta minha língua segunda, esta minha língua outra, tornava-se o passaporte para todas as relações humanas. Basta fechar os olhos e eis que fluem as lembranças, as casas, os quartos, as cozinhas, o sabor, a cor, os cheiros da comida. Mas também os rostos, os sorrisos, os olhares dos que hoje (e são tantos) já não estão entre nós. Em Lisboa, a casa de Jorge e Sara Alarcão em Alvalade, a casa de Lena e José Albuquerque em Campo de Ourique, a casa de Isabel Allegro no Campo de Sant’Ana; na Bahia, as casas de Jorge Amado e de Zélia na Rua Alagoinhas e na Rua do Lagarto Azul, 2000; em Brasília, a casa de Alberto Costa e Silva e de Verinha; em São Paulo, as casas de Antônio Cândido, de Alexandre Eulálio e de José e Guita Mindlin; em Cambridge, Massachussets, a casa de Roman Jakobson e de Krystyna; em

Santa Bárbara, Califórnia, a casa de Jorge e Mécia de Sena. Mas também em Paris, o quartinho da Fundação Gulbenkian, no segundo andar, Avenue d’Iéna, onde durante anos me acolheu a amizade de José Vitorino de Pina Martins, de José Augusto França e de Maria de Lourdes Belchior. Teriam sido os mesmos, o meu Portugal, o meu Brasil, a minha Califórnia, se os tivesse visto a partir de outros observatórios, sem este filtro afectivo de amizade e de convivência?

No Rio, em casa do Celso, tive conversas privilegiadas sobre a lírica galego-portuguesa, noites adentro, com esse grande filólogo que vivia de noite e dormia de dia, e que, como Eugenio Asensio e mais tarde José Mindlin, tinha sempre na sua biblioteca o livro de que estávamos a falar, a edição raríssima que ele acariciava sorrindo com o amor exclusivo do bibliófilo. Com Celso Cunha, conversei sobre as minhas edições medievistas de *Vidal Judeu de Elvas*, de 1962, da *Serrana de Sintra*, de 1966, da *Cantiga dos olhos verdes*, um dos textos mais divertidos entre os estudados por mim. Falámos do *Cancioneiro de Martin Moya / Moxa*, um trovador moralista, cujo nome muda segundo o



O interlocutor privilegiado de toda a vida, o filólogo brasileiro Celso Ferreira da Cunha



humor dos seus exegetas. Antes de publicá-lo, conversei longamente, com base nos manuscritos, sobre a decisão a tomar, submetendo-a à interpretação de um competente filólogo, então meu amigo, que a defendeu depois vivamente numa sua recensão imediata, embora mais tarde, quando o vento mudou de direcção, a atacasse sem tréguas. O que realmente contava nesse cancionero não era, porém, a discussão a respeito do nome, a propósito do qual eu hoje até poderia mudar de opinião, mas o resto. Esse resto, talvez o desejo de ler os textos da lírica galego-portuguesa como obras de poesia, e não apenas como exemplares filológicos, Celso dizia que o detectara também em outros trabalhos meus: desde o de 1975, dedicado ao papagaio do rei D. Dinis até à reflexão sobre o método filológico que eu tinha exposto justamente ali no Brasil, no Congresso Internacional de Filologia de Niterói, em 1973, e que, a partir de então, publicada em várias línguas, daria origem a algumas, para mim, interessantes dis-

cussões. Retomei os estudos sobre a lírica galego-portuguesa nos anos Oitenta e continuo até hoje, participando, em várias ocasiões na Galiza, em Ourense, Santiago, Vigo, Corunha, nos Congressos Internacionais sobre Literatura medieval galega e portuguesa. E também aqui, a descoberta de um mundo novo, que já entrevira nas frequentes e familiares andanças pelos caminhos de Santiago: o fascínio das igrejas visigóticas, a chegada, numa noite de Agosto, à praça iluminada de Compostela, o Pórtico da Glória, o bordão do peregrino. A língua igual e diferente, Merlim e os cavaleiros do Rei Artur entre nós. E, também aqui, o amigo único: Ramón Piñeiro, o doce filósofo da saudade, que ia visitar lá no alto na sua casa de Gelmírez, onde a mesa estava sempre posta para o hóspede peregrino. É verdade que há outras pessoas que a lírica galego-portuguesa me fez conhecer e amar. Penso, por exemplo, num filólogo e homem político como Rodrigues Lapa, com quem mantive, desde os primeiros anos de

Pisa, uma afectuosa correspondência, e depois uma grande amizade, que durou até à sua morte, em 1989. Esta amizade era renovada em cada viagem minha a Portugal pelas pontuais visitas a Anadia, onde me aguardava sempre, com o brusco abraço do Mestre, o ritual do leitão assado. Recordo Rodrigues Lapa com reconhecimento e gratidão, pois comentou, linha por linha, todos os meus trabalhos, não só nas cartas, mas publicamente, nas suas obras magistrais, das *Lições de Literatura portuguesa* à monumental edição das *Cantigas d'escárnio e de maldizer*. Mas lembro-o especialmente, porque, quando em 1969, eu, ainda quase desconhecida em Portugal, apresentava a minha *História do teatro português*, ele, de volta do exílio brasileiro, a dirigir nesses dias em Aveiro o Congresso Democrático, sinal de uma revolução que só em 1974 se concretizaria, veio de propósito a Lisboa, irrompendo na sala onde se lançava o livro, para dar à manifestação o peso da sua amizade e autoridade.



A experiência central.

Roman Jakobson e o estruturalismo

22

A.M. Naquela mesma primavera de 1968, enquanto estavas ainda na Universidade de Pisa, já se iniciara contudo uma nova aventura intelectual e humana na tua vida de estudiosa. Nesse ano, de facto, foste chamada pelo grande linguista russo-americano, Roman Jakobson, para colaborar com ele numa pesquisa na área do português. Disseste e escreveste muitas vezes que o encontro com Jakobson foi para ti fundamental. E que ter trabalhado com ele e, sobretudo, ter feito parte do seu mundo científico e humano, foi um dos pontos cruciais da tua vida. Quais foram as etapas desta experiência, que se concluirá, acho, só em 1983, com a morte de Jakobson?

L.S.P. Tens razão, a amizade com Roman Jakobson, a sua lição, mas sobretudo o privilégio da convivência na casa dele e de Krystyna, foram um dos mais belos episódios da minha vida e, ao mesmo tempo, uma experiência crucial. Cheguei a Cambridge, Mass. numa noite de Abril de 1968, recebida no aeroporto de Boston pelo meu irmão Riccardo que, naquele período, depois de ter leccionado em New York e em Boston, era professor de Literaturas Eslavas Comparadas na Yale University de New Haven, cidade para a qual se transferira com a sua mulher, Maria (Maria Simonelli, italianista e danzista). Fomos até Scott Street, até àquela moradia branca, circundada



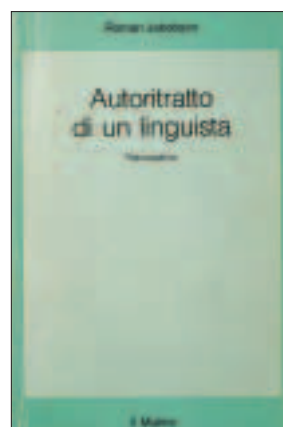
Roman Jakobson e Krystyna Pomorska, Cambridge, Mass. 1978

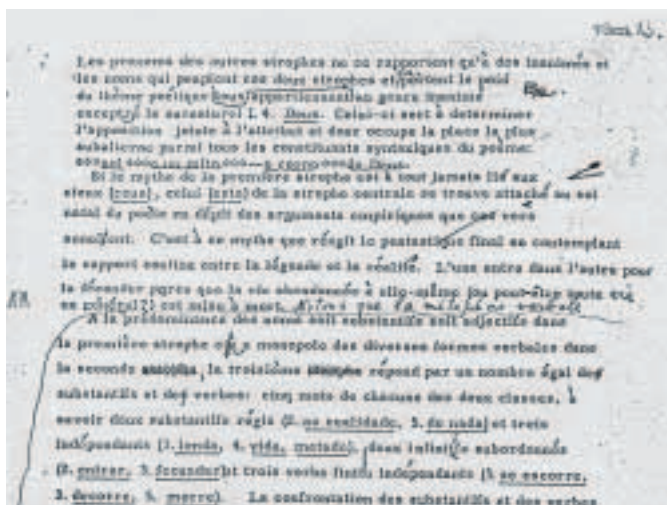
por um muro alto, onde tantas vezes havia de voltar. Jakobson e Krystyna estavam no jardim e a primeira coisa que vi, antes deles, foi um esquilo que corria sobre o muro com a sua cauda comprida. Krystyna (Krystyna Pomorska, polaca, estudiosa de futurismo russo e terceira mulher de Roman) era loira, com cabelo à pajem, sorridente. “Francês, inglês, polaco, russo, italiano?”, perguntou-me. Tinha uma extraordinária facilidade para as línguas e, alguns anos depois daquela nossa primeira tarde, falaria com efeito um ótimo italiano. Também Roman veio ao nosso encontro, e reconheci imediatamente aquela fronte alta, aqueles cabelos hirsutos branco-arruivados, aqueles olhos como semáforos, que já me tinham impressionado em Roma, quando a Faculdade de Letras lhe tinha dado um doutoramento *honoris causa*. Ficou decidido que eu não iria para a casa do meu irmão, ficaria hospedada ali

mesmo, na mansarda deles, para poder trabalhar mais facilmente com o Mestre. E logo na manhã seguinte, começámos. O estruturalismo, do qual Jakobson era então um dos expoentes mais ilustres, tinha-se difundido também na Itália, onde, a partir dos anos Sessenta, foram sobretudo os directores de *Strumenti critici*, D’Arco Silvio Avalle, Maria Corti, Cesare Segre, e Dante Isella a divulgá-lo. Amigos, com os quais me iniciara eu também no estruturalismo e na semiologia. Mas, naquela manhã, em casa de Jakobson, sentia-me literalmente aterrorizada. “Ele agora vai perceber que eu não sei nada”, dizia para comigo, enquanto na minha cabeça a metáfora

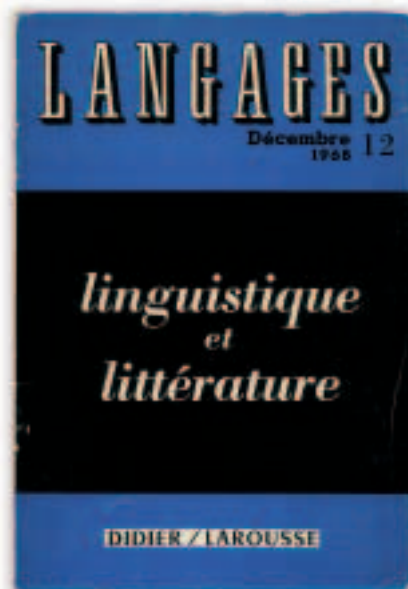
chocava com a metonímia. Entretanto, Roman, com quem falei sempre em francês, dizia-me: “Gostaria de fazer contigo um estudo sobre um texto português. O que é que trouxeste?” E eu que, ainda em Itália, pensando nas suas oposições binárias, preparara um famoso soneto que me parecera ideal para uma análise daquele tipo, respondi: “O soneto 113, Babilónia e Sion de Camões”. “Lê e traduz”. Jakobson não sabia português, mas com a sua sabedoria de linguista, era capaz de intuir e de apreciar todas as nuances desta língua. Fiz o que ele pediu. “Conta as sílabas de cada segmento”. “Onze ou dez, se contarmos à francesa”. “Conta os segmentos”. “Catorze”, murmurei confusa. “Vê se há recorrências”. “As rimas, sim, porque é um soneto”, disse, já quase a chorar. “Vês que não percebeste nada?”, sorriu ele. Não deveria saber previamente que era um soneto. Deveria só descrever o objecto poético. Primeira aula de estranhamento, de *ostranienie*. Acabamos por escolher um texto da *Mensagem* de Fernando Pessoa, o *Ulysses*. O ensaio foi publicado nesse mesmo ano na revista *Langages* em Paris, e eu estou convencida de que a repentina fama que Fernando Pessoa obteve em França começou com esse artigo, porque um linguista e crítico de fama como Roman Jakobson se interessara por

O *Autoritratto di un linguista* de Roman Jakobson na tradução italiana, 1987, e o primeiro volume da *Méthode Philologique* prefaciado por Roman Jakobson, Paris, 1982





O texto do trabalho sobre o *Ulysses* de Pessoa com as correções de Roman Jakobson e a revista *Langages* onde, em 1968, foi publicado o trabalho de Roman Jakobson e LSP sobre o *Ulysses* de Pessoa



aquele poeta português tão estranho. Uma verdadeira mitologia envolvia a figura de Roman, feita de anedotas e de recordações. Naquela casa, ou indo com Roman e Krystyna a Paris, ou viajando com eles no verão pelos lagos da Suíça, conheci algumas das personalidades mais relevantes daqueles anos, de Claude Lévi-Strauss a Jacques Lacan, de Sebeok, o linguista etólogo, que me explicou o bilinguismo dos animais, a Julia Kristeva. Quanto eu leccionava na Califórnia, Roman telefonava-me de manhãzinha cedo, esquecendo-se talvez do diferente fuso horário. Mas era sempre maravilhoso ouvir a sua voz, que irrompia: “Comment vas-tu?”. Quando José V. Pina Martins, o grande estudioso italianista, então director da Fundação Gulbenkian de Paris, e um dos meus mais antigos e fiéis amigos portugueses, decidiu publicar na Collecção da Fundação uma bela antologia dos meus estudos portugueses traduzidos para francês, Roman, já então doente, quis fazer, sem que eu lho solicitasse, o prefácio. Ainda hoje considero aqueles dois volumes da *Méthode Philologique*, publicados em Paris, em 1982, uma das coisas

mais significativas que consegui realizar. A última vez que vi Roman foi em Cambridge, de regresso da Califórnia. Combinámos que eu me ocuparia da tradução italiana dos seus *Retrospects*: um volume que sairia somente em 1987, publicado pela Mulino de Bolonha. Ele já estava numa cadeira de rodas, mas anunciou-me, feliz, que nos reencontraríamos na Europa, daí a pouco tempo, em Heidelberg, onde lhe tinham dado o Prémio Hegel. E ainda brincou: “Para mim, binário, um prémio ternário...”. E em vez disso, poucos dias depois, chegou o telefonema dos Estados Unidos, de Umberto Eco, comunicando que Roman



tinha falecido. À distância de alguns meses, Krystyna veio a Roma e fomos juntas a Cassino, para visitar o cemitério polaco dos soldados mortos na II Guerra Mundial. Mas ela sentia-se muito cansada e foi justamente em Roma que lhe diagnosticaram a leucemia. Faleceu apenas três anos depois de Roman, em Novembro de 1986, mas até ao fim acompanhou o nosso trabalho. Nós, pouquíssimos, tínhamos organizado um grande Congresso Internacional no qual ela esperava poder participar pessoalmente, e não só com a comunicação, que nos enviou pontualmente. O Congresso em honra de Roman viria a concretizar-se em Roma, justamente naquele Novembro de 1986, com um inesperado sucesso junto do público e da crítica.

Roman Jakobson com Riccardo Picchio, Yale University, New Haven, 1980



Fernando Pessoa na nossa vida

23

A.M. O primeiro trabalho que realizei com Roman Jakobson foi, como vimos, o ensaio sobre o Ulysses de Fernando Pessoa. Mas quando é que entrou na tua vida de estudiosa e de lusitanista este inquietante Pessoa, que marcou tantos escritores e leitores do mundo inteiro, a começar por Antonio Tabucchi, na Itália?

L.S.P. Eu comecei a ouvir falar de Pessoa muito cedo. Durante a minha primeira viagem a Portugal, conheci e tornara-me amiga de Jacinto

do Prado Coelho, um crítico universitário português que fora o primeiro a ousar, já em 1949, propor como tema de uma sua tese académica um livro como *Diversidade e Unidade de Fernando Pessoa*. Seria Prado Coelho a desvendar-me o mundo fascinante da heteronímia pessoana (naquela época, o problema fundamental dos estudos sobre o poeta). E será ele a apresentar-me um dos poucos críticos estrangeiros ainda vivos que tinham conhecido pessoalmente o poeta e escrito, durante a vida de Pessoa, sobre a sua obra: Pierre Hourcade. Comprei a biografia pessoana de Gaspar Simões e todos os volumes disponíveis da Ática, que o próprio Gaspar Simões e Luís de Montalvor publicavam desde 1942 e que continuei a consultar durante anos, mesmo depois do volume base de referência ter passado a ser, em 1960, a edição brasileira da *Obra completa*, organizada por Maria Alhete Galhoz. Comprei todas as traduções de Armand Guibert, o primeiro a introduzir Pessoa em França, que depois conheci pessoalmente e visitei na sua casa parisiense, na Île Saint-Denis. Em 1964, incluí um capítulo sobre o teatro de Pessoa na minha *Storia del teatro*



portoghese. Dava aulas em Pisa sobre Pessoa e a Geração de Orpheu e, em 1967, publiquei na revista, então de vanguarda, *Strumenti critici*, um longo artigo-recensão sobre a antologia pessoana que um florentino, Luigi Panarese, amigo de Oreste Macrì, dedicara ao poeta. Fazia nele algumas críticas, e Macrì, embora continuasse a querer-me bem, nunca mais mo perdoou. Sobre tudo a par-

tir do momento em que da personagem e da obra de Fernando Pessoa se apropriou, é caso para dizer, o meu ex-aluno e agora amigo Antonio Tabucchi. Publicada na altura oportuna, na bela edição de um grande editor, bem comentada criticamente e bem traduzida por ele e por Maria José de Lancastre, com uma pequena contribuição de Rita Desti, a antologia pessoana *Una sola moltitudine* teve o impacto de uma bomba. Também porque envolvia agora um público diferente e mais vasto do que aquele rigorosamente universitário ao qual, até então, nos tínhamos dirigido. E Antonio Tabucchi, cada vez mais famoso como romancista, e identificado até visualmente com o poeta (os óculos, o bigode, o ar absorto e ausente) terá



Pessoanos na casa Fernando Pessoa, em Lisboa. Ángel Crespo, Eduardo Lourenço, Luciana Stegagno Picchio, Lelia Perrone Moisés, Arnaldo Saraiva.

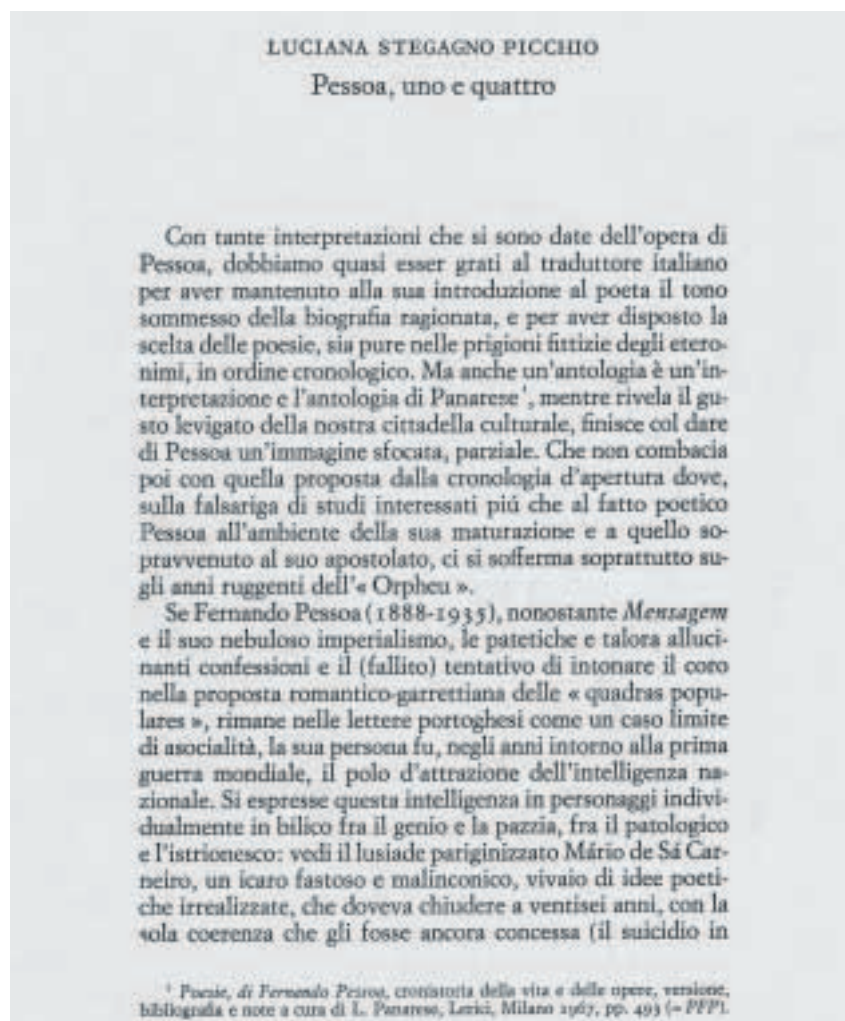
Em cima:
A amizade com Eduardo Lourenço, iniciada sob o signo de Pessoa



Pessoanos em Campinas, Brasil 1985: Eduardo Lourenço, LSP, Alfredo Margarido

Em baixo:

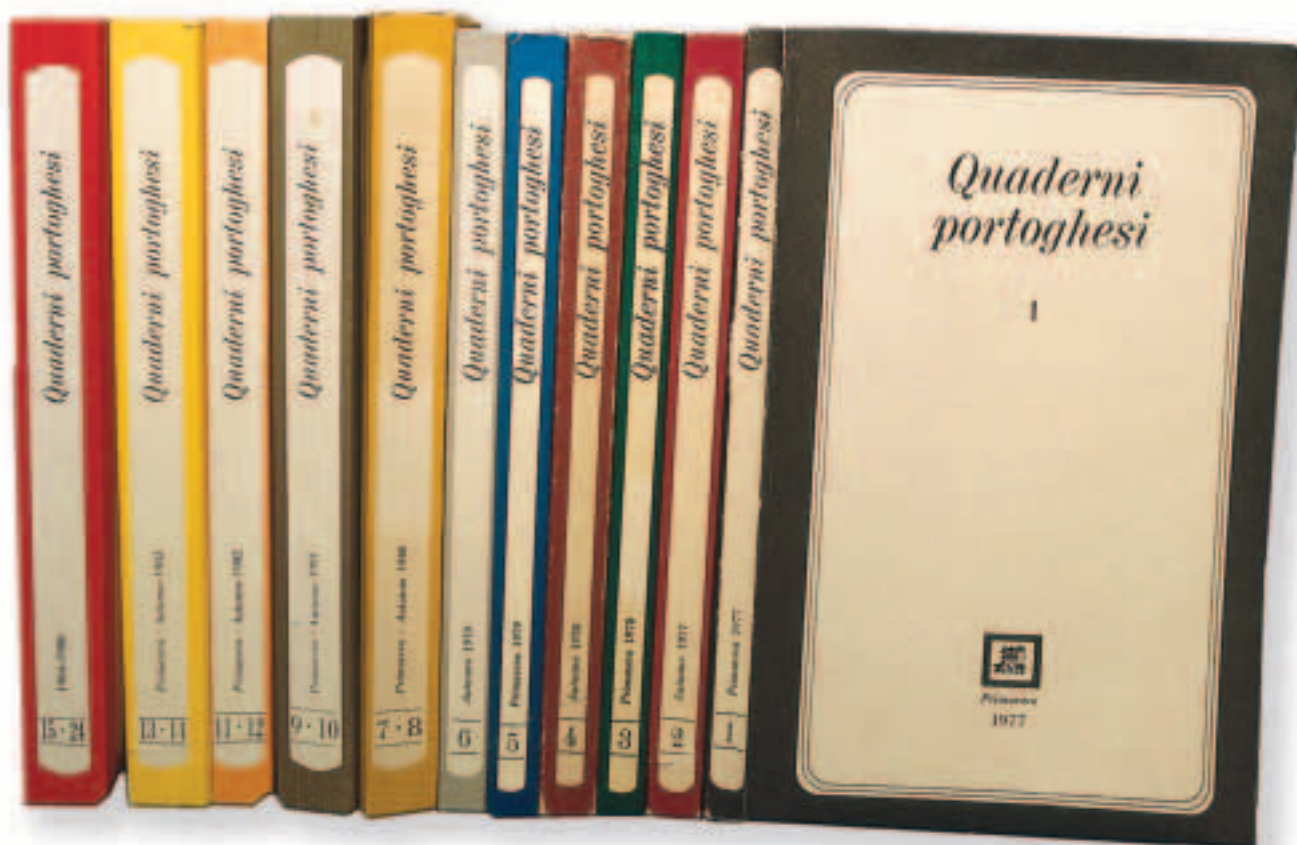
O primeiro ensaio sobre Pessoa, "Pessoa uno e quattro", em *Strumenti Critici*, 4, Turim, 1967



de esperar muitos anos para se libertar da sua sombra inquietante. Quanto a mim, o meu itinerário pessoano foi menos espectacular e mais académico. Em 1975, quando, com Maria de Lourdes Belchior, fui convidada para participar no primeiro curso para a qualificação de professores catedráticos da recém fundada Universidade Nova de Lisboa, Pessoa foi o tema que estreitou a amizade e a solidariedade entre mim e Stephen Reckert, que aliás já era meu interlocutor quotidiano nos estudos sobre Gil Vicente. Mas, sobretudo, Pessoa foi a ponte que consolidou a minha amizade com Eduardo Lourenço, autor de um fun-

damental *Pessoa revisitado*, publicado em 1973, e logo eleito como modelo de todas as novas pesquisas sobre o poeta. O nosso mérito, de Stephen Reckert, de Eduardo Lourenço e meu, foi o de ter atraído para os estudos pessoanos alguns jovens alunos daquele curso memorável, que emergiram pouco depois, como Yvette Centeno, entre os mais originais exegetas de Pessoa. Sem falar de Teresa Rita Lopes, outra pessoana tão querida, conhecida alguns anos antes em Paris e que, enquanto preparava a sua tese sobre o teatro de Pessoa, me forneceu tantas informações úteis para a minha pesquisa posterior.

Em 1985, no Congresso Internacional pelos cinquenta anos da morte do poeta, os portugueses designaram-me como a filóloga mais apta para organizar a edição crítica nacional das obras de Pessoa, retiradas finalmente da famosa arca e instaladas agora na Biblioteca Nacional de Lisboa. Mas eu vivia em Roma e alguns pessoanos da velha guarda portuguesa protestaram publicamente contra a estrangeira que vinha invadir o campo da sua especialidade nacional. Eu confessei publicamente que era, de facto, uma estrangeira e demiti-me com alívio, pondo à disposição da comissão nacional então instituída, no que eu podia, a minha modesta competência de filóloga estrangeira. Desde então, escrevi ainda muito sobre Pessoa, participei de quase todos os congressos sobre o tema e um dia talvez consiga recolher num volume, em italiano e em português, ou em duas versões paralelas que tenham em consideração os diferentes "pontos de vista" e a competência específica dos meus interlocutores, esses ensaios plurilingues publicados em vários lados. Se Deus me der graça e saúde.



Quaderni portoghesi 24

A.M. Não obstante tivesses, há anos, deixado a Universidade de Pisa para te transferires para a de Roma, não tem ainda a ver com Pisa e com a tua amizade com Antonio Tabucchi e Maria José de Lancastre a criação, em 1977, dos *Quaderni portoghesi*, uma revista ainda hoje citadíssima e, acrescento eu, que fiz parte da redacção e não consigo reunir uma sua colecção completa, transformada em caríssima raridade bibliográfica?

L.S.P. Sim, os *Quaderni portoghesi* são hoje uma etapa concluída, mas representaram naquela altura uma bela aventura da amizade e, se quisermos usar as palavras oficiais, da lusitanística italiana. Tudo começou numa noite em Vecchiano, em casa do Antonio e da Zé Tabucchi, onde eu tinha voltado, não sei se em 1975 ou 1976, para um fim de semana de matar saudades. Pensámos fazer uma revista de estudos portugueses,

O primeiro número dos *Quaderni portoghesi*, 1977



só nós três, não sabíamos com que meios, mas com muitas ideias: uma revista rigorosíssima, que partisse da Universidade, mas que não fosse académica, bem escrita, aberta ao moderno e ao diálogo com os amigos literatos, não necessariamente lusitanistas, italianos e estrangeiros. Queríamos dar um sinal, e escrevê-lo-íamos depois no número de abertura, não só aos italianos, que nessa altura sabiam realmente muito pouco sobre Portugal e a literatura portuguesa. Mas queríamos dar este sinal aos próprios portugueses que, com raras excepções, não pareciam ter-se apercebido de como estivesse nascendo entre nós uma nova lusitanística, atenta não só à Idade Média (lírica galego-portuguesa), ou ao Renascimento (Gil Vicente, João de Barros, Camões) ou ao Teatro português, a autores e géneros que nós podíamos ver “de fora”, talvez de modo diferente de como podiam avaliá-los os críticos locais, mas

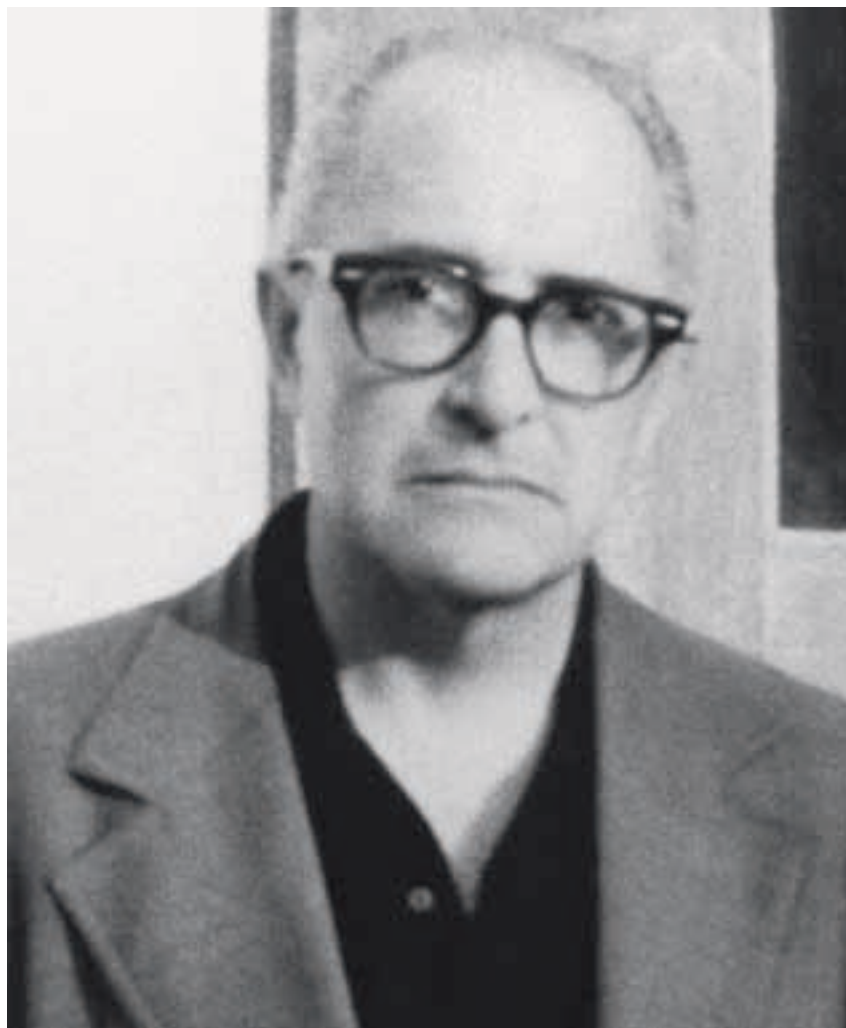
também a fenómenos como Fernando Pessoa, considerado finalmente não já como um caso individual de génio nacional mas, embora na singularidade do seu génio, na sua dimensão de “homem do século XX”. Enquanto organizávamos tudo, entrou para a direcção também Giuliano Macchi, óptimo filólogo e editor de Fernão Lopes e, nessa altura, meu colega em Roma. E com o tempo, entraria também Fernanda Toriello, a lusitanista de Bari. Inventámos uma redacção romana, completamente voluntária e gratuita, baseada só no entusiasmo e na boa vontade. Dela fazia parte, para começar, a minha nora Rita Desti, mulher do meu filho Michele, que embora licenciada em inglês, se tornara uma lusitanista, aprendendo e respirando português aqui em Roma, na nossa casa. Com o passar dos anos, Rita iria ficar uma especialista neste campo, tradutora privilegiada do Prémio Nobel Saramago, assim

como de tantos autores portugueses e brasileiros, por ela apresentados ao nosso público sob a chancela de grandes editoras, como a Einaudi, a Feltrinelli, a Bompiani. Mas, em 1977, Rita só compartilhava a redacção romana dos *Quaderni portoghesi* (a redacção pisana estava entregue a Maria José de Lancastre) com outros dois queridos alunos meus: Silvano Peloso, hoje o meu sucessor na Cátedra de Língua e Literatura portuguesa da Universidade de Roma “La Sapienza”, e Carmen Radulet, também ela uma estudiosa conhecida pelo público português pelos seus estudos sobre a Literatura de Viagens, e professora de português na Università della Tuscia, em Viterbo. Nos últimos números, entrariam ainda, como redactores, Renata Cusmai Belardinelli e também tu, Alessandra, que ainda chegaste a participar com artigos e entrevistas feitas a colaboradores prestígio, como Diego Carpitella. Na revista

colaboraram desde o início, com entusiasmo, os nossos mais queridos amigos portugueses, professores e escritores, de Jorge de Sena a Alexandre O'Neill, de Eduardo Lourenço a Alfredo Margarido, de Jacinto do Prado Coelho a Armando Martins Janeira e a Almeida Faria. E ainda António José Saraiva, José Vitorino Pina Martins, José Augusto França, Yvette Centeno, Alberto Pimenta, Cruzeiro Seixas, Luiz Francisco Rebello, Helder Macedo, João Nuno Alçada. Entre os italianos, Zanzotto e Bausani, Asor Rosa, Brugnoli, Raboni e Sanguineti. Não tivemos nenhuma ajuda económica quer da Universidade de Roma, quer da de Pisa, que, todavia, iriam recolher os aplausos nacionais e internacionais pela iniciativa. Dar-nos-ia um modesto mas essencial auxílio económico durante os primeiros dois anos a Fundação Gulbenkian, que, e posso declará-lo como estrangeira amiga de Portugal, se revelou com o tempo o verdadeiro e muitas vezes único motor de qualquer actividade económica e cultural portuguesa. O resto, fizemos nós, improvisando-nos em agentes editores, promovendo assinaturas da revista entre os nossos amigos e os nossos conhecidos. Anos depois, quando eu leccionava na Califórnia, iria descobrir que a maior parte das bibliotecas universitárias americanas eram nossas assinantes e que se lamentavam pelo preço elevado dos volumes que o editor pisano, seguro da qualidade do produto, impunha. Nós, que não ganhávamos absolutamente nada, que tínhamos transformado em redacções as nossas casas romanas e

pisanas, que escrevíamos cartas, inventávamos os colaboradores, fazíamos ensaios e artigos e traduzíamos os dos estrangeiros, ficávamos felizes quando saía um novo número e nos telefonavam do mundo inteiro com sugestões e elogios. Também gostávamos do aspecto gráfico da revista. A começar pelo título, inventado na esteira não declarada dos *Quaderni dal carcere*, de Antonio Gramsci e dos mais recentes *Quaderni piacentini*. Uma capa sóbria, moderna, desenhada pelo amigo pisano Flavio Vaselli, fundo claro emoldurado por uma faixa, cuja cor variava de número para número; um bom papel, uma impressão elegante em *garamond*, mérito este, devemos reconhecê-lo, do Editor Giardini; formato manejável, sem marcas de dependência ou proveniência, em tudo menos de duzentas páginas nos primeiros cadernos, destinadas depois a crescerem pela nossa incapacidade em conter o número dos colaboradores. E quisemos números temáticos porque, como dissemos no primeiro editorial, estávamos persuadidos de que “os temas têm de ser aprofundados, não abordados superficialmente, até porque os pontos cruciais de uma literatura, de uma cultura, podem ser muitos, mas não são infinitos; e cada época é, alternadamente, solicitada apenas por alguns dos problemas indicados nas épocas anteriores”. Se considerarmos hoje, na perspectiva de tudo o que veio depois, a série dos temas escolhidos e dos números que lhe foram dedicados, podemos constatar que em muitos casos fomos oportunos ou até

mesmo precursores. Eis o elenco: Primavera e Outono de 1977: Fernando Pessoa (1, 2); Primavera de 1978: o Surrealismo Português faz 30 anos (3); Outono de 1978: a Literatura de Viagens (4); Primavera de 1979: a Literatura de Naufrágios (5); Outono de 1979 e Primavera-Outono de 1980: Camões, 4º Centenário (6 e 7-8, número duplo); Primavera e Outono de 1981: Gil Vicente (9-10, número duplo); Primavera e Outono de 1982: o Romanceiro (11-12, número duplo); Primavera e Outono de 1983: Jorge de Sena (13-14, número duplo); 1984-1988: O Diabo na Literatura portuguesa (15-24, número múltiplo). Tínhamos programado dois números por ano e, durante os primeiros anos, conseguimos manter o passo. Depois, aos poucos, fomos submersos pelas dificuldades que acabam por matar muitas das revistas militantes: a Gulbenkian, após dois anos de apoio promocional, como aliás nos anunciara logo de começo, interrompeu o financiamento; o Editor era sempre mais lento e exigente, e nós próprios, empenhados na composição de números internacionais de sempre maior peso científico, começámos a preparar números duplos, a não conseguir respeitar os prazos, até que, em 1989, decidimos concluir a aventura. Os *Quaderni portoghesi* tinham vivido doze anos. Muitos intelectuais italianos, quando citam Fernando Pessoa, vão ainda hoje procurar nas suas bibliotecas os números da revista que, com a antologia de Antonio Tabucchi, lhes tinha aberto um novo cenário europeu. E não é pouco.



Califórnia.
Terra de Lotófagos e de Jorge de Sena

25

A.M. A próxima aventura e a nova mudança de cenário virá com a Califórnia e Santa Bárbara, não é verdade? E é também verdade que, depois da Califórnia, decidiste finalmente publicar um pequeno livro de poemas, gerados naquele clima de esquecimento de tudo, que, não por acaso, intitulaste "La terra dei Loto-fagi"?

Jorge de Sena em Santa Barbara, Califórnia

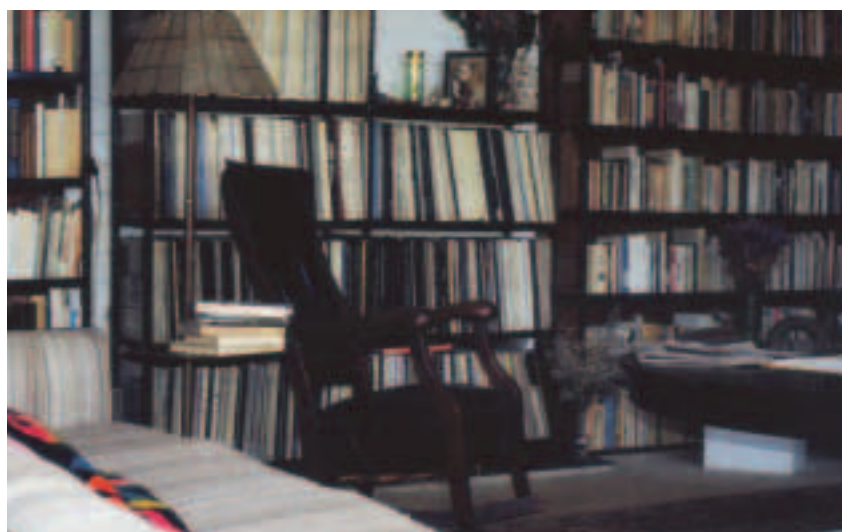
L.S.P. A aventura californiana, se assim quisermos chamá-la, começa em 1976 e começa com Jorge de Sena. Também Jorge de Sena foi um amigo crucial na minha vida. Conheceram-o pessoalmente na Bahia, durante a minha primeira viagem ao Brasil, e ele, embora tivesse apenas quarenta anos, representava já uma das figuras de maior autoridade do

Congresso. Engenheiro, um engenheiro de literatura como o nosso Gadda, antifascista. Fora justamente naqueles dias na Bahia que amadurecera a decisão de não tornar a voltar a Portugal, e de se estabelecer no Brasil como professor de Língua e Literatura portuguesa. Inicialmente, nas Universidades paulistas de Assis e de Araraquara, onde compôs e publicou a maior parte dos seus revolucionários estudos camonianos. Depois, o grande salto para os Estados Unidos, em Madison, e enfim em Santa Barbara, onde em poucos anos ganhou fama e criou uma tradição. Tínhamos ficado sempre amigos, mas por correspondência. E foi a ele que os editores se dirigiram, em 1967, para a badana da edição portuguesa da minha *História do teatro*. Em 1976, convidara-me para um ciclo de conferências em Santa Bárbara. Mas, quando chegámos, o Nino e eu, ao aeroporto, encontramos só a mulher dele, Mécia, também ela desde então e até hoje nossa incomparável amiga. Jorge estava no hospital, com um problema de coração. Mesmo assim, tinha organizado para os amigos italianos uma viagem pelos Estados Unidos como nunca esperaríamos: a Califórnia, de São Diego a São Francisco, o Utah, com os seus grandes rostos de Presidentes, o Novo México, com uma Albuquerque de realidades índias, e ainda o Texas e as Universidades de New England, numa *full immersion* que nos marcará para o resto da vida. Só poucos dias antes de morrer é que diagnosticaram a Jorge um cancro, como me escreveu na sua trágica última carta, a mesma aliás em que respondia às minhas perguntas sobre o Surrealismo Português para o número dos *Quaderni* dedicado ao tema: número que acabou por sair depois da sua morte. Convidada para suceder a Jorge de



Um dos poemas "romanos" de Jorge de Sena dedicados a Luciana e Nino Stegagno, Roma, 1968/69

A biblioteca de Jorge de Sena em Santa Barbara, Califórnia





Sena, na Universidade de Santa Barbara, Maria de Lourdes Belchior lembrou-se de mim e achou que eu poderia substituí-la durante os trimestres que ela teria que passar em Lisboa. Fui a Santa Barbara como professor visitante por duas vezes, em 1980 e em 1981, e depois voltei

lá em 1983 por um semestre. Vivia na grande casa de Jorge de Sena, com Mécia e com os seus filhos. Dava aulas num campus belíssimo, cheio de flores e de jovens que corriam sobre pistas, enquanto lá longe, no alto, as montanhas de Santa Inês pareciam defender-nos do resto do

mundo. Tinha amigos novos que conservei depois para o resto da vida, como Isabel Allegro, então leitora de português e hoje ilustre docente da Universidade Nova de Lisboa; Rip Cohen, um americano, aluno de Jorge de Sena, agora em Lisboa como estudioso, especialista





A tradução italiana do *Físico prodigioso* de Jorge de Sena, Milão, 1987 e o livro de poemas *La terra dei Lotofagi* dedicado à memória de Jorge de Sena, Milão, 1993

e editor de *cantigas de amigo*. Havia ali uma atmosfera de paz e de afastamento de tudo, como nunca mais experimentei em nenhum lugar. Talvez por isso, em Santa Bárbara, nasceram muitas das poesias que publiquei depois, com uma dedicação a Mécia de Sena, no livro que citaste, *La terra dei Lotofagi*. Assim como outras nasceram no Oregon, entre vulcões cobertos de neve e florestas de sequóias, onde o campus era em Eugene e quem me hospede-

dava era um gilvicentista tocador de contrafagote: Thomas Hart. Antes de morrer, em 1978, Jorge de Sena terá contudo ainda tempo de receber aqui em Itália, em 1977, e também neste caso por iniciativa de Ruggero Jacobbi e de um querido e saudoso aluno, Carlo Vittorio Cattaneo, poeta e seu tradutor, o Prémio de poesia Etna-Taormina, o mesmo que, em 1972, fora dado a Murilo Mendes. Nós, os seus amigos, dedicámos-lhe um número inteiro dos

nossos *Quaderni portoghesi*, que ele contribuiu para ilustrar desde o início com a sua competência e amizade. E é por mérito dos seus discípulos e amigos, mas sobretudo da sua companheira de vida, Mécia, editora dos seus inéditos, defensora da sua memória e competentíssima reeditora de toda a sua obra, que a qualidade poética de Jorge de Sena é hoje reconhecida como um dos grandes valores da literatura portuguesa do século XX.

Na página ao lado:
Mécia de Sena, LSP e Maria de Lourdes Belchior em Santa Barbara, 1983.
Com Tom Hart em Eugene, Oregon, 1981.
Em baixo, o túmulo de Jorge de Sena no Calvary Cemetery em Santa Barbara

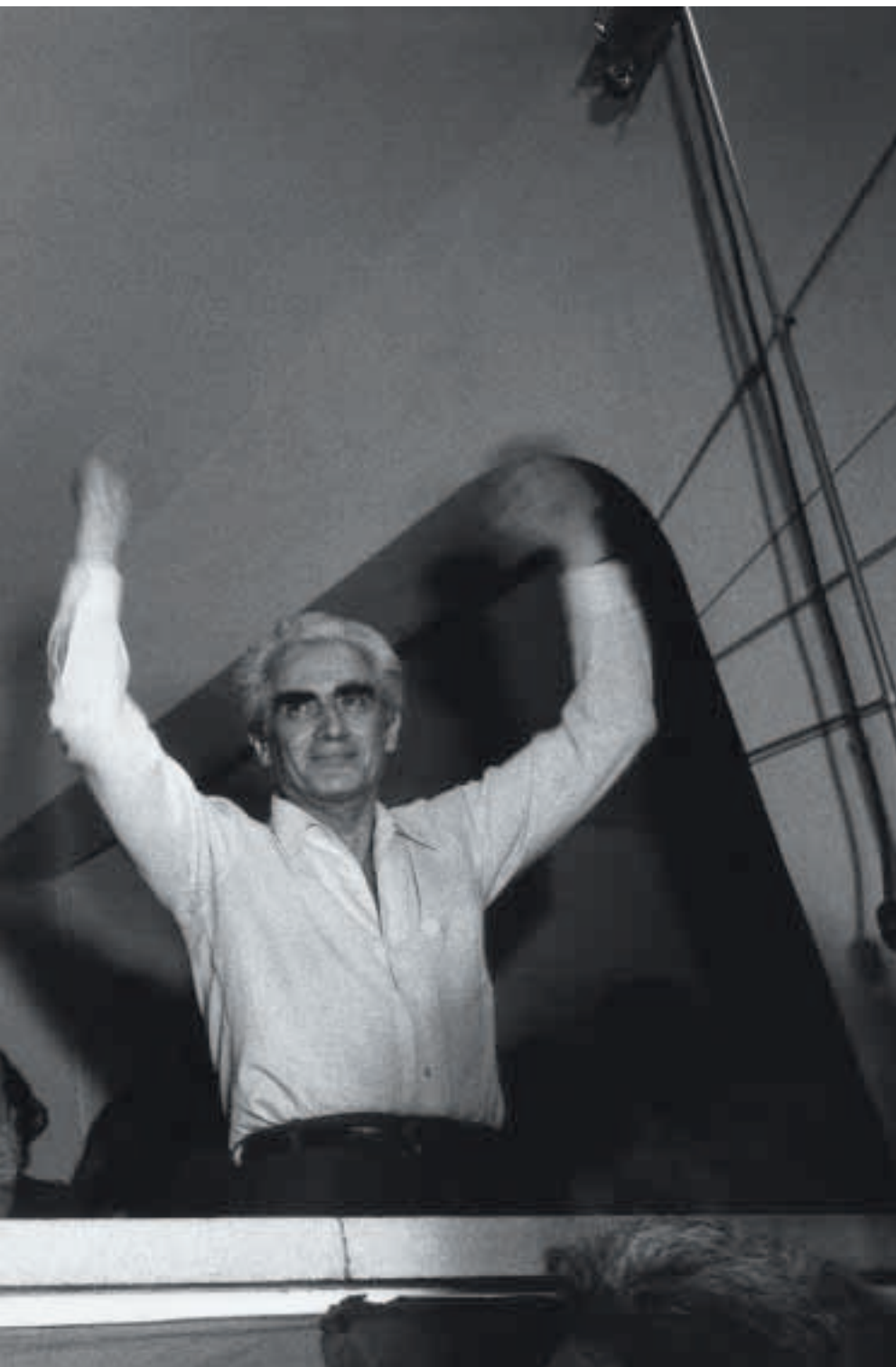


Os dias dos cravos

26

A.M. Um dia, porém, também para Portugal tudo mudou. Uma bela mudança de cenário, dirias tu. Onde estavas naquele 25 de Abril de 1974, quando o país se declarou finalmente livre do salazarismo?

L.S.P. Nessa noite, acordou-me a Zé, que me telefonava de Pisa e me dizia para ligar o rádio. Ouvimos, de madrugada, a “Grândola vila morena”. Logo depois, ainda incrédulos, Nino e eu partimos para a In-



A Revolução dos Cravos.
Primeiro de Maio de 1974 com Mário Soares
e Álvaro Cunhal em Lisboa
(Foto di Guy Le Querrec – Magnum Photos)

glaterra, onde tínhamos sido convidados por Stephen e Dídia Reckert. E lá, durante todo o dia 25 de Abril, vimos na televisão os tanques de guerra com as flores nos canos dos fuzis, a felicidade nos rostos das pes-

soas, vimos personagens emblemáticas, como Sophia de Mello Breyner Andresen, falar da liberdade reconquistada. No dia Primeiro de Maio, estávamos em Lisboa, entre as pessoas que, no grande Estádio, espera-

vam a chegada dos líderes exilados. Reconheci na praça, não obstante tivesse agora uma longa barba de revolucionário, Fernando de Almeida, um amigo que hospedara, quando estava clandestino em Roma com a mulher Isabel (os Reis Católicos, dizíamos), a qual depois, já na Bélgica, me comunicou ter dado à luz uma menina, chamada em minha honra Lucciana. Eu respondi com um telegrama: “Comovida, mas tenho só um c, Luciana”. Mas durante muitos anos foi este o destino do meu nome em Portugal. Abraçávamo-nos com a exaltação do momento. Até que, no Estádio, eles irromperam: Álvaro Cunhal, o comunista, belíssimo, estatuariário sobre o tanque de guerra, com os cabelos brancos ao vento, e o socialista, o meu amigo Mário Soares, com o seu ar de advogado de província. Cunhal leu uma proclamação, Mário falou livremente à sua gente. Tinha-o provavelmente sido sempre, mas, desde então, confirmei a minha identidade socialista.

O Brasil em primeiro plano 27



A primeira edição da *Letteratura brasiliana* da Sansoni-Accademia, Milão-Florença, 1972

Em cima, a edição da Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1997

Na página ao lado, as edições francesa, romena, brasileira e italiana



A.M. Mas por que é que, desde então, começaste a ocupar-te sobretudo de literatura brasileira? Parece até que, uma vez Portugal livre, ficaste desempregada. Gostas da cripto-citação pessoana?

L.S.P. Não, nenhum “desemprego” português. De Portugal, e ainda mais desde então, continuei a ocupar-me humana e literariamente, com ainda maior alegria. Mas é verdade que, a certa altura, a literatura brasileira, que entrara na minha vida com a chegada a Roma de Murilo Mendes, pareceu adquirir maior peso nos meus interesses científicos e académicos. Começou em 1968, logo depois do meu regresso de Pisa, quando uma nova viagem ao Brasil e o contacto com personagens como Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari despertaram o meu entusiasmo pela poesia concreta, que invadia jornais e revistas e envolvia poetas da importância de um Manuel Bandeira. Em 1970, foi a vez de Guimarães Rosa e do *Grande Sertão Veredas*: um livro e uma personagem que me encantaram e estimu-

laram como poucos outros. Conheci Guimarães Rosa no Rio, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, onde ele se ocupava teoricamente de definição de fronteiras: e tinha-me chocado aquela sua máscara de diplomático, o fato sempre perfeito, o *papillon*, o sorriso amável e afastador. E quando chegou a notícia da morte anunciada de Rosa, imediatamente depois do seu discurso de posse na Academia de Letras, como se aquela investidura se tivesse carregado, para ele, de significados e responsabilidades insuportáveis, pareceu-me que cada máscara tinha caído. A convite de Cesare Segre, dediquei ao tema, sempre para a revista *Strumenti critici*, um longo ensaio que me valeu provavelmente o convite de uma das mais prestigiosas personalidades da nossa Universidade, o francês Giovanni Macchia, para escrever uma História da Literatura Brasileira na colecção “Letterature del Mondo”, da Nuova Accademia, de que ele era um dos directores. Vi, nessa aventura, a ocasião de estudar finalmente, como um todo unitário,

aquela literatura que tanto me fascinava, mas que, até então, só conhecia por ilhas. E aceitei.

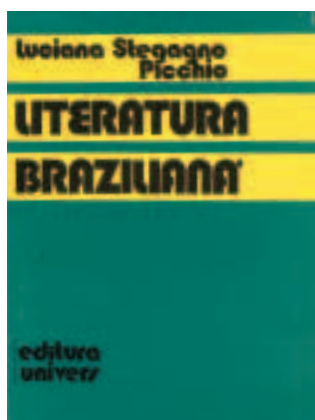
Percebi, todavia, quase imediatamente, que as nossas bibliotecas italianas eram pobres e insuficientes para um trabalho como este. Nessa época, também eu não dispunha ainda do grande número de livros que, a partir de então, comecei a acumular na minha casa de Roma, para assombro e desespero do meu marido. Grande parte do trabalho foi realizado nos Estados Unidos, em Cambridge e em New Haven, nas bibliotecas de Harvard e de Yale, com o conforto da amizade e solidariedade de meu irmão Riccardo e da sua mulher Maria. Inserido numa colecção de prestígio e de grande divulgação, o volume fez sucesso em Itália. Foi traduzido também para romeno, numa bela edição organizada por Marian Papahagi, o meu querido aluno da Universidade de Cluj, que viria a falecer com cinquenta anos apenas, aqui em Roma, já Director da Academia da Roménia, em Janeiro do ano passado. A sua morte foi para mim uma grande dor e penso muitas vezes, hoje, em Marian, na sua inteligência luminosa, na sua extraordinária cultura, no seu incrível plurilinguismo e na sua amizade. E percorro as etapas da belíssima viagem à Roménia, que, logo a seguir à libertação do seu



país, em 1991, ele fez questão de nos oferecer, a mim e ao Nino, que o acompanháramos nos piores momentos da ditadura de Ceausescu. Revejo as igrejas moldávas da Bucovina com os seus frescos, o azul de Voronez, o verde de Suceviza. E revejo, em Bucareste e em Cluj, as salas de aulas repletas de estudantes romenos, que falavam italiano, português, espanhol, inglês e francês, com um domínio da língua para nós inimaginável. Foi uma das últimas viagens em que o Nino e eu fomos felizes juntos.

Na esteira da *Storia della letteratura*, de 1972, vieram ainda outras Literaturas brasileiras: desde a francesa, em duas edições, 1981 e 1996, para a colecção “Que sais-je?”, à brasileira, em 1988, uma adaptação da precedente, e ao Perfil italiano,

de 1992. Muito mais trabalhoso foi o projecto, de 1997, de reeditar, actualizado e também na versão brasileira, o meu texto de 1972. A nova *História da literatura brasileira* saiu no Rio, na Nova Aguilar, a mesma editora que publicara a minha edição da *Poesia completa e Prosa*, de Murilo Mendes. Considero este livro uma coisa completamente nova em relação ao de 1972. Não só por tudo aquilo que incluí de inédito no que se refere à actualização das informações, mas porque nos vinte e cinco anos que tinham decorrido entre a primeira e a segunda edição, houvera muitas mudanças no Brasil e no meu modo de ver e interpretar este país. Com a democracia reconquistada e o alargamento das fronteiras ao mundo, o país tornou-se mais “normal”, menos folcloristicamente tropicalista, no bem e no mal. Era mais difícil interpretá-lo e descrevê-lo a partir de oposições binárias, como eu tinha feito na altura, envolvida como estava nesses anos num intenso processo de aculturação estruturalista. A nova *Storia della letteratura brasiliana*, que saiu em simultâneo, em 1997, em edição brasileira no Rio, e italiana em Turim, na Einaudi, é talvez menos consagrada à defesa de uma tese como tinha sido a primeira, mas mais próxima da nossa cosmovisão de hoje.





Jorge Amado

28



A.M. Entre os teus amigos brasileiros, se exceptuamos Murilo Mendes, não foi Jorge Amado aquele com quem tiveste maiores contactos e de quem recebeste maiores manifestações de afecto?

L.S.P. Foi. Realizei várias viagens e vivi tantas experiências de contacto com gente e paisagens do Brasil que tenho dívidas de gratidão para com muitas pessoas. Mas considero o Jorge Amado e a Zélia dos meus amigos mais antigos. Devo a Jorge Amado inesquecíveis demonstrações de afecto. Como quando me convocou para ir a Paris, de um momento para o outro, a fim de receber do Presidente da República de então, José Sarney, um inesperado Cruzeiro do Sul. Ou quando me transformou em personagem de um seu livro de memórias, narrando, com a ironia e a fantasia que distinguem as suas obras da segunda fase, a história de um “sequestro” de que

Jorge Amado, ida e volta na sua casa do Rio Vermelho, Salvador, Bahia

Ao lado: a edição italiana da *Descoberta da América pelos Turcos*, Milão, 1995



nha edição das obras completas de Murilo Mendes, cobriu completamente os aeroportos do Rio e de Salvador com cartazes de boas-vindas, em que saudava afectuosamente a amiga Luciana. Porém, a mais bela recordação é de quando eu estava com ele e com a Zélia, não na grande casa da Rua Alagoinhas, como tantas outras vezes, mas na praia de Itapuã, numa pequena casa, à qual ele tinha dado, a brincar, a morada: Rua do Lagarto Azul, 2000. De manhãzinha, a Zélia preparava-lhe uma pequena mesa e uma cadeira diante do mar e ele, de chapéu, chinelos e calções, permanecia ali até à uma da tarde, a escrever à máquina o seu novo romance: *Tocaia grande*. “Jorge”, perguntei-lhe um dia, “quando você começa a trabalhar, de manhã, já sabe o que vai escrever?” “Mais ou menos”, respondeu-me. “Por exemplo, aqui neste romance, em que narro o nascimento de uma cidade pluriracial, Pirangi, a minha cidade, eu queria pôr um sírio. Olha, atrás dele já entraram sete”.

me vira protagonista, em Maceió, alguns anos antes, durante o Simpósio sobre Jorge de Lima. Um história divertida que me deixou tantas

recordações e uma amizade, que dura até hoje, com os meus jovens raptos. Ou ainda quando, em 1994, durante o lançamento da mi-

Jorge Amado e Zélia em Salvador e Luciana com Jorge Amado em Paris, 1990





Na biblioteca de Via Civitavecchia 7, Roma, 2000 (Foto de Giovanni Brancaccio)

Casas, casa

29

A.M. Falámos tanto das tuas viagens, das casas de amigos que te hospedaram em vários países, e quase nos esquecemos de que a maior parte do tempo foi de facto passado aqui em Roma, nesta casa de Via Civitavecchia, onde há vinte anos eu te vejo viver, trabalhar, receber os amigos. Lembro-me que Nino, o teu marido, dizia: a Luciana ama obsessivamente a casa, como um gato. Por que não falamos agora também das tuas casas italianas, desta, da casa de Levanto, e das casas que tiveste antes destas? Sobre o que significaram e continuam a significar para ti?

L.S.P. A primeira lembrança da minha vida, parece-me, não é de uma casa, mas de uma alameda, sem dúvida uma rua a subir, que levava a uma certa casa. Eu ia pela mão de alguém, talvez uma ama. E do alto, descia na minha direcção, ao sol, com os cabelos ruivos flamejantes, o meu pai, que me sussurrava qualquer coisa a propósito de um irmãozinho recém-nascido. Era o Riccardo, claro, e eu tinha três anos. Quando falei desta recordação à minha mãe, nunca mais tinha voltado àquela casa de férias, em Valmadonna, a quinze minutos de bicicleta de Alexandria. Não era, portanto, uma re-

construção a posteriori. E a minha mãe confirmou que fora exactamente assim com aquela alameda íngreme e aquele sol de Setembro.

Lembro-me das casas de Alessandria, primeiro a da Rua Modena, nº 2, com um quintal minúsculo onde tínhamos aprendido a andar de bicicleta com grande perícia, às voltas sem fim antes de sermos chamados para jantar; e depois a da Praça Marconi, grande, com um terraço cheio de flores e, por baixo, uma imensa garagem, onde escondíamos um pouco de tudo, desde livros até aos objectos mais estranhos. E ainda, para nós, contavam as casas das avós: da avó da cidade, a Avó Paolina, mãe do meu pai, que morava num grande prédio escuro, perto de nós. E lá havia uma grande cozinha, com um banco corrido de uma parede à outra e um enorme moinho de café, onde, para que estivéssemos sossegados, nos deixavam moer quilos de café. E havia a casa luminosa, solar (por isso dizíamos que ficava no campo) da Avó Fernanda: uma pequena vivenda com jardim, na Rua Montegrappa, ao lado do liceu Plana, onde o Riccardo e eu andávamos. Eu ia para lá de manhã, de bicicleta (naquela altura, havia em Alessandria mais bicicletas do que



em Pequim) e voltava depois da escola, ficando até ao pôr do sol a vaguear pelo jardim, onde havia coisas maravilhosas como dedo de dama, groselha, framboesas. Aquela casa já não existe. Foi bombardeada e destruída pelos americanos, nos últimos dias da guerra, em Abril de 1945. E no bombardeamento morreu também a Avó Fernanda. Só viemos a sabê-lo muito tempo depois porque, nessa altura, estávamos já em Roma, na Via Savoia, 84.

E foi dali que, há quase cinquenta anos, em 1953, tendo virado sim-

plesmente a esquina, cheguei finalmente aqui, à Via Civitavecchia, 7, desde então a minha casa. Construimo-la aos poucos, o Nino e eu, assistindo, às vezes impotentes, com o passar dos anos, à transformação daquilo que era, no início, um simples apartamento de cooperativa na biblioteca que é hoje. Os livros, com prepotência, ocuparam todos os espaços, sempre a subir, até ao tecto. E hoje que o Nino já não está, eu, que passei a vida a subir e descer este escadote, conquistando o título calviniano de *baronesa rampante*,



Com Nino, em Levanto, 1990
Em cima:
Com Michele, em Roma, 1972

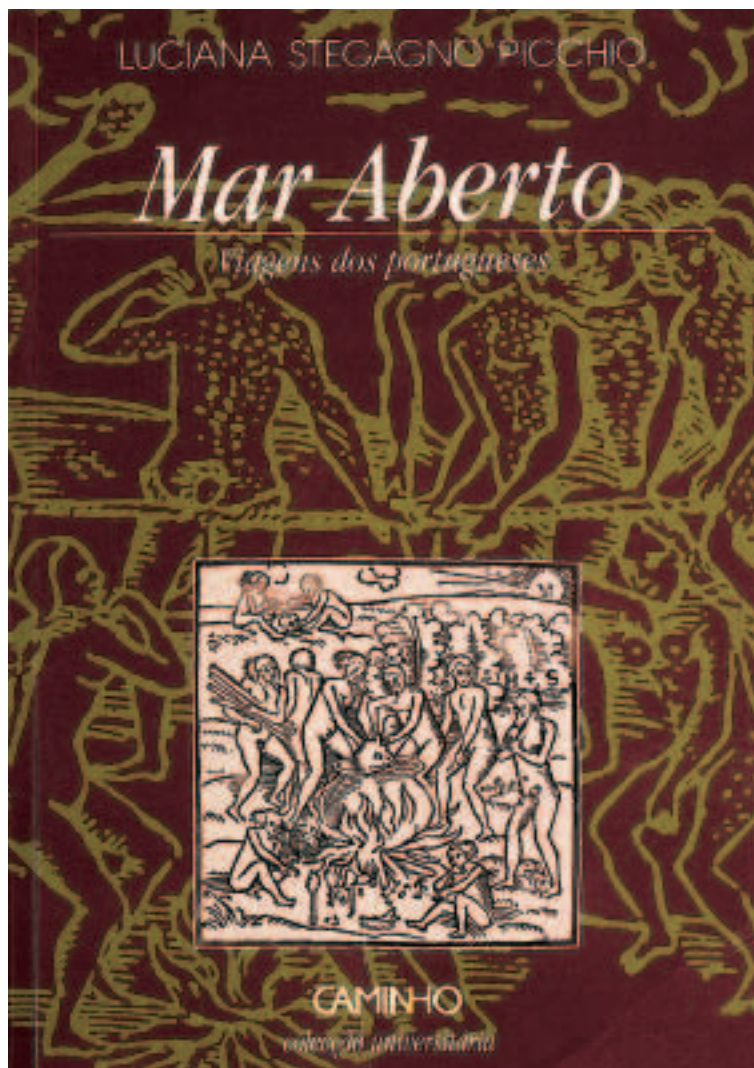


Em Levanto, de Verão, sempre

olho desconsolada cá de baixo para o livro que teria de consultar lá no alto, no sétimo nível da estante, e penso, sensatamente, que talvez seja melhor deixar para o dia de amanhã, quando houver alguém que possa subir por mim. Sim, é verdade, ainda existem também as casas de Levanto e de Verona, que tu bem conheces, porque lá passámos juntas horas felizes. São casas que para mim estão especialmente ligadas à mocidade de meu filho Michele. Basta-me fechar os olhos para revê-lo, rapaz, em Levanto, voltar de manhãzinha do mar, a mostrar os peixes pescados durante a noite passada nos barcos com os pescadores, para o rever estudante, curvado no jardim sobre os livros

de medicina, numa imitação do Pai que só mais tarde se revelaria em toda a sua dimensão. Filho único, forte, bonito, o Michele representou sempre o meu fraco de mãe. Embora às vezes eu tenha tido talvez demasiado pudor em revelá-lo. A casa de Verona era a casa do Nino, com um belíssimo jardim e uma pequena torre, onde o meu sogro, que se dedicava também com prazer à astronomia, implantara o seu observatório astronómico, e onde muitas noites, sempre com o Michele, subimos para ver as estrelas. A de Levanto é a casa da praia, no alto, com uma esplêndida vista do porto e do promontório do Mesco, famoso graças a Montale, que o cantou nos seus versos. Ali

também passámos tantos Verões felizes com as crianças sentadas na relva e os amigos debaixo do caramanchão: a Lore (Lore Terracini, ilustre estudiosa de língua e literatura espanhola), a Giovanna (Giovanna Togliatti, professora de cartografia aérea no Politécnico de Milão)... Todos já morreram, a começar pelo Nino. E eu, embora saiba que o meu filho Michele, a minha nora Rita, e os meus netos Tommaso e Paolo, gostam de ir para Levanto, levando os amigos, sinto apenas uma grande melancolia se repenso em tudo. E o único sítio onde me sinto bem hoje é só aqui, diante do meu computador, no meio dos meus livros e dos objectos de toda uma vida.



“Mar aberto”.

Luís de Albuquerque e a literatura de viagens

30

A.M. Pronto. Vamos mudar de assunto e, mais uma vez, totalmente, de cenário. Um dos teus últimos livros, publicado em Portugal, em 1999, para o lançamento do qual veio propositadamente de Lanzarote o teu amigo José Saramago, é “Mar aberto”, ao qual deste como subtítulo explicativo: “Viagens dos portugueses”. Vamos falar também deste outro aspecto da tua vida e da tua escrita?

L.S.P. *Mar aberto* nasceu como uma recolha e estruturação dos meus estudos dedicados à literatura de viagens, portuguesa e brasileira, mas também de viagens reais realizadas por mim, seguindo as viagens literárias dos viajantes que me precederam. Uma espécie de aventura na aventura, de *mise en abîme* da viagem na viagem. E mais uma vez o nome e a iniciativa de um amigo maravilhoso, também ele desaparecido:

Com Nino, na Madeira, em 1992



Luís de Albuquerque. Luís era um matemático (sempre matemáticos, na minha vida...), profundamente anti-salazarista, que, com a Revolução de 1974, emergira finalmente da penumbra em que o tinham relegado as suas convicções políticas de esquerda. E que, a partir dos anos Oitenta, Professor na Universidade de Coimbra e Director da esplêndida Biblioteca Joanina, começara a organizar Congressos em Sagres, em Coimbra, em Aveiro, mas sobretudo nas ilhas, Madeira e Açores, e no Brasil. Com Luís e com o Comandante

Max Justo Guedes, o Nino e eu viajámos pelo Brasil inteiro, descemos o Amazonas, de Manaus em direcção a Belém, sofremos o ataque dos mosquitos no Pantanal, e vimos a miséria e o esplendor do Nordeste, do Recife: sempre na esteira de outros viajantes, navegadores, exploradores do passado. Na cultura italiana existiu sempre uma certa desconfiança em relação ao real, e a literatura de viagens dava a ideia de estar demasiado ligada ao real. Achava-se que devia ser considerada no âmbito da história, da documentarística, mais

de que dentro dos estudos literários que seriam sobretudo dedicados às obras de ficção, invenção. Luís de Albuquerque levou-me à literatura de viagens. E em *Mar aberto* juntei viagens reais e imaginárias, navegações históricas dos portugueses de todos os tempos. O livro não foi programado, encontrei-me praticamente com ele pronto nas mãos. Como muitos dos textos “antropofágicos” que dediquei durante anos aos canibais reais e imaginários: metafóricos, como os que estão na base de toda a antropofagia modernista brasileira.



Livros e mais livros

31

A Bibliografia realizada por Guia Boni e Rita Desti, na série da Enchiridion, Nápoles 1999

A.M. Dou-me conta de que falas com maior prazer do que escreveste, dos teus livros e também das pessoas que encontres na longa viagem da tua vida, isto é, da tua vida "visível", do que de ti mesma, das tuas evoluções ideológicas ou estéticas, dos escritores que te influenciaram, da música ou da pintura que preferes. Mas, se isto que estamos a escrever juntas quer ser, além de uma espécie de biografia, também um esboço de retrato teu, teremos que abordar esse aspecto. Porque tu aliás não és só a professora de português, mas uma pessoa que escreve (sei que recusas

o termo escritora). És uma intelectual muito conhecida em Portugal e no Brasil, e também em Itália, onde às vezes te solicitam inclusive opiniões que transcendem a tua condição de professora universitária. Por que não falamos também destas coisas?

L.S.P. Está bem. Sobre quais são as minhas convicções profundas, religiosas ou políticas, acho que já disse tudo. Embora, envelhecendo, sinto cada vez mais esbatidas e atenuadas certas coisas que, na juventude, me pareciam claras e incontestáveis. Ou



As vitrinas brasileira e portuguesa da Biblioteca da Via Civitavecchia 7, Roma

seja, sem renegar nada, parece-me que sou hoje, se não mais tolerante, pelo menos mais incerta. Quanto à literatura, agradeço-te que não tenhas feito a pergunta da praxe: quais são os autores que mais te influenciaram e que mais amas? Porque a resposta sincera seria mais uma vez: não sei. Não tenho nenhum autor preferido e se tivesse que escolher um livro para levar para uma ilha deserta ou para uma prisão, talvez escolhesse a Enciclopédia ou o Atlas. É evidente que há livros que me apaixonaram, principalmente na juventude. Lembro-me de, ainda adolescente, passar dias inteiros estendida na cama a ler *Os Demônios* ou *Guerra e paz*. Os russos. E já então tomava partido a favor do complexado Pierre Besukhov contra o brilhante príncipe Andrej. Mas hoje, se penso neles, o que vejo à minha frente é só a imagem cinematográfica de Andrej Bolkonskij, no torrencial filme *Anastásia. O incêndio de Mosca*, de Sergei Bondarcuk. Foi da

mesma forma, com entusiasmo louco, que li o Thomas Mann, todo, privilegiando livros exemplares, como *A montanha mágica* ou o *Doktor Faustus*, que guardei dentro de mim em sequências de palavras, embora não tenha voltado a lê-los. Ou Proust, todo, num tórrido Verão parisiense, enquanto o meu marido, que recebera uma bolsa de estudos da Unicef, frequentava um curso. E o Kafka, todo, tanto que ainda hoje sonho ser submetida a um processo inexorável ou que me transformo num repugnante coleóptero. Depois vieram Swift, Conrad, Melville, Cervantes, Borges e os argentinos. E todo o resto. Também Machado de Assis, naturalmente, o mais extraordinário, desolado, irónico escritor de língua portuguesa que, se tivesse escrito, sei lá, em francês ou em inglês, teria tido bem outro destino e fama no mundo. E também, mas em medida menor, Eça de Queirós, e os modernos, cujo conhecimento faz parte dos meus de-

veres de docente... Mais recentemente, segui muitas vezes as sugestões do meu filho Michele, que tem um faro infalível para descobrir novas vozes narrativas. Foi ele, por exemplo, que me fez conhecer autores fascinantes, como Bruce Chatwin. Muito embora, quando estou sozinha, acabe por ler sempre algum livro de filosofia, lógica, linguística, antropologia, mais raramente de história. Tenho mais fome de ideias do que de histórias. Pego num livro, porque percebi que “é preciso” lê-lo. Mas, se o livro não me arrebatava, não me ilumina logo nas primeiras páginas, largo-o. Às vezes, porém (como me ocorreu, anos atrás, com Bergson, Sartre, Walter Benjamin, Lévi-Strauss), fico fascinada e sinto que o livro me faz bem, que me nutre e me dá a alegria da descoberta: então não o deixo mais até ao fim, não saio de casa, interrompo os telefonemas, e com os amigos, só falo dele. Insuportável.



E os outros?

32

A.M. Que estranho, até agora não citei nem um único livro italiano...

L.S.P. Não, não é estranho e reflecti sobre isso várias vezes. Há sempre, naturalmente, na minha mesa o último livro do amigo italiano de hoje: frequentemente belo, envolvente. Dantes eram Primo Levi, Calvino, Manganelli, como hoje Tabucchi, Magris, Consolo, Camilleri... Mas no fundo dei-me conta que os meus “autores” italianos são todos eles poetas: talvez por aquele inicial impulso dantesco recebido em casa. Talvez porque entre as minhas leituras habituais está (isso sim) a Bíblia: especialmente as páginas poéticas do *Cântico dos Cânticos* e do *Qohelet*. Assim, de Itália, continuam a fascinar-me todos os poetas dos séculos XIII e XIV e também, com um enorme salto temporal, Foscolo,

Leopardi (mas só um certo Leopardi) até aos herméticos, Ungaretti, Montale, também Quasimodo e Luzi. Li-os vezes infinitas e, hoje, poemas que me pareciam estranhamente indecifráveis, como se estivessem ligados só à magia do som, revelam-se límpidos, transparentes, compreensíveis. E ainda dizem que, quando se envelhece, se perde acuidade. Além disso o facto de ler quase quotidianamente livros portugueses, brasileiros, galegos, mas também espanhóis e hispano-americanos e, recentemente, autores ingleses e norte-americanos, dá-me uma visão contrastiva especial da literatura italiana. Sinto, por um lado, a solidez da tradição, a limpidez da língua, mas, por outro, também sinto a falta daqueles humores populares que, em Itália, se encontram nos dialectos e que o português, pelo contrário, não

tendo praticamente dialectos, absorve na língua, colorindo-a com o sabor dos seus provérbios, com a afectividade dos hipocorísticos. Em relação à música verifica-se talvez um processo inverso. Nino, o meu marido, era um profundo conhecedor de música, lembrás-te?, e, na vida de todos os dias, era até um musicómano. Durante a juventude tinha tocado violino, mas depois tinha desistido, por pudor, dizia ele. Mas todos os momentos da sua vida eram marcados pela música. Música instrumental, nunca de ópera, a não ser que se tratasse da *Flauta Mágica* do *Don Giovanni* ou de uma ópera de Rossini. Voltava para casa do hospital e ainda nem tinha trocado de roupa, já ouvíamos pela casa Mozart, Vivaldi, Bach, como também Schumann, Schubert, Stravinsky ou Prokofiev, qualquer que fosse o momento ou o lugar em que se encontrava. Havia períodos em que se ouvia durante dias inteiros, semanas, apenas um autor, uma obra. Por exemplo, a *Arte da Fuga*, de Bach. O menino, Michele, entrava a correr, vindo da escola. Não faças barulho, dizíamos, o pai está a ouvir Bach. Bach era o muro entre ele e tudo o resto, o seu modo de se defender e de excluir. E Bach é só um exemplo. Na realidade, sabia tudo sobre música. Quando íamos aos concertos e, no final, depois dos aplausos, o virtuoso do momento se preparava para o bis, aos primeiros acordes, ele já reconhecia o autor e o excerto musical: e olhava para nós todos como se fôssemos incompetentes: surdos, dizia, surdos... Era também terrivelmente elitista. Nenhuma obra da chamada música popular, nem

mesmo a “engagé”, americana ou brasileira. Durante um certo período aceitou Joan Báez, Sting e Chico. Mas nunca as “cançonetas”, do Modugno ou Baglioni, Celentano ou Lucio Dalla. Única excepção, Mina, pela aura de mistério que envolvia o seu desaparecimento da cena, ou um ou outro *chansonnier* francês, que o fazia sorrir, pois lhe recordava os dias passados em Paris. Quanto o Nino morreu, fiquei por algum tempo em silêncio. Depois, as divisões da casa mudas começaram a fazer-me impressão. Havia uma parede inteira de cassetes e de CD Rom. Comprei outros novos. Jazz, música ligeira. De jazz tinha sempre gostado. Mas pelo que se refere às canções de música ligeira, sentia, todas as vezes, uma espécie de vergonha existencial que me levava a interromper imediatamente a audição. Depois, aos poucos, recomecei a ouvir com novo ânimo, alegremente, com a competência acumulada em tantos anos, os discos de então: primeiro Vivaldi, depois Mozart, Beethoven. Até Bach. De novo. Da pintura, já falei. Fui sempre amiga dos pintores, que com respeito aos escritores têm a vantagem de trabalhar com as mãos, de falar uma linguagem universal, de se vestirem como lhes apetece, de poderem ser sempre eles mesmos, sem máscaras. Convivi principalmente com os pintores da minha geração, que foi a geração do informal. Por isso, tenho tantos quadros abstractos nas paredes da minha casa: até porque herdei de Murilo, não digo a arte, mas o gosto de escrever prefácios para os catálogos dos pintores amigos. Estou sempre disposta a fazer

uma viagem, mesmo incómoda, para ver um quadro. Como quando, num período difícil da minha vida, fugi para a Holanda: só dois dias, para ver o Van Gogh todo.

Teatro? Já não consigo recuperar o entusiasmo e talvez a competência que me fazia mergulhar em qualquer espectáculo teatral como numa atmosfera mágica, numa aura plena de solidariedade e participação. No teatro, experimento a mesma sensação de exclusão que sinto na igreja. Já não sei cantar em coro, de mãos dadas. E tenho pena. Talvez porque o teatro de então já não exista. Hoje já só há o espectáculo, que é preciso saborear com outras papilas, com outros olhos e outros ouvidos. Podes pois perceber porque é difícil para mim voltar a adentrar-me na história do teatro português.

Cinema? Neste caso sim, verifica-se novamente a imersão. Embora o catálogo esteja um pouco fora de moda. Hitchcock, Buñuel, Godard, um certo Fellini, Woody Allen. E Pasolini, Bernardo Bertolucci, Nanni Moretti, Almodóvar. Mas também os velhos filmes em preto e branco ou a cores, revisitados com os actores míticos da minha juventude, Clark Gable, Leslie Howard, Gregory Peck, Paul Newman... Gosto ainda muito de ir ao cinema. E o facto de me ter precipitado e ainda me precipitar para ver, por exemplo, em Portugal, os filmes de Manoel de Oliveira, desde *Aniki Bobó* aos *Canibais* e a uma improvável *Divina comédia* para psiquiatras iniciados, atribui-me, enquanto espectadora italiana, uma certa aura de exotismo. É claro que estou a brincar.



Um Nobel para Portugal 33

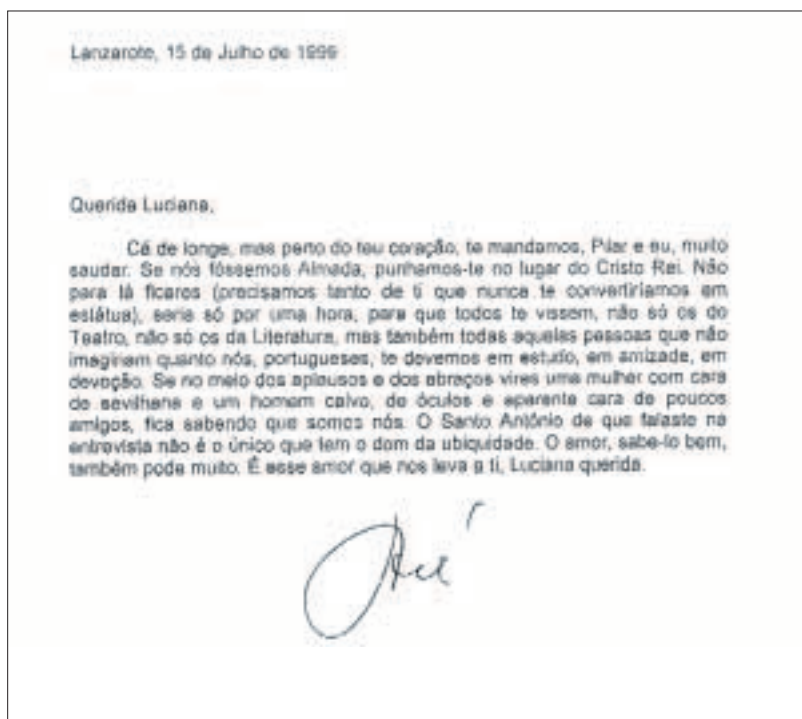


A.M. Quando, em Outubro de 1998, anunciaram que o prémio Nobel de Literatura de 1998 era o português Saramago, todos nós pensámos em ti que há anos escrevias, proclamavas por todo o lado, que a língua portuguesa nunca tinha tido um prémio Nobel e que uma vez ultrapassadas candidaturas importantes como a de Torga, ou a do brasileiro Jorge Amado, o candidato com mais autoridade era justamente Saramago. Ainda estás convencida, que foi a escolha justa?

José Saramago em Lisboa, 1990
(Foto de Jean Gaumy – Magnum Photos)

Ao lado, em Lanzarote com Rita Desti, 1994

L.S.P. Estou mais do que convencida. Se, de facto, no momento da indicação do candidato, a escolha de um autor de língua portuguesa, fosse ele português ou brasileiro, desde João Cabral de Melo Neto a Sophia de Mello Breyner Andresen, poderia suscitar discussões, parece-me que, depois da atribuição do prémio, nenhum candidato teria sabido utilizar este privilégio com maior competência e generosidade. Quer pelo tempo generosamente dispendido, quer sobretudo pela disponibilidade em estar presente onde quer que o chamem – não só em representação de si próprio ou do seu país, mas para contribuir com a palavra ou com um gesto de solidariedade para a causa dos desfavorecidos, aos quais ele dedicou idealmente a própria obra. Obra de ficção, note-se bem, e de engenhosas



Luciana com José Saramago em Lanzarote, Agosto, 1994

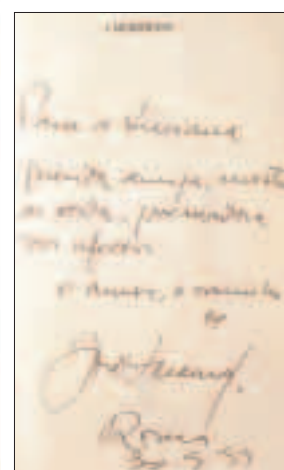
A saudação de Saramago a Luciana para a *Homenagem* de Almada, Julho de 1999

metáforas. Por isso, fiquei muito contente por ter podido canalizar a minha experiência de frequentadora da sua obra, primeiro para dois grandes volumes “Meridiani” da Mondadori, que são a Pléiade italiana, e depois para um volume intitulado *Saramago. Istantanee per un ritratto*, onde reuni, por ordem cronológica de publicação, todos os

artigos de jornal (*La Repubblica*) e os ensaios que, há mais de vinte anos, tenho dedicado ao nosso amigo. Quase uma diacronia do êxito da sua obra em Itália.

A minha amizade e admiração por José Saramago não apagam, contudo, o afecto e a recordação que tenho e que tive por tantos escritores portugueses, falecidos e ainda vivos,

dos quais traduzi livros e aos quais dediquei artigos, ensaios e comunicações em congressos. A começar por Jorge de Sena, de quem traduzi, com grande divertimento, o *Físico prodigioso*, até Almeida Faria e José Cardoso Pires, inimigo irredutível do Dinossauro, o ditador Salazar, que ele combateu só com a arma da sua pena, durante toda a vida.



As *Istantanee per un ritratto*, Florença, 2000

A edição dos *Romanzi e racconti* de Saramago nos “Meridiani” de Mondadori, 1999



Africa lusófona

34

A.M. Nos últimos quinze anos, às literaturas e culturas de Portugal e do Brasil, vieram acrescentar-se para vocês, estudiosos dos fenómenos culturais dos países de expressão portuguesa, também as culturas luso-africanas, de países como Angola e Moçambique, dantes colónias de Portugal, que, obtida a independência, conservaram o português como língua oficial e veicular. Que peso têm, na tua experiência de estudiosa, estas novíssimas literaturas?

L.S.P. A literatura angolana, como já disse, afirmou-se dramaticamente para muitos de nós, em 1965, em Lisboa, na altura do Congresso do Centenário de Gil Vicente, quando tivemos de tomar partido a favor ou contra a dissolução da Sociedade Portuguesa de Escritores, decretada por Salazar depois de o prémio da Sociedade ter sido atribuído a um escritor angolano, que se encontrava preso por terrorismo no Tarrafal. O autor e o livro condenados, Luandino Vieira e *Luuanda*, transformaram-se, naquele momento, num motivo de divergência entre nós. Quando Luandino saiu da prisão e veio para Lisboa, passei bastante tempo com ele, pois ele trabalhava na minha editora de então, as Edições 70. Muitos anos depois, em 1990, acompanhei a tradução do *Luuanda*, realizada para a Feltrinelli por Rita Desti, e escrevi, nessa altura, uma longa recensão que publiquei na *Repubblica*. Mas entretanto as literaturas africanas de expressão portuguesa tinham-se desenvolvido.

Nas paredes da minha casa iam aumentando de número os quadros de pintores africanos, desde a Bertina Lopes ao Malangatana. Conheci muitos escritores, de todas as gerações, Pepetela, Mia Couto, participei em Congressos e manifestações de toda espécie. A experiência talvez mais significativa foi, no início de 1991, na altura da passagem de poder entre os dois líderes, o velho e o novo, que eu entrevistei para o jornal *La Repubblica*, pouco antes das eleições, durante uma viagem às ilhas de Cabo Verde. Uma tarde, ao pôr do sol, nos jardins do Mindelo, onde uma voz distante alternava fados e mornas e eu e o Nino olhámos admirados para aquelas garotas de pele dourada, elegantes nos seus vestidinhos bordados, que levavam ao parque os irmãozinhos ainda de fraldas, enquanto as mães numa roda-viva, em casa, preparavam a cachupa. Essa tarde foi-nos mais útil do que muitos congressos e conferências sobre a cultura e a civilização das Ilhas.



Os verdadeiros protagonistas:

35 os alunos

A.M. Até agora falámos de ti, de Portugal e do Brasil, dos teus estudos, das tuas viagens, de teus amigos: da tua experiência de estudiosa e crítica. Mas não abordámos ainda o problema de como esta tua experiência foi transmitida aos teus alunos, italianos em primeiro lugar, mas também de tantos outros países. E como reagiste aos diferentes públicos que tiveste que enfrentar. Depois de Pisa, foste ainda Professora da Universidade de Roma durante mais de vinte e cinco anos. Achaste diferenças entre os teus alunos de Pisa e os estudantes romanos? E como tiveste de modificar o teu modo de ensinar todas as vezes que deste aulas no estrangeiro?

L.S.P. Os alunos de Pisa, os meus primeiros alunos, eram quase todos estudantes do curso de Letras, frequentavam o Instituto de Filologia Românica: orientados portanto para o passado, preparados filologicamente, já professores *in pectore*, com aquele modelo elitista que era a Scuola Normale de então com os bolseiros servidos por criados de libré. Depois veio o ano de 1968 e foram sobretudo os alunos da Faculdade de Línguas que se mobilizaram. Rejuvenescemos todos um pouco, embora cometendo erros fundamentais. Em Roma, encontrei o público das grandes Universidades: havia bons e maus alunos, mas sempre muito entusiasmo por um



país e por uma língua tão diferente, tão “outra” como o nosso português. E apercebi-me com prazer de que, entre os alunos de literatura portuguesa e os de literatura brasileira, nascera um sentimento de companheirismo que dura até hoje e que deu origem a iniciativas comuns, em que jovens brasileiros e portugueses, mas também os africanos de Angola

e Moçambique e de Cabo Verde, se encontram à noite para conversar, dançar, comer juntos um bacalhau, uma cachupa, uma feijoada ou um vatapá. O mesmo se passou também no estrangeiro. Os meus alunos da Califórnia eram estudantes já graduados, muitos deles inseridos em Departamentos hispano-portugueses. Também ali tinham o sentimento de pertença a comunidades marginais: mas com o privilégio de frequentarem mundos que muitos dos seus colegas, unicamente anglófonos, ignoravam de todo. Os estudantes americanos, nas várias universidades que frequentei e onde leccionei, pareceram-me mais desprovidos de “categorias” culturais do que os alunos europeus, menos rápidos a colherem uma alusão humanística ou barroca, mas imensamente mais preparados no uso das línguas estrangeiras e no trabalho de biblioteca: até porque nos Estados Unidos existem bibliotecas inimagináveis nos países europeus. E além disso, nos Estados Unidos, não se pode aldrabar, exibindo um terminologia e uma criptocultura de iniciados, como acontece às vezes aqui. Temos sempre de indicar onde

e como é que os alunos podem encontrar o livro que lhes será útil para repensarem o que aprenderam durante as aulas. Quanto ao romenos, aos polacos, aos húngaros, aos checos, já disse que a extraordinária facilidade que têm para as línguas fez sempre com que, quer fosse em Bucareste, ou em Budapeste, em Praga ou em Varsóvia, eu tenha podido falar a classes inteiras de alunos, muitas vezes mais numerosas do que as nossas de Roma, em italiano, em francês, em inglês ou em português, indiscriminadamente. Com os espanhóis, é necessário falar sempre e somente em espanhol, e quanto aos ingleses e aos americanos, só vale o inglês, mesmo nas aulas de português. Em Portugal e no Brasil, senti-me sempre em minha casa. E acho que também eles me aceitaram como se eu fosse um deles: achando o que eu dizia muito simples, talvez demasiado simples, elementar, em comparação com os discursos densos de terminologia linguística e semiológica francesa (o mundo académico português foi durante muito tempo quase um vassalo da cultura francesa) a que estavam habituados.

Relembrar os «Quaderni Portoghesi»

Almeida Faria

Temos lávris memórias de eleição da incandescência vitalidade de Luciano Stegagno Picchio, que a dificuldade em geral, a criação e a direção, de agora em diante, dos Quaderni Portoghesi, de que foi um dos quatro fundadores e cujo primeiro volume de estudos se com o nome de volume dedicado ao tema do dia da literatura portuguesa.

Alguns dos maiores nomes da cultura italiana colaboraram nos cadernos de casa Giardini editores e responsáveis em Pisa, inicialmente impressos só em italiano, com traduções finais em português e inglês, para progressivamente estar passando a um entre-

território plurilinguístico que se pertença a língua original em que os temas foram escritos. Com os temas tentamos sobre Camões. Pessoa, Jorge de Sena, o surrealismo português ou a «literatura do subtrigão» (gíria especificamente italiana), os Quaderni tentam, e em parte conseguem, responder ao gosto de jovens leitores lusos: Lusos de todo o mundo, não são!

Desconhecidos do grande público italiano, muitos destes artigos e estudos não mereciam ser traduzidos ou simplesmente reeditados em Portugal, até porque aqui tivemos os os provocadores políticos. Aos editores um grande e ao JI, um particular flores a ideia, como um modo mais concreto e preciso de homenagem Luciano Stegagno Picchio.

Sensibilidade finíssima e extremo rigor

Luiz Francisco Rebello

Avelha questão da existência da crítica literária, seja ela improvisada ou profissional, permanece na sua atualidade, ou a mais que houver, não existirá se todos os críticos fossem à imagem e semelhança de Luciano Stegagno Picchio: queridíssimo, acconosita, aferrado, dialeticamente: uma sensibilidade finíssima e um extremo rigor. A sensibilidade dos temas sobre os quais as suas línguas seculares incidem, abrindo-se no lugar de onde se pode ser aproximados em todos os seus aspectos, é verdadeira e profundamente crítica. É que esse rigor e essa sensibilidade se tornam exercido sobre o vasto campo da literatura portuguesa, que lhe é familiar como a sua própria língua.

«Crítico» não, ele reconhece os seus limites de conhecimento e de investigação, filósofo e poeta.

Uma semana nascida pelos estudos dos anos 50 – quando foi por ele concebida a publicação do monumental «Ensaio logístico do Spectaculo» – e que, no entanto, até hoje persiste, corre de par com a administração e o respeito por uma obra e com um sentimento de gratidão em cada página de cada volume que este nasceu: em defesa do ensino de língua portuguesa; a sua devoção, com efeito, a haver-se dedicado à investigação literária sobre o nosso teatro, cultura e sociedade – não é possível negar a existência! – não ser mais do que um modesto e longínquo despojo da nossa incanescência. Mas, com uma festa para os seus leitores.

10 JI 13.3.90

A capa (página ao lado), as “gavetas” de Alberto Pimenta e alguns artigos publicados no número 401 de Março de 1990 do *Jornal de Letras de Lisboa*



Tantas pátrias, uma pátria

36

Com Maria de Lourdes Belchior, Doutoramento h.c. na Universidade Nova de Lisboa, Abril de 1998

Página ao lado:
com José Vitorino de Pina Martins no Instituto Italiano de Cultura de Lisboa, 1990;
com o Presidente Mário Soares e Maria Barroso na entrega da Ordem de Sant'Iago da Espada, 1988;
na Embaixada do Brasil, Paris, 1989: entrega do Cruzeiro do Sul;
homenagem no Festival do teatro de Almada, Julho de 1999

A.M. Senti, ao longo desta entrevista, um certo pesar por teres dedicado mais tempo e energia ao estudo das realidades culturais das tuas duas pátrias de adopção, Portugal e Brasil, de que às da tua própria pátria de origem, a Itália. Com a consequência de seres hoje, talvez, mais conhecida em Lisboa ou no Rio do que em Roma. Por isso, pergunto-te: estás contente, pelo modo como te "tratam" actualmente os portugueses e os brasileiros, o modo como se interessam pela tua produção científica e por um percurso cultural desenvolvido sobretudo naqueles dois países e centrado essencialmente nas suas realidades culturais? E que diferenças sentes, neste processo de aceitação, entre Portugal e o Brasil?

L.S.P. Quanto a mim, a quem me perguntava quais eram as minhas relações afectivas com cada uma das minhas duas pátrias de adopção, como as definiste, muitas vezes respondi, a brincar, que, enquanto Professora Catedrática de Língua e Literatura portuguesa, considerava Portugal o meu marido, ao passo que o Brasil, cuja literatura e cultura também ensinei, mas subsidiariamente, era o meu amante. Uma metáfora, sem dúvida, mas que revela a minha perspectiva inicial, até do ponto de vista linguístico. Apesar de os meus amigos portugueses dizerem, a rir, que eu "estraguei" o meu português no contacto com o brasileiro, sei que falo, com o inevitável sotaque do estrangeiro, um português europeu. Sei que aprendi a amar,

como se fossem coisas da minha infância, o fado e os pastéis de bacalhau. E sei que estendi ao Brasil os meus primeiros conhecimentos de uma cultura peninsular, abordada inicialmente na sua dimensão medieval e quinhentista e só depois na moderna: privilegiando absolutamente o período contemporâneo em relação, por exemplo, a zonas que foram por mim menos exploradas, como o Século XVIII e uma parte do século XIX. E portanto, quando entrei no contexto brasileiro, enfritei a realidade cultural do Brasil como um todo unitário, do século XVI até hoje, sem aquelas fracturas sócio-políticas entre literatura colonial e nacional, preferidas por outros estudiosos desta mesma realidade. Promovi investigações dedicadas ao século XVII brasileiro, desde o Padre Vieira a Gregório de Matos, de que ainda hoje se ocupam, com sucesso, investigadores que se consideram saídos da minha “escola”. O que é que os portugueses e os brasileiros me deram em troca deste meu amor pelos seus países? Os portugueses – e este volume autobiográfico e fotobiográfico, promovido por eles, confirma-o – consideram-me uma portuguesa, ao convidarem-me para as suas manifestações, ao terem-me convidado para fazer parte da sua Academia mais ilustre, a Academia das Ciências, logo depois da Revolução de 1974, ao terem-me acolhido nas suas Universidades com dois Doutoramentos Honoris Causa, na Universidade Clássica e na Nova de Lisboa, em 1990 e em 1998, respectivamente, ao terem-me dedicado, em 1990, uma miscelânea de *Estudos portugueses*, na qual participou a maior parte dos meus amigos estrangeiros, ao terem-me dado em 1999, no Teatro de Almada, um belíssimo troféu como reconhecimento pela minha actividade de es-

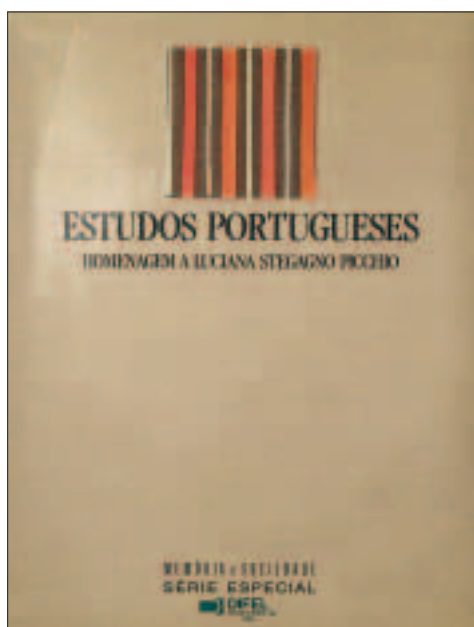


tudiosa do teatro português. Para não falar no título de Grande Oficial da Ordem de Santiago da Espada, que recebera já em 1988, com o belíssimo colar, aqui em Roma, das mãos de Mário Soares, então Presidente da República e, para mim, junto com Maria Barroso, amigos de toda uma vida. Quanto aos brasileiros, também a eles devo um Doutorado *Honoris Causa* na Universidade Federal do Rio, também a eles devo condecorações, como o Cruzeiro do Sul e a Ordem do Rio Branco e devo medalhas, como a da Academia Brasileira de Letras. Lembro-me nitidamente da minha tomada de posse, em 1986, na Academia do Maranhão. Estávamos em Dezembro e São Luís era um forno, com as ruas desertas porque, pela primeira vez naqueles anos, e talvez em toda a sua história, os maranhenses tinham entrado em greve. Consegui chegar com dificuldade à Academia, um belo casarão azul recentemente restaurado e ali, diante de um público seleccionado, como

se costuma dizer quando há pouca gente, mas com o corpo académico em peso, tomei posse da cadeira n. 7, que fora de outro italiano, Domenico Tribuzi. Quando saí, ao pôr do sol, vi diante da igreja uma procissão de mulheres, com os seus véus brancos de renda, preciosos. Lembro-me sempre daquela viagem porque, antes de voltar a São Luís, tinha ido a Alcântara e deambulado por entre as ruínas de um passado definitivamente enterrado e, depois, com um aviãozinho que um amigo, diplomata e poeta, Alberto Costa e Silva, me conseguira arranjar, voltei à terra firme, a uma praia que os americanos tinham decidido transformar em base para mísseis, expulsando de lá a população indígena. Lembro-me de uma aldeia dividida ao meio pelo arame farpado e um padre comboniano, muito jovem, que me dizia: Luciana, logo à noite vou também eu cortar o arame com os outros. Havia crianças lindíssimas, com grandes olhos pretos, “morenos”, diziam eles e o jovem

padre informava-me de que a média etária daquela população era de quarenta anos.

Passaram-se muitos anos e hoje, concluído o meu período universitário, recebo aqueles sinais de reconhecimento e afecto que se dedicam a personagens do passado, que já não metem medo. Academicamente, é claro. E fico agradecida à minha Universidade, por me ter nomeado Professora Emérita, o que permite aos meus amigos e colegas considerarem-me ainda como um deles, com os meus afectos e as minhas preocupações. Por isso, entre as homenagens inevitáveis quando se chega a esta altura da vida, deu-me muito alegria o facto que fosse justamente das minhas duas Universidades italianas, a de Pisa e a de Roma, que tivesse partido a iniciativa de uma grande miscelânea. Saíu no outono de 1999, com o título camoniano e um pouco misterioso de *E vós Tágides minhas*. Sugestão de Antonio Tabucchi, foi-me dito em segredo.



Os *Estudos portugueses* oferecidos a LSP em Lisboa, 1990

A miscelânea *E vós Tágides minhas*, oferecida a LSP pelas Universidades de Pisa e de Roma em 1999



Em forma de conclusão

37

20 de Abril de 1994: 50 anos de casamento com a família. Rita, Tommaso, Paolo, Nino, Luciana, Michele e a prima Daniela

A.M. A nossa conversa está a chegar ao fim. Depois de uma vida tão rica, com cenários, como tu dizes, tão diferentes, quais são agora os teus próximos projectos?

L.S.P. Fazer projectos para o futuro é um bom sistema para afastar a morte. Ou, em todo caso, para ter a ilusão de que se está a exorcizar aquele período que precede a morte e que é, frequentemente, de decadência, mais intelectual até do que física. Embora, como nos ensinaram, as luzinhas do nosso cérebro já se comecem a apagar quando temos pouco mais de vinte anos. Procuremos comportar-nos, portanto, segundo a receita daqueles santos para

os quais é preciso viver cada dia como se fosse o último e trabalhar como se não devêssemos morrer nunca.

Qual é hoje o meu projecto de vida? Vida de estudiosa, claro, porque para a outra, a vida em si simplesmente, sem especificação, o meu projecto é o de vivê-la o mais serenamente e em paz que puder, com as pessoas de quem gosto, procurando também aplanar as minhas relações com aqueles poucos com quem tive algum desentendimento. Porque a culpa nunca está só de um lado e eu creio que o paraíso, se existe, está aqui, neste mundo, na nossa paz de espírito. Quanto aos projectos, digamos, intelectuais, gostaria antes de

mais nada de recuperar plenamente, como meio expressivo, a minha língua natal, o italiano. Não para um plano ambicioso de “escrever sem rede”, como aconselhava há muitos anos atrás o meu generoso amigo Eugenio Asensio. Mas para dialogar finalmente, sem diafragmas, com os meus naturais interlocutores, os meus compatriotas. Por isso, talvez, nos últimos anos, esquecendo também um pouco a pesquisa filológica e literária no âmbito português e brasileiro, que fora o campo privilegiado dos meus estudos, aceitei cada vez mais escrever em italiano e em perspectiva italiana sobre obras e autores que podem ser, mas não o são necessariamente, de língua portuguesa, mas vistos a partir deste ângulo, deste lado da barricada. Aceitei com entusiasmo colaborar com artigos de tema literário em jornais como *La Stampa* de Turim, e depois *La Repubblica* de Roma. Para sair, num certo sentido, do meu aristocrático gueto universitário português e falar em italiano, possivelmente num bom italiano, aos meus compatriotas. E faz-me uma certa impressão, depois de tantos anos de trabalho “sério”, ser conhecida, convidada, citada quase exclusivamente devido a esta minha actividade, digamos, lúdica e repentina.

O problema é sempre o do ponto de vista, questão angustiante para todos nós que dedicámos a nossa vida a uma língua, a uma literatura, a uma cultura diferente da nossa. Somos talvez mais cultos, ou pelo menos sabemos mais em extensão, senão em profundidade, do que sabem ou devem saber os nossos colegas italianistas. Porque se eles se podem dar ao luxo de ignorar tranquilamente Eça de Queirós ou Camilo (diria que, hoje em dia, também eles têm de saber pelo menos quem fo-

ram Camões e Fernando Pessoa), o mesmo não podemos fazer nós pelo menos em relação ao nosso Dante. Sem contar que, de nós, estudiosos de línguas e literaturas de certo modo marginais (desculpem-me os portugueses e os brasileiros), exige-se, pelo menos em extensão, senão em profundidade, uma informação mais vasta da que se pretende dos nossos colegas estudiosos de francês, inglês ou alemão. Porque se eles podem ignorar Gil Vicente ou Garrett, nós não podemos permitir-nos ignorar o peso supranacional de Shakespeare, de Goethe ou de Molière. Nunca gostei de voltar aos trabalhos do passado, de “compactar”, como se diz aqui, com um horrível neologismo universitário, ensaios sobre o mesmo tema, tendo em vista um volume digno de entrar nas bibliografias oficiais. Tenho uma interminável bibliografia dispersa e ignorada, que me censuram por não repropor “actualizada”. A minha medida não é o livro, mas o ensaio e, depois de vinte páginas, parece-me já ter dito tudo o que de original se poderia exprimir sobre um assunto e tenho urgência de passar a outro. Mas, todas as vezes que foi necessário repropor-me em livro, sofri pela pluralidade de pontos de vista, revelados por ensaios escritos e destinados, na origem, a públicos de línguas diferentes.

E chegamos ao que denominaste o “ponto fulcral”: a questão da língua, da língua “outra”. Ou melhor, se pensarmos nos meus dois tropismos, português e brasileiro, seria mais correcto dizer “as línguas outras”. Terá que ser traduzida, com a inevitável entropia das traduções, também esta entrevista, que se destinava em primeiro lugar a um público universitário português, mas que nós decidimos, logo de início, realizar em italiano, porque era absurdo fa-

lar em português da minha infância alexandrina, quando eu nem sequer sabia onde ficava Portugal. Na tradução, vai mudar sem dúvida o ponto de vista. E muitas coisas que se achavam interessantes em italiano, em português vão parecer absolutamente inúteis.

O que desejo ainda fazer, além de pôr em ordem estas notas dedicadas afectuosamente aos amigos portugueses, uni-las às fotografias que conservo e participar, grata, da festa que me preparam para o lançamento do livro, talvez em 2001, em Lisboa? Desejo terminar e publicar o livro sobre o Ungaretti brasileiro, que estou a escrever e a prometer há anos. Desejo, também eu, “compactar”, para ver o quanto ainda podem valer, os meus estudos sobre Camões e Fernando Pessoa. Desejo voltar a publicar, actualizada, a minha *História do teatro português*. Desejo ver finalmente publicada com a ajuda sempre dos meus antigos alunos, futuros colegas Guia Boni e Ugo Serani, a grande *História da Civilização Literária dos Países de Expressão Portuguesa*, para a qual pedi a colaboração de amigos portugueses e brasileiros, que talvez já nem acreditem nisso e que, quando me vêem, a mencionam timidamente, quase como se a culpa do atraso fosse deles e não de alguma forma minha e do editor italiano. Desejo, mas talvez não o consiga realizá-lo nunca, terminar o livro sobre o Abade Faria e sobre Goa, que tínhamos projectado escrever a quatro mãos, o meu marido e eu. Ele recolhera muito material inédito sobre o assunto e falava desse projecto como de algo em que a sua rigorosa experiência de médico e de cientista e a minha prática literária pudessem, finalmente, convergir na construção de alguma coisa em “comum”. Desejo, enfim, ordenar um pouco, isto é, informatizar, a mi-

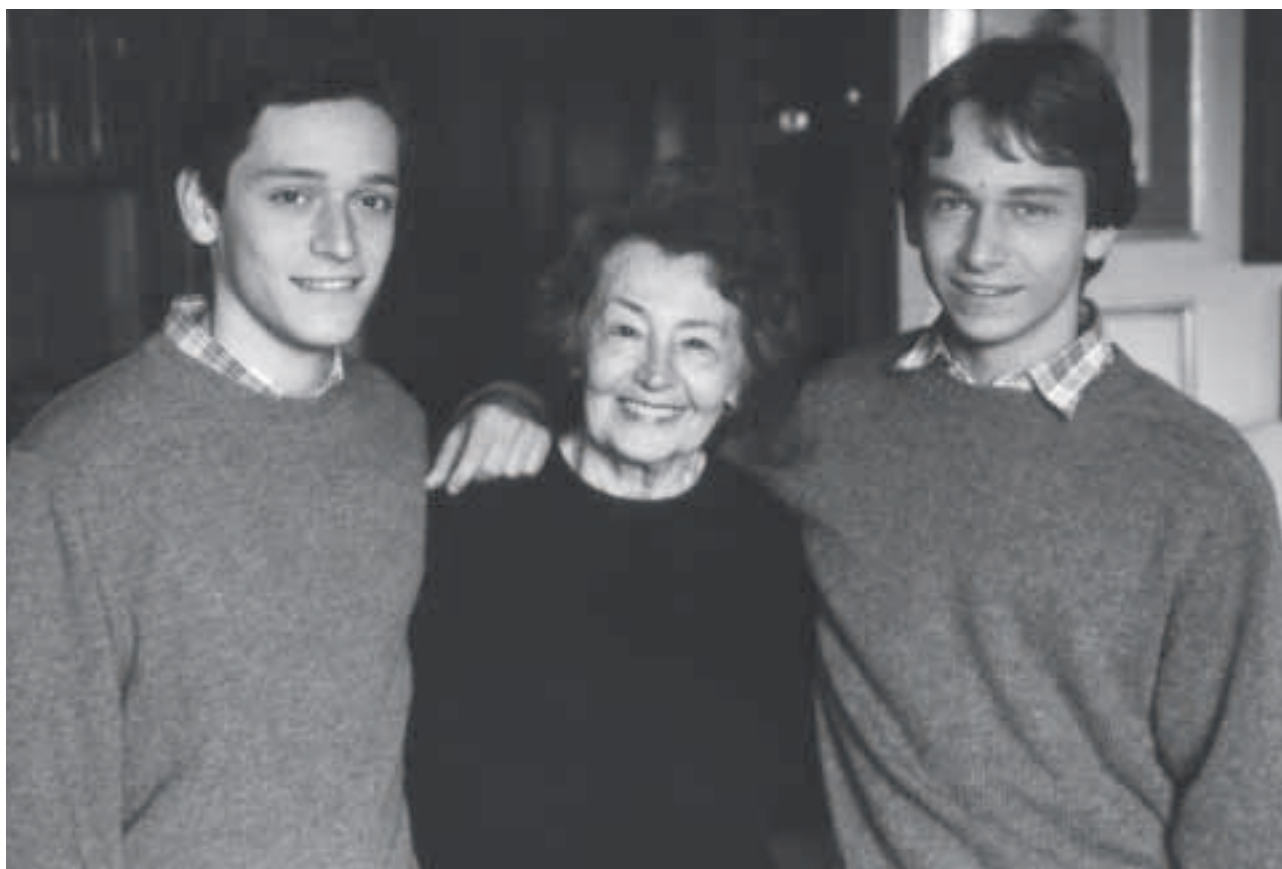
nha biblioteca e o meu arquivo, e pensar no destino que terão quando eu já cá não estiver.

Ao chegar ao fim desta nossa viagem, eu que, ao princípio, pensara em falar só do que me parecia oficial, académico, na minha vida, não posso evitar pôr-me a questão: se é verdade que nós escrevemos para a posteridade, daqui a alguns anos a quem poderá ainda interessar este meu “depoimento” sobre experiências, sentimentos, métodos, que talvez, nessa altura, nada signifiquem para ninguém? Sobre viagens que se

farão em muito menos tempo e em que, talvez, muitas das coisas que me chamaram mais a atenção e me comoveram já não existam ou sejam completamente diferentes, homologadas? E pensei que um livro como o que nós estamos a construir com tanto entusiasmo, como resposta ao desejo dos amigos portugueses, mais do que aos estudiosos de temas lusitanos, possa interessar ainda um pouco só ao meu filho, aos meus netos, aos netos dos meus netos, à “família”. E por isso, na selecção que temos de fazer das fotografias, in-

cluirei também tantas pequenas, desfocadas, fotografias familiares. Para que um bisneto, ao abrir o álbum para a visita portuguesa, possa dizer: “Esta era a minha bisavó...” E para que possa mostrá-lo talvez em dimensão virtual, na Internet ou como se chamar nessa altura esta coisa enigmática que hoje nos perturba.

Roma, Junho-Julho de 2000.



Com os netos Tommaso e Paolo, Roma, Dezembro 2000 (Foto Roberto Koch-Contrasto)

Luciana Stegagno Picchio

Uma bibliografia temática
portuguesa e brasileira

por Guia Boni

NOTA. Figuram nesta bibliografia temática unicamente os escritos que LSP dedicou desde 1956 até 2000 a assuntos portugueses, brasileiros, espanhóis e hispano-americanos. Para uma bibliografia mais completa da investigadora, remetemos para a bibliografia cronológica da série “Bibliografie” da *Enchiridion: Luciana Stegagno Picchio, Scritti dal 1951 al 1999, a cura di Guia Boni e Rita Desti*, Napoli, 1999 e para a bibliografia temática: *Luciana Stegagno Picchio. Una bibliografia tematica a cura di Guia Boni*, in *E vós, Tágides minhas. Miscellanea in onore di Luciana Stegagno Picchio, a cura di Maria José de Lancastre, Silvano Peloso e Ugo Serani*, Viareggio, Baroni, 1999, pp. 23-46. Para comodidade dos leitores, acrescentamos aqui também os Índices da revista *Quaderni portoghesi*, de que LSP foi Directora responsável, do primeiro ao último número (n. 1-24, 1977-1988), e os Índices da série “Brasiliana”, da revista *Letterature d’America* que LSP orientou de 1980 a 1990. Um verbete biobibliográfico dedicado a LSP pode-se ler na *Enciclopedia Italiana* (Treccani), Appendice V, 1979-1982, Roma, 1995, p. 271.

PORTUGAL

Em volume:

FILOLOGIA

- 1 João de Barros, *Diálogo em louvor de nossa linguagem*, Leitura crítica com Introdução, Modena, STEM, 1959, pp. 127.
- 2 *A lição do texto*. Filologia e literatura, Idade Média, Lisboa, Edições 70, 1979, pp. 270.
- 3 *La méthode philologique*. Écrits sur la littérature portugaise (I. La poésie; II. La prose et le théâtre), Avec une préface de Roman Jakobson, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 360.

HISTÓRIAS DO TEATRO

- 4 *Storia del teatro portoghese*, Roma, Edizioni dell'Ateneo, 1964, pp. 410.
- 5 *Profilo storico della letteratura drammatica portoghese*, Milano, Vallardi, 1967, pp. 64+VIII.
- 6 *Quatro lições sobre o teatro português*, Lisboa, Estudos Italianos em Portugal, 1967, pp. 70.
- 7 *Ricerche sul teatro portoghese*, Roma, Edizioni dell'Ateneo, 1969, pp. 401.
- 8 *História do teatro português*, Lisboa, Portugália, 1969, pp. 486.

LITERATURA DE VIAGENS

- 9 *Mar aberto*. As viagens dos portugueses, Lisboa, Caminho, 1999, pp. 410.

AUTORES

Luís Vaz de Camões

Ensaaios

- 10 “O Ocidente como sistema de valores. Para uma interpretação de *Os Lusíadas* de C.”, in *Suplemento literário do Comércio do Porto*, Porto, 13/6/1972.
- 11 “Ars combinatoria e algebra delle proposizioni in una lirica di C.”, in *Studj Romanzi*, Roma, XXXV, 1975, pp. 5-39.
- 12 “C.: significato di una mostra”, Introd. ao catálogo *C. e il Rinascimento italiano*, Roma, Accademia Nazionale dei Lincei, 1975, pp. IX-XVI.
- 13 “O canto molhado: contributo para o estudo das biografias camonianas”, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, XVI [C.], 1981, pp. 243-265.

- 14 “Biografia e autobiografia: due studi in margine alle biografie camoniane. 1. *O canto molhado*; 2. *Super flumina*”, in *Quaderni Portoghesi*, 7-8 [C.], 1981, pp. 21-110.
 - 15 “Babel et Sion: Inspiration thématique et inspiration formelle dans la glose camonienne du psaume *Super flumina Babylonis*”, in *L'humanisme portugais et l'Europe*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, pp. 557-598.
 - 16 “C. e Pessoa: due miti paralleli”, in *La collina*, Siena, 9-10, 1988, pp. 39-41.
 - 17 “C. lírico: variantes de tradição e variantes de autor. Exemplos para o estudo da movência em textos camonianos”, in *Actas da IV Reunião Internacional de Camonistas*, São Paulo, USP, 1992, pp. 285-309.
 - 18 “Turricano chi era costui?” Note in margine al sonetto di Torquato Tasso per Vasco da Gama e Luís de C.”, in *Studi di filologia e letteratura italiana in onore di Maria Picchio Simonelli*, Alessandria, Edizioni dell'Orso, 1992, pp. 311-320.
 - 19 “Teatralização dos descobrimentos: *Os Lusíadas* na Corte del-Rey Dom Sebastião”, in *Adágio*, 8, Evora, 1992, pp. 5-8.
 - 20 “Guéos: os antropófagos tatuados de C. (Lus. X, 126, 5-8)”, in *Revista da Faculdade de Letras*, 13-14 [Homenagem a José V. de Pina Martins], Lisboa, Universidade de Lisboa, 1993, pp. 245-252.
 - 21 “C. e la cultura portoghese”, in *L'Europa dei popoli*, Roma, Poligrafico dello Stato, 1997, pp. 181-189.
 - 22 “C./Petrarca: studio di varianti”, in *Petrarca, Verona e l'Europa*, Padova, Antenore, 1997, pp. 435-456.
- #### Entrevistas
- 23 “Alberto Asor Rosa risponde a tre domande su C., Tasso e Marino”, in *Quaderni Portoghesi*, 7-8 [C.], 1981, pp. 267-273.
 - 24 “Helder Macedo responde a três perguntas sobre C. protagonista de *Os Lusíadas*”, in *id.*, pp. 287-292.
 - 25 “Giorgio Brugnoli risponde a tre domande sul ‘classico’ in C.”, in *id.*, pp. 275-285.
 - 26 “Cesare Segre responde a tre domande sul poema epico”, in *id.*, pp. 161-168.
- #### Resenhas
- 27 Maria Vitalina Leal de Matos, *O canto na poesia épica e lírica de C.*, Paris, 1981, in *Colóquio/Letras*, Lisboa, 78, 1984, pp. 78-80.
- #### Verbetes
- 28 “C., Luís Vaz de”, in *Enciclopedia Europea Garzanti*, vol. II, Milano, 1976.

Camilo Castelo-Branco

Ensaaios

- 29 “Amor de perdição: uma ‘crónica stendhaliana’. Estudo de fortuna”, in *Actas do Congresso internacional de estudos camilianos*, Coimbra, Comissão nacional das comemorações camilianas, 1994, pp. 765-775.
- 30 “C. ou o autor titereiro: *O que fazem mulheres*”, in *C.C.B. no centenário da morte*, Santa Barbara, Center for Portuguese Studies, 1995, pp. 249-257.
- Resenha**
- 31 “Storia tristissima del giacobino innamorato”, in *la Repubblica-Cultura*, 10/4/1992, sobre C.C.B., *Amore di perdizione*, Palermo, Sellerio, 1991.

Fernando Pessoa

Ensaaios

- 32 “P. uno e quattro”, in *Strumenti Critici*, 4, Torino, 1967, pp. 377-401.
- 33 “Les oxymores dialectiques de F. P.” [em colab. com Roman Jakobson], in *Langages*, Paris, 12, 1968, pp. 9-26 e também in Roman Jakobson, *Questions de poétique*, Paris, Seuil, 1973, pp. 453-483; em port. in Roman Jakobson, *Lingüística. Poética. Cinema* (Roman Jakobson no Brasil), São Paulo, Perspectiva, 1970, pp. 93-118 e também in *Lingüística e literatura*, Lisboa, Edições 70, 1976, pp. 21-55; em cast. in *Plural*, México, 7-8, 1972; em húngaro in Roman Jakobson, *A költészet grammatikája*, Budapesti, Gondolat, 1982, pp. 175-288; em ital. in Roman Jakobson, *Poetica e poesia*. Questioni di storia e analisi testuale, Torino, Einaudi, 1985, pp. 353-375.
- 34 “Chuva oblíqua: dall’infinito turbolento di F.P. all’Intersezionismo portoghese”, in *Quaderni Portoghesi*, 2 [F.P.], 1977, pp. 27-63.
- 35 “F.P., o poeta gerúndio de Murilo Mendes”, in *Persona*, Porto, 1981, pp. 3-12.
- 36 “P., Marinetti e il futurismo mentale della generazione dell’Orpheu”, in *Il poeta e la finzione*. Scritti su F. P., Genova, Tilgher, 1983, pp. 79-109.
- 37 “F.P.: Clés de lecture”, in F.P., *poète pluriel (1888-1935)*, Paris, Centre G. Pompidou et Editions de la Différence, 1985, pp. 29-34.
- 38 “Reunificação de F.P.”, in *Estudos Portugueses e Africanos*, 8, Campinas, UNICAMP, 1986, pp. 21-25.
- 39 “F.P. 1986: chiavi di lettura”, in *L’altra insonnia. Longitudine P.*, Roma, Coop. teatrale Teatroinaria, 1986, pp. 13-15.
- 40 “Universalità di F.P.”, in *F.P. no seu tempo*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988, pp. 77-82.

- 41 “Aquarelas brasileiras com toque parisiense, ou seja: F.P. do Lepidpótero ao cabide”, Pref. a Alfredo Margarido, 33+9 *Leituras de F.P.*, Campinas-Porto, Unicamp, 1988. Também em *O comércio do Porto*, Porto, 8/5/1988, pp. 118-119.
- 42 “Filologia vs poesia? Eu defendo o ‘dia triunfal’”, in *Um século de P.* Encontro internacional do centenário de F.P., Lisboa, Secretariado de Estado da cultura, 1990, pp. 63-70.
- 43 “P. chei de lectura”, in *Secolul 20*, Bucuresti, 334-335, 1991, pp. 49-51.
- 44 “Ironia de F.P.: *Os Colombos*. Estudo de variantes”, in *Cleonice Clara em sua geração*. Homenagem a Cleonice Berardinelli, Rio de Janeiro, UFRJ, 1995, pp. 394-505.
- 45 “Fingimento e testemunho: de F.P. a Jorge de Sena”, in *para emergir nascemos...* Estudos em rememoração de Jorge de Sena, Lisboa, Salamandra, 2000, pp. 259-267.
- cf 16.

Entrevistas

- 46 “Jorge de Sena risponde a tre domande su F.P.”, in *Quaderni Portoghesi*, 2 [F.P.], 1977, pp. 137-158.

Resenhas

- 47 “F.P.: un poeta in forma di galassia”, in *Tuttolibri-La Stampa*, 12/5/1979, sobre F.P., *Una sola moltitudine*, Milano, Adelphi, 1979.
- 48 “Nel baule di P. tutte le maschere della nostra angoscia”, in *Tuttolibri-La Stampa*, 24/2/1987 sobre F.P., *Il libro dell’inquietudine di Bernardo Soares*, Milano, Feltrinelli, 1986.
- 49 Joaquim Francisco Coelho, *Microleituras de Álvaro de Campos*, Lisboa, D. Quixote, 1987, in *Colóquio/Letras*, 103, 1988, pp. 97-98.
- 50 “Il parere di LSP”, in *la Repubblica-Cultura*, 7/1/1989 sobre F.P., *Il poeta è un fingitore*, Milano, Feltrinelli, 1988.
- 51 “Una sedia per P.”, in *la Repubblica-Cultura*, 9/5/1989, sobre F.P. *Immagini della sua vita*, a cura di Maria José de Lancastre, Milano, Adelphi, 1988.
- 52 “La Waterloo di P.”, in *la Repubblica-Cultura*, 12/12/1989 sobre F.P., *Faust*, Torino, Einaudi, 1989.
- 53 “F.P. Un baule pieno di sorprese”, in *la Repubblica-Cultura*, 13/11/1991, sobre F.P., *Eliezer*, Roma, Lucarini, 1991.
- 54 “L’affaire P.”, in *la Repubblica-Cultura*, 3/12/1991, sobre id.
- 55 “P., il poeta egli equivoci”, in *la Repubblica-Cultura*, sobre as ideias políticas de F.P.

56 “P. e i suoi nipotini”, in *la Repubblica-Cultura*, 13/10/1997, sobre Portugal país hóspede do Salão do Livro de Frankfurt.

Verbetes

57 “F.P.”, in *Cultura del Novecento*, Milano, Mondadori, 1981, pp. 251-255.

58 “F.P.”, in *La Cultura del Novecentos*, México, Siglo Vientiuno, 1985.

José Cardoso Pires

Entrevista

59 “Nel blocco sud il nostro destino”. Entrevista a J.C.P., in *Euros*, 5-6, 1991, pp. 19-23.

Resenhas

60 J.C.P., *Il delfino*, Roma, Editori Riuniti, 1979, in *Tuttolibri-La Stampa*, 11/8/1979.

61 “Una vita contro il Dinosaurio”, in *la Repubblica-Cultura*, 6/11/1991 para a entrega do prémio União Latina a J.C.P.

62 “Il dinosauro Salazar”, in *la Repubblica-Cultura*, 27/10/1998, para a morte de J.C.P.

Eça de Queirós

Ensaaios

63 “Este inexplicado José Matias. Um conto exemplar de EdeQ”, in *Queirosiana*. Estudos sobre EdeQ e a sua geração, 5-6, Coimbra, 1994, pp. 115-123.

64 “Invenção e remake nos contos de EdeQ: Frei Genebro”, in *150 anos com EdeQ*, III Encontro Internacional de Queirosianos, São Paulo, Centro de Estudos Portugueses, 1997, pp. 306-313.

Resenhas

65 “Il mistero del capello biondo”, in *la Repubblica-Cultura*, 26/6/1989, sobre EdeQ-Ramalho Ortigão, *Il mistero della strada di Sintra*, Palermo, Sellerio, 1989.

Traduções

66 EdeQ, “Giuseppe Mattia”, in *Le più belle novelle dell'Ottocento*, Roma, Gherardo Casini, 1951.

67 EdeQ, *José Matias*, Milano, Tranchida, 1992. Com prefácio.

68 “Frei Genebro/Fra Ginepro”, in EdeQ, *Racconti esemplari/Contos exemplares*, Napoli, Liguori, 2000, pp. 44-67.

Aquilino Ribeiro

Tradução

69 A.R., *Le avventure di saltafossi*, Firenze, Marzocco, 1951.

José Saramago

Em volume

70 J.S. *Istantanee per un ritratto*, Firenze, Passigli, 2000, pp. 251.

Ensaaios

71 “L’assedio di Lisbona, ovvero i ‘no’ di S.”, Pref. a J.S., *Storia dell’assedio di Lisbona*, Milano, Bompiani, 1992, pp. V-XIV.

72 “El discurso oral de J.S.: Un estilo como ideología”, in *Espácio/Espaço*. Revista de literatura en dos lenguas, 9-10, Badajoz, 1994, pp. 135-139.

73 “*Ut pictura poësis*: il Manuale di J.S.”. Pref. a J.S., *Manuale di pittura e calligrafia*, Milano, Bompiani, 1996.

74 “Tipologia e spiritualità dei ‘Vangeli laici’ da Pasolini a S.”, in *Lezioni su Pasolini*, Ripatransone, Edizioni Sestante, 1997, pp. 301-314.

75 “I libri della nostra inquietudine”, in J.S., *Romanzi e racconti*, Milano, Mondadori, “I meridiani”, 2 vols, 1999, pp. XI-LXXII.

76 Posfácio a J.S., *A estátua e a pedra*, ed. por Giancarlo Depretis, Alessandria, Edizioni dell’Orso, 1999, pp. 19-25.

77 “Un Nobel per il Portogallo”, in *S. un Nobel per il Portogallo*, Atti del Convegno internazionale, Penne, Noubs, 1999, pp. 21-42.

78 “J.S.: a lição e a pedra”, in *Colóquio/Letras*, 151-152, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Jan-Jun 1999, pp. 13-19.

Entrevistas

79 “S.: viaggia su una zattera la nostra identità”, in *Tuttolibri-La Stampa*, 26/11/1988, sobre *La zattera di pietra*, Milano, Feltrinelli, 1988.

Notas

80 orelhas: J.S., *L’anno della morte di Ricardo Reis*, Milano, Feltrinelli, 1985.

81 contracapa: J.S., *La zattera di pietra*, Milano, Feltrinelli, 1988.

Resenhas

82 “Una sorpresa letteraria. Nel Portogallo dell’Inquisizione c’era un gesuita che costruiva mongolfiere”, in *Tuttolibri-La Stampa*, 4/8/1984, sobre J.S., *Memoriale del convento*, Milano, Feltrinelli, 1984.

83 “Il maltempo portoghese”, in *L’Indice*, 2, 1986 sobre J.S., *L’anno della morte di Ricardo Reis*, Milano, Feltrinelli, 1985.

84 “Il Vangelo secondo S.”, in *la Repubblica-Cultura*, 1/5/1992, sobre J.S., *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, Lisboa, Caminho, 1991.

- 85 “Um Evangelho concebido com paixão”, in *Jornal de Letras*, 520, sobre id.
- 86 “L’acqua e il sangue di J.S.”, in *la Repubblica-Cultura*, 13/11/1992, para o prémio Mondello a J.S.
- 87 “Il Vangelo di S.”, in *La rivista dei libri*, maggio 1993, sobre J.S., *Il Vangelo secondo Gesù*, Milano, Bompiani, 1993.
- 88 “Esule alle Canarie”, in *la Repubblica-Cultura*, 28/8/1994.
- 89 “L’incubo della vista perduta”, in *la Repubblica-Cultura*, 7/6/1996, sobre J.S., *Cecità*, Torino, Einaudi, 1996.
- 90 “S. nella caverna ho riscoperto il mito”, in *la Repubblica-Cultura*, 9/12/2000, p. 45 sobre J. S., *La caverna*, Torino, Einaudi, 2000.
- Jorge de Sena**
Ensaïos
- 91 “A l’occasion de la fête nationale” (poem and letter), in *Studies on JdeS by his Colleagues and Friends*, Santa Barbara, Bandanna Books, 1981, pp. 268-269.
- 92 “Poesia e tradição: Variações sobre uma cantiga de amigo de JdeS”, in *Estudos sobre JdeS*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 221-238.
- 93 Colóquio com JdeS, “Note sul surrealismo in Portogallo”, in *Quaderni Portoghesi*, 3 [Surrealismo in Portogallo], 1978, pp. 17-39.
- 94 “Au nom du diable”. Posfácio a JdeS, *Le physicien prodigieux*, Paris, A. M. Métailié, 1985, pp. 119-124.
- 95 “Esercizi su di una vita: i *Flashes* di Mécia de Sena”, in *Quaderni Portoghesi*, 13-14 [JdeS], Pisa, Giardini, 1983, pp. 401-403.
- 96 “Nove storie quasi vere”, Pref. a JdeS, *La Gran Canaria e altri racconti*, Roma, Editori Riuniti, 1988, pp. V-X.
- 97 “Notas em margem aos *Grãos Capitães*”, in *Letras & Letras*, 1/7/1988, p. 12.
- 98 “Ainda o *Físico Prodigioso* de JdeS”, in *Sentido que a vida faz*. Estudos para Óscar Lopes, Porto, Campo das Letras, 1997, pp. 347-350.
- 99 “JdeS e a cor da liberdade”, in *JdeS em rotas encruzadas*, Lisboa, Edições Cosmos, 1999, pp. 209-216. cf 45.
- Entrevistas
- 100 “Tre domande su S. e il Brasile ad Antonio Candido”, in *Quaderni Portoghesi*, 13-14 [JdeS], 1983, pp. 363-373.
- 101 “Tre domande sul tradurre J. de S. a Jean R. Longland”, in *id.*, pp. 375-378.
- 102 “Tre domande su JdeS professore ad Anne Terlingen Villepin”, in *id.*, pp. 375-378.
- Poesia**
- 103 À memória de JdeS é dedicado o volume de poemas de L.S.P. *La terra dei lotofagi*, Milano, Scheiwiller, 1993.
- Resenhas**
- 104 “JdeS ‘mostro della natura’”, in *Libri-Paesa Sera*, sobre JdeS, *Esorcismi*, Milano, Accademia, 1975.
- Traduções**
- 105 JdeS, “Racconto brevissimo”, in *Il Cavallo di Troia*, 2, Milano, 1982, pp. 5-7.
- 106 JdeS, *Il medico prodigioso*, Milano, Feltrinelli, 1987, pp. 234. Com prefácio.
- Miguel Torga**
Ensaïos
- 107 “M.T. o delle radici”, in *Linea d’ombra*, Milano, 71, 1992, pp. 71-72.
- 108 “Entre Douro e Mondego. A metáfora fluvial em M.T.”, in *Aqui, neste lugar e nesta hora*, Porto, Ed. Universidade Fernando Pessoa, 1994, pp. 413-420.
- Gil Vicente**
Edições
- 109 *Il Pranto de Maria Parda de G.V.*, in *Annali Istituto Universitario Orientale*, Napoli, 1963, pp. 137.
- Ensaïos**
- 110 “Diavolo e inferno nel teatro di G.V.”, in *Annali Istituto Universitario Orientale*, Napoli, 1959, pp. 31-59.
- 111 “Questioni gilvicentine”, in *Cultura Neolatina*, XIX, 1959, pp. 265-274.
- 112 “Il *Pater noster* dell’*Auto do velho da horta*. Interpretazione di un passo G.V.”, in *Annali Istituto Universitario Orientale*, Napoli, 1961, pp. 191-198.
- 113 “Considerazioni sui testi saiaghesi di G.V.”, in *Studi di Letteratura spagnola*, Roma, 1964, pp. 231-241.
- 114 “Para uma edição crítica dos textos de G. V.”, in *Suplemento Literário Estado de São Paulo*, São Paulo, 4/12/1965.
- 115 “Tradição textual e edições críticas das obras de G.V.”, in *Diário de Notícias*, Lisboa, 9/12/1965.
- 116 “Sulle parlate rustiche nel teatro del Cinquecento: saiaghese, lingua rustica portoghese, pavano”, in *Studi sul teatro veneto fra Rinascimento e età barocca*, Firenze, Olschki, 1971, pp. 32-36.

- 117 "Trayectoria de G.V.", in Francisco Rico, *Historia y crítica de la literatura española*, vol. II, Barcelona, Editorial Critica, 1980, pp. 558-563.
- 118 "Per una semiologia dell'Aldilà: l'idea di purgatorio in G.V.", in *Homenaje a Eugenio Asensio*, Madrid, Gredos, 1988, pp. 447-458.
- 119 "O Purgatório de G.V.: estado ou lugar?", in *Temas vicentinos*, Lisboa, ICALP-Ministério da Educação, 1992, pp. 159-173.
- 120 "*O thiasos* marinho na literatura portuguesa de G.V. a Gonzaga", in *Studies in Portuguese Literature and History in Honour of Luís de Sousa Rebelo*, London, Tamesis Book, 1992, pp. 73-81.
- Entrevistas
- 121 "Paul Teyssier risponde a tre domande sulla lingua di G. V.", in *Quaderni Portoghesi*, 9-10 [G.V.], 1981, pp. 301-308.
- 122 "Stephen Reckert risponde a tre domande sulla poesia nell'opera di G.V.", in *id.*, pp. 309-320.
- 123 "Alberto Pimenta risponde a tre domande sul ruolo del diavolo nel teatro di G.V.", in *id.*, pp. 321-328
- Verbetes
- 124 "V., G.", in *Enciclopedia dello Spettacolo*, Roma, IX, 1962.
- 133 "Um homem é sempre maior de que um livro", in *Fernando Namora-50 anos de vida literária*, Estoril, Spm, 1988.
- 134 "Dom João de Redenção", in António Patrício, *Dom João e a Máscara*, Programa do espectáculo em Lisboa, 1990, pp. 55-57.
- 135 "L'intenso contemporaneo di Nuno Júdice", Pref. a Nuno Júdice, *La poesia corrompe le dita*, Verona, Colpo di Fulmine, 1991, pp. 5-7.
- 136 "Brin-cadeiras para Salette Tavares", Pref. a Salette Tavares, *Obra poética 1957-1971*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992, pp. 7-19.
- 137 "Italie mythique d'Antero de Quental: de Garibaldi à St. François d'Assise", in *Antero de Quental et l'Europe*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, pp. 147-158.
- 138 "*Navigazioni et viaggi* di Giovanni Battista Ramusio", in *Letteratura italiana. Le opere. Dal cinquecento al settecento*, Torino, Einaudi, 1993, pp. 479-515.
- 139 "Ancora sugli *Elogia virorum Illustrium* di Paolo Giovio: l'elogio *sub Effigie Ioannis Tarnovii Comitiss Poloni*, in *Atti do congresso Renesans W Polsce/ Il Rinascimento in Polonia*, Napoli, Bibliopolis, 1994, pp. 69-91.
- 140 "A Selva de Ferreira de Castro: Um romance piloto", in *Vária escrita*, Sintra, Câmara Municipal de Sintra, 1996 [mas 1997].
- 141 Duas cartas a Manuel Rodrigues Lapa, in *Correspondência de Rodrigues Lapa (1929-1985)*, Coimbra, Minerva, 1997, pp. 326-7 e 335.
- 142 "Relembrando Jacinto do Prado Coelho", in *Os sentidos e o sentido. Homenageando Jacinto do Prado Coelho*, Lisboa, Cosmos, 1997, pp. 33-35.
- 143 "Thomas Mann ou Visconti? *A Morte em Veneza* de Luís Carmelo", Pref. a Luís Carmelo, *No princípio era Veneza*, Lisboa, Vega, 2ª ed., 1997, pp. III-VII.
- 144 "Sobre Luiz Francisco Rebello", in *Luiz Francisco Rebello*, Oeiras, Livraria Municipal Verney, 2000, pp. 24+25.
- Resenhas
- 145 Giuseppe Carlo Rossi, *Teatro portoghese e brasiliano*, Milano, Nuova Accademia, 1956, in *Filologia romanza*, 1956, 11, pp. 325-335.
- 146 *Dicionário de literatura portuguesa, galega, brasileira*, por Jacinto do Prado Coelho, Porto, Figueirinhas, in *Cultura Neolatina*, XVIII, 1958, pp. 293-297.
- 147 Eugenio Asensio, *Poética y realidad en el cancionero peninsular de la Edad Media*, Madrid, 1957, in *Cultura Neolatina*, 1959, pp. 147-150.

OUTROS AUTORES

Ensaio

- 125 "P.A.J. Correia Garção: il teorico di teatro", in *Filologia Romanza*, 19-20, 1958, pp. 365-387.
- 126 Introd. a António Ribeiro Chiado, *Prática dos Compadres*. Ed. facsimilada, Lisboa, O mundo do livro, 1964, pp. 7-19.
- 127 "Os dois mundos do *Fidalgo pobre* e do *Fidalgo aprendiz*", in *Cultura e Arte*, 22/11/1966.
- 128 "Dal *Fanchono* al *Bristo* (per una storia delle commedie di António Ferreira)", in *Cultura Neolatina*, XXVIII, 1968, pp. 221-243.
- 129 "C'era una volta una volta", Introd. a Sophia de Mello Breyner Andresen, *Due favole portoghesi*, Torino, Stampatori, 1982.
- 130 "Fernão Mendes Pinto e a sua *Peregrinação*", in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1983, pp. 229-239.
- 131 "Le nipoti di Marianna. Note sulla letteratura femminile in Portogallo", Introd. a *Gli abbracci feriti*, Milano, Feltrinelli, 1980, pp. 5-11.
- 132 "Amadeo: il portoghese di Parigi", Pref. a Mário Cláudio, *Amadeo*, Milano, Feltrinelli, 1988, pp. 7-16.

- 148 Dámaso Alonso, *De los siglos oscuros al de oro*, Madrid, 1958, in *Annali Universitario Orientale*, Napoli, I, 1959, pp. 113-116.
 - 149 Barbosa Lima Sobrinho, *A língua portuguesa e a unidade do Brasil*, Rio de Janeiro, 1958, in *Annali Universitario Orientale*, Napoli, I, 1959, pp. 118-122.
 - 150 *Estúdios escénicos. Cuadernos del Instituto del Teatro*, 1 e 3, Barcelona, 1957, in *Quaderni Ibero-Americani*, 1959, pp. 612-613.
 - 151 *A demanda do Santo Graal*, ed. A. Magne, Rio de Janeiro, 1955; *Bíblia Medieval Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1958, in *Cultura Neolatina*, XIX, 1959, pp. 155-156 [em colab.].
 - 152 Richard B. Donovan, *The Liturgical Drama in Medieval Spain*, Toronto, 1958, in *Filologia Romanza*, VI, 1959.
 - 153 “In margine all’edizione di antichi testi portoghesi”, in *Studi Mediolatini e Volgari*, VIII, pp. 255-273 sobre M. Adelaide Valle Cintra, *Bibliografia de textos medievais portugueses*, Lisboa, 1960.
 - 154 Alfonso X, o Sábio, *Cantigas de Santa Maria*, ed. por Walter Mettman, Coimbra, 1960, in *Annali Universitario Orientale*, Napoli, 1960, pp. 83-85.
 - 155 “Il IV Colloquio internazionale di studi luso-brasiliani”, in *Annali Universitario Orientale*, Napoli, 1, 1960, pp. 105-108.
 - 156 D. Francisco Manuel de Melo, *A visita das fontes*, por G. Manuppella, in *Cultura Neolatina*, XXIII, 1963, pp. 103-105.
 - 157 Claude-Henri Frêches, *Le théâtre néo-latin au Portugal (1550-1745)*, Paris-Lisbonne, 1964, in *Cultura Neolatina*, XXIV, 1964, pp. 289-294.
 - 158 *Tuttolibri-La Stampa*, 16/12/1978 sobre Alexandre O’Neill, *Made in Portugal*, Milano, Guanda, 1978.
 - 159 *Minerações*, Ensaios de crítica e vida literária, in *Colóquio/Letras*, 35, 1977, p. 99.
 - 160 “Nunca um homem cabe num livro”, in *Jornal de Letras*, 305, 1988.
 - 161 “Um mestre do ensaio com formação de filósofo”, in *Jornal de Letras*, 1992, para a entrega do Prémio António Sérgio a Eduardo Lourenço.
 - 162 “Così morì Pavese”, in *la Repubblica-Cultura*, 16/6/1993, sobre Vasco Graça Moura, *L’ombra delle figure*, Roma, Fond. Piazzolla, 1993.
 - 163 “Tre cadaveri in barca”, in *la Repubblica-Cultura*, 1/3/1994, sobre Claudio Magris, *Il conde*, Genova, Il Melangolo, 1993.
 - 164 “Vasco Graça Moura. Traduzir Dante: Um desafio”, in *Jornal de Letras*, 658, 1996.
 - 165 “Signor Antunes ci scusiamo per il ritardo”, in *la Repubblica-Cultura*, 4/1/1997, sobre António Lobo Antunes, *In culo al mondo*, Torino, Einaudi, 1996.
 - 166 “Una Sibilla del Portogallo matriarcale”, in *la Repubblica-Cultura*, 19/11/1997, sobre o Prémio União Latina atribuído a Agustina Bessa-Luís.
 - 167 “La saga latifondista ai tempi della dittatura”, in *la Repubblica-Cultura*, 7/2/1999 sobre Almeida Faria, *La passione*, Firenze, Passigli, 1998.
 - 168 “A consciência do teatro português”, homenagem a Luiz Francisco Rebello, in *Jornal de Letras*, 756, 2000.
- Traduções**
- 169 Alexandre Herculano, “Il vescovo negro”; Abel Botelho, “Una corrida di tori a Sabugal”, in *Le più belle novelle dell’Ottocento*, Roma, Casini, 1951, pp. 1166-1200.
- Verbetes**
- 170 Garção, P.A.J. Correia”, in *Enciclopedia dello Spettacolo*, Roma, V, 1958.
 - 171 “Sá de Miranda, Francisco”, in *Enciclopedia dello Spettacolo*, Roma, VII, 1960.
 - 172 “Vasconcelos, Jorge Ferreira de”, in *Enciclopedia dello Spettacolo*, Roma, IX, 1962.
 - 173 “Buchanan, George”, in *Dicionário do teatro português*, 1972.
- LÍRICA GALEGO-PORTUGUESA
E ESTUDOS GALEGOS**
- Edições críticas**
- 174 “Le poesie d’amore di Vidal, giudeo di Elvas”, in *Cultura Neolatina*, XX, 1962, pp. 157-168.
 - 175 Martin Moya, *Le poesie*, Roma, Edizioni dell’Ateneo, 1968, pp. 308.
- Ensaios**
- 176 “Per una storia della serrana peninsulare: la serrana di Sintra”, in *Cultura Neolatina*, XXVI, 1966, pp. 105-128.
 - 177 “Gli agli verdi: una canzone di scherno di Johan de Gaya”, in *Studi di letteratura spagnola*, III, Roma, 1966, pp. 141-153.
 - 178 “Uma construção sólida e de grande coerência”, in *Grial*, 43, Vigo, 1974, pp. 79-80.
 - 179 “Ainda sobre Pero Meogo/Moogo: Problemas da lírica galego-portuguesa”, in *Atas do XV Congresso Internacional de Lingüística de Filologia Românica*, Rio de Janeiro, 1977.

- 180 "Sulla lirica galego-portoghese: un bilancio", in *Etudes de philologie romane et d'histoire littéraire offertes à Jules Horrent*, Liège, 1980, pp. 333-350.
 - 181 Lirica galego-portuguesa: um nome e um estilo poético", in *Actas do I Congresso internacional de língua galego-portuguesa na Galiza*, Ourense, AGAL, 1986, pp. 647-661.
 - 182 "Entre pastorelas e serranas. Novas contribuições ao estudo da pastorela galego-portuguesa", in *Actas do II Congresso internacional de língua galego-portuguesa na Galiza*, Ourense, AGAL, 1989, pp. 409-426.
 - 183 "Gli agli verdi. Una canzone di scherno di Joham de Gaia", in *Strumenti di filologia romanza-La lirica*, Bologna, il Mulino, 1990, pp. 367-382.
 - 184 "Para una nueva interpretación de la pastorela gallego-portuguesa", in *Actas do II Congresso internacional de la Asociación Hispánica de literatura medieval*, Segovia, Universidad de Alcalá de Henares, 1991, pp. 89-102.
 - 185 "A filosofia da saudade: saudades de Ramón Piñeiro", in *Grial*, 126, Vigo, 1995, pp. 173-180.
 - 186 "Tempo del mistico e tempo del convento. Una cantiga di Alfonso X", in *Critica del testo*, 1, Roma, Viella, 1998.
 - 187 "O mar das cantigas", in *Culturas. Especial dia das letras galegas di La voz de Galicia*, 25, 12/5/1998, p. 1.
- Resenhas**
- 188 Celso Ferreira da Cunha, *O cancioneiro de Martim Codax*, Rio de Janeiro, 1956, in *Studi Mediolatini e Volgari*, VIII, 1960, p. 263.
 - 189 Silvio Pellegrini, *Varietà romanze*, a cura di G. E. Sansone, Bari, Adriatica, 1977, in *Colóquio/Letras*, 45, 1978, pp. 76-78.
 - 190 "Os estudos galego-portugueses de Rodrigues Lapa", in *Colóquio/Letras*, 52, 1979, pp. 71-73.
 - 191 "Quando i re scrivevano poesie", in *la Repubblica-Cultura*, 12/6/1990 sobre *Diorama lusitano*, a cura di Giuseppe E. Sansone, Milano, Rizzoli, 1990. **Verbetes de teatro medieval**
 - 192 "Inferno", "Libertates Decembris", in *Enciclopedia dello Spettacolo*, VI, Roma, 1960; "Maschera", "Miracolo", "Mistero", "Moralità", "Orario", "Parabola", "Pasqua", "Passione", "Pentecoste", in id, VII, 1960; "Pianto", "Posti", "Prologo", "Quaresima", "Sacro, dramma", "Semiliturgico, dramma", "Sermone semidrammatico", in id, VIII, 1961; "Storico", "Trucco", in id., XI, 1962.

LITERATURA E CULTURA

Ensaïos

- 193 "Fortuna iberica di un topos letterario: la Corte di Costantinopoli dal *Cligès* al *Palmerin d'Olivia*", in *Studi sul Palmerin de Olivia*, Pisa, Istituto di Lingua e letteratura spagnola, 1960, pp. 99-136.
- 194 "Arremedilho. Di un presunto componimento drammatico giullaresco alle origini del teatro portoghese", in *Annali Istituto Universitario*, Napoli, 2, 1960, pp. 31-45.
- 195 "Marinetti et le futurisme mental des portugais", in *Présence de Marinetti*, Paris, l'Age d'Homme, 1982, pp. 326-345.
- 196 "A imagem no espelho: franceses *Ajurujubas* e portugueses-*Perós* no Brasil colonial", in *Les rapports culturels et littéraires entre le Portugal et la France*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, pp. 669-682.
- 197 "Portugal e portugueses no livro das *Navigazioni* di Giovan Battista Ramusio", in *Revista da Universidade de Coimbra*, XXX, 1984, pp. 5-21.
- 198 "Un polacco alla corte di Emanuele I di Portogallo", in *Studia Slavica Medievalia et Humanistica Riccardo Picchio dicata*, Roma, Officina, 1987, pp. 31-55.
- 199 "O Atlântico dos portugueses no século XVII", in *Revista da Universidade de Coimbra*, 1988, pp. 505-518.
- 200 "O Atlântico dos portugueses no século XVII: curioso testemunho de um capuchinho que atingiu o Congo passando pelo Brasil", in *Actas da IV reunião internacional de história náutica e hidrografia*, Lisboa, 1989, pp. 505-518.
- 201 "Il manifesto come genere letterario. Premessa a uno studio dei manifesti modernisti portoghesi e brasiliani: i manifesti portoghesi", in *Miscellanea in memoria di Erilde Melillo Reali*, Napoli, 1989, pp. 221-229.
- 202 "O sacro colégio de alfenim. Considerações sobre a civilização do açúcar na ilha da Madeira e noutras ilhas", in *Actas do II Colóquio internacional da história da Madeira*, Lisboa, 1990, pp. 181-190.
- 203 "A alma do arame no corpo de cortissa. Variações sobre bonifrates", in *Adágio*, I, Evora, 1990, pp. 32-36.
- 204 "Nomina sunt res: Yanez de Gomera e Gastão de Sequeira. Considerazioni su castigliano/portoghese nei romanzi di Emilio Salgari", in *Miscellanea di studi in onore di Lore Terracini*, Roma, Bulzoni, 1990, vol. II, pp. 739-751.

- 205 “Lingua e letteratura portoghese”, in *Guida alla Facoltà di lettere e filosofia*, Bologna, il Mulino, 1990, pp. 117-121.
- 206 “A literatura de viagens e o diálogo italo-português. Postilas a um Colóquio”, in *Mare liberum*, Lisboa, 1991, pp. 89-96.
- 207 “Rinaldo: o herói tentado”, Apresentação do programa *Rinaldo* de Händel, Lisboa, Teatro São Carlos, fev. de 1991.
- 208 “Dalle avanguardie ai modernismi. I nomi e le cose in Portogallo e Brasile”, in *Modernismi e avanguardie*, Palermo, Flaccovio, 1991, pp. 19-27.
- 209 “‘Vero e falso’ nella letteratura di viaggi e scoperte: modi di lettura”, in *Viaggi e scritture di viaggio. L’Uomo*, Pisa, Giardini, 1991, pp. 265-280.
- 210 “Trent’anni di riviste portoghesi: 1960-1990” [em colab. com Clara Rocha], in *In/forma di rivista*, Roma, Carte segrete, 1991, pp. 280-290.
- 211 “Tre continenti sono qui di casa”, in *Euros*, 1993, pp. 81-83.
- 212 “*Saudosa Beatriz, antiga amada*. Momenti della fortuna di Beatrice nelle letterature di espressione portoghese”, in *Beatrice nell’opera di Dante e nella memoria europea 1290-1990*, Firenze, Cadmo, 1994, pp. 399-415.
- 213 “I titoli di Lisbona”, in *Euros*, 1994, pp. 46-48.
- 214 “Mitologias portuguesas”, in *O amor das letras e das gentes*. In honor of Maria de Lourdes Belchior Pontes, Santa Barbara, 1995, pp. 26-32.
- 215 “Isotopias antropológicas e percursos literários na literatura portuguesa”, in *Dinâmicas da subjectividade*, Lisboa, 1997, pp. 7-17.
- 216 “Quadri per un’esposizione luso-polacca, ovvero Ladislao III Varnense nell’isola di Madera”, in *Studia slavistica et humanistica in honorem Nullo Minissi*, Katowice, 1997, pp. 301-309.
- 217 “I 500 anni del Trattato di Tordesillas. Postille italiane alle celebrazioni centenarie”, in *Il Portogallo e i mari. Un incontro tra culture*, Napoli, Liguori, 1998, pp. LXVI-LXX.
- 218 “Inês de Castro: radiografia di un mito”, in *Inês de Castro. Studi. Estudos. Estudios*, Ravenna, Longo, 1999, pp. 19-25.
- 219 “O grande e o pequenino: o Padre António Vieira e Santo António de Lisboa”, in *Actas do Congresso Internacional Comemorativo do III Centenário da morte do Padre António Vieira*, Braga, 1999, pp. 545-500.
- 220 “La figuration de la mer comme recherche de l’autre”, in *Literatura e pluralidade cultural*, Lisboa, Edições Colibri, 2000, 773-776.
- Entrevistas**
- 221 “O método Soares”, entrevista ao Presidente da República portuguesa Mário Soares, in *Euros*, nn. 3-4, pp. 13-18.
- Resenhas**
- 222 “Sotto il segno di Bosch”, in *la Repubblica-Cultura*, 28/1/1994, sobre Lisboa capital europeia da cultura de 1994.
- 223 “Sant’Antonio e i pesci di Rimini”, in *la Repubblica-Cultura*, 8/8/1995, para os 800 anos da morte de São António.
- 224 “Il Papa mago venuto da Lisbona”, in *la Repubblica-Cultura*, 29/3/2000, sobre Pedro Hispano, Papa Giovanni XXI.
- Verbetes**
- 225 Verbetes de literatura portuguesa, in *Dizionario Letterario degli Autori e delle Opere e dei Personaggi*, I, 1956, II, 1957; suplemento, I, 1964; suplemento, II, 1966.
- 226 “Portogallo”, cols 355-360; “Portoghesi”, cols. 375-376, in *Enciclopedia dello Spettacolo*, Roma, VIII, 1961.
- 227 “Saiaghese, letteratura”, in *Dizionario critico di letteratura spagnola*, Torino, Utet, 1967, pp. 16-19.
- 228 “Portogallo, letteratura”, in *Grande Enciclopedia Vallardi*, vol. XII, Milano, 10 cols, 1967.
- 229 “Alfageme de Santarém”, p. 31; “Alfaiate, Farsa de”, p. 32; “Alma, Auto da”, pp. 33-34; “Amadis de Gaula”, pp. 43-44; “Arcádia lusitana (o Ulissiponense)”, pp. 53-54; “Assembleia ou Partida”, p. 61; “Auto”, pp. 62-63; “Auto de Gil Vicente, Um”, pp. 63-64, in *Dicionário do teatro português*, Lisboa, 1971.
- 230 “Bilinguismo”, pp. 93-94; “Breve sumário da História de Deus”, pp. 111-112; “Bristo”, p. 113, in *Dicionário do teatro português*, Lisboa, 1972.
- 231 “Arremedilho”, pp. 462-463; “Auto”, pp. 519-521, in *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, Lisboa, 1977.
- 232 “Catão”, pp. 147-148; “Cioso”, pp. 165-166; “Clasicismo”, pp. 163-170; “Copilação”, pp. 193-195, in *Dicionário do teatro português*, Lisboa, 1973.
- 233 “Floripes, Auto da”, pp. 317-319, in *Dicionário do teatro português*, Lisboa, 1974.
- 234 “Portogallo, literatura”, in *Enciclopedia Europea Garzanti*, vol. IX, Milano, 1980, pp. 149-154.
- 235 “Modernismo, Portogallo”, in *Cultura del Novecento*, Milano, Mondadori, 1981, pp. 240-244.

- 236 "El modernismo: Portugal", in *Cultura del Novecentos*, México, Siglo Vientiuno, 1985.
- 237 "Portogallo, Letteratura", in *Enciclopedia italiana di scienze, lettere e arti*, Istituto dell'Enciclopedia Treccani, V Appendice (1979-1992), 1994, pp. 210-211.

LÍNGUA

- 238 *Corso pratico di lingua portoghese* [em colab.]. Lições para a Radio Televisione Italiana, Torino, Eri, 1957, 1961, 1963.
- 239 "Osservazioni sull'uso di alcuni termini dell'antico teatro portoghese", in *Boletim de Filologia*, XIX, Lisboa, 1960, pp. 131-143.
- 240 "Ispanismo e lusismo", in *L'apporto italiano alla formazione di una tradizione di studi ispanici*, Roma, Instituto Español de Cultura, 1993.
- Resenhas**
- 241 Giuseppe Tavani, *Grammatica portoghese*, Roma, 1957, in *Filologia Romanza*, 16, 1957, pp. 447-448
- 242 Serafim da Silva Neto, *A língua portuguesa no Brasil*, Rio de Janeiro, 1960, in *Annali Istituto Universitario Orientale*, Napoli, 1960, pp. 85-88.

Índices da Revista Quaderni Portoghesi, Pisa, Giardini, 1977-1988

1. [Fernando Pessoa], Primavera 1977
Editoriale
 Antonio Tabucchi, *La scheda: Fernando Pessoa*.
 Antonio Tabucchi, *Pessoa o del Novecento*.
 Jacinto do Prado Coelho, *Qualcosa di nuovo su António Mora*.
 Cesare Segre, *Il sogno del sogno in una poesia di Pessoa*.
 Stephen Reckert, *Fortuna e metamorfosi di un topos nella poesia di Pessoa*.
 Armando Martins Janeira, *Zen nella poesia*.
 Maria José de Lancastre, *Peregrinatio ad loca fernandina: la Lisbona di Pessoa*.
 Luciana Stegagno Picchio, *Jorge de Sena risponde a tre domande su Pessoa*.
2. [Fernando Pessoa], Autunno 1977
Editoriale
 Almeida Faria, *Pessoa che pensa Campos che sente*
 Luciana Stegagno Picchio, *Chuva oblíqua: dall'Infinito turbolento di Fernando Pessoa all'Intersezionismo portoghese*.
 Yvette K. Centeno, *Episódios/A Múmia di Pessoa: un testo chiave per lo studio dell'ermetismo di Fernando Pessoa*.
 Alberto Pimenta, *O último sortilégio di Fernando Pessoa*.
 Silvano Peloso, *L'ultima maschera di Fernando Pessoa: le Quadras ao gosto popular*.
 Manuel Poppe, *Montaggio di prose: l'enigmista*.
 Eduardo Lourenço, *Walt Whitman e Pessoa*.
 Antonio Tabucchi, *Andrea Zanzotto risponde a tre domande su Pessoa*.
 Antonio Tabucchi, *Fernando Pessoa, baedeker bibliografico*.
3. [Il surrealismo portoghese ha trent'anni], Primavera 1978
 Antonio Tabucchi, *Editoriale*.
 Antonio Tabucchi, *La scheda: Surrealismo*.
 Jorge de Sena, *Note sul Surrealismo in Portogallo, scritto da uno che non ha mai desiderato né preteso di essere precursore di un bel niente, anche se lo è stato cronologicamente, con buona pace di molti surrealisti, ex-surrealisti e via dicendo, senza escludere*

dal conto certi eccellenti personaggi che figurano tra i migliori e più affezionati amici dell'Autore.

Alexandre O'Neill, *Il marchio del surrealismo*.

José Augusto França, *Le riviste che non ci furono*

Alfredo Margarido, *Surrealismo in colonia*.

Almeida Faria, *Un surrealismo casereccio*.

Luiz Francisco Rebello, *Surrealismo o no nel teatro portoghese*.

Jacqueline Risset, *I discepoli di Breton: paradossi di un'avanguardia inattuale*.

João Nuno Alçada, *Apenas uma narrativa di António Pedro, ovvero il romanzo surrealista in Portogallo*.

Carlo Felipe Moisés, *António Maria Lisboa o della disintegrazione del discorso*.

Cruzeiro Seixas, *Fu un'azione terroristica*.

Edoardo Sanguineti, *Il surrealismo ha scoperto il kitsch*.

4. [Letteratura di viaggi e scoperte], Autunno 1978

Luciana Stegagno Picchio, *Editoriale*.

Giuliano Macchi, *La scheda: Viaggi e le scoperte dei portoghesi: storia e letteratura*.

Giuliano Macchi, *L'avventura definita. Un secolo di viaggi e scoperte portoghesi*.

Valeria Bertolucci Pizzorusso, *Uno spettacolo per il Re: l'infanzia di Adamo nella Carta di Pero Vaz de Caminha*.

Carmen M. Radulet, *Paesi nuovamente ritrovati: le prime notizie sul Brasile*.

Erilde Melillo Reali, *Una Peregrinação inconclusa*

Giuliano Macchi, *Messaggi, istruzioni e privilegi*

Giorgio Raimondo Cardona, *Africani e portoghesi: l'altra faccia della scoperta*.

Roberto Barchiesi, *L'Oriente catalogato in un manoscritto pittorico del Cinquecento*.

Teresa Cirillo, *Francisco de Herrera Maldonado apolegeta di Fernão Mendes Pinto*.

Luciana Stegagno Picchio, *Giovanni Raboni risponde a tre domande sulla letteratura di viaggi e scoperte*.

Luciana Stegagno Picchio, *José Vitorino de Pina Martins risponde a tre domande sulle scoperte portoghesi*.

5. [Letteratura di naufragi], Primavera 1979

Luciana Stegagno Picchio, *Editoriale*.

Roberto Barchiesi, *La scheda: Le relazioni di naufragi*.

Antonio Tabucchi, *Interpretazioni della História Trágico-Marítima nelle licenze per il suo "imprimatur"*.

José Ares Montes, *I resti di un naufragio*.

Silvano Peloso, *Le avventure tragico-marittime di un onesto negriero in giro per il mondo: i portoghesi nei Ragionamenti di Francesco Carletti*.

Eleonora Filippelli, *Il naufrago del "Marialva" (dal poema inedito di Tomás António Gonzaga)*.

Charles R. Boxer, *An Introduction to the História Trágico-Marítima (1957): Some Corrections and Clarifications*.

Fernanda Toriello, *Il naufrago della nave S. Tomás: l'invenzione di un eroe*.

Nello Avella, *Il Diário da navegação di Pero Lopez de Sousa: due fratelli e il naufrago*.

Maria Helena de Portugal Pereira Barchiesi, *Il naufrago della Nau Conceição (1555). Relazioni e redazioni*.

Luciana Stegagno Picchio, *Alessandro Bausani risponde a tre domande sulla letteratura di naufragi*.

6. [Camões. IV centenario], Autunno 1979

Luciana Stegagno Picchio, *Editoriale*.

Alessandro Martinengo, *Scheda: La poesia di Camões in Italia*.

Barbara Spaggiari, *Doces águas e claras do Mondego*.

Silvano Peloso, *Un circuito poetico alternativo: i motes popolari di Luís de Camões*.

Jorge de Sena, *Estudos sobre o vocabulário de Os Lusíadas*.

Ivana Gallo, *La prima traduzione spagnola dei Lusíadas: da quale originale?*.

Joaquim Francisco Coelho, *Borges scriptor de Camões*.

J. M. Aguirre, *Un omaggio francese a Luís de Camões*.

Luciana Stegagno Picchio, *Cesare Segre risponde a tre domande sul poema epico*.

Luciana Stegagno Picchio, *Alfredo Margarido risponde a tre domande sull'orientalismo di Camões*.

7-8. [Camões – Un bilancio],

Primavera-Autunno 1980

Luciana Stegagno Picchio, *Editoriale*.

Almeida Faria, *Balanço de um centenário*.

Luciana Stegagno Picchio, *Biografia e autobiografia: due studi in margine alle biografie camonianie* António José Saraiva, *Deus e os deuses dos Lusíadas*.

Ana Hatherly, *Camões e la tradizione del programma. A proposito di tre poemi acrostici e di un labirinto in lamento del mondo*.

Michele Metzeltin, *La canzone X di Camões o la distruzione di uno schema narrativo*.

Rip Cohen, *The Renuntiatio Amoris in Canção X* Joaquim Francisco Coelho, *Apontamentos sobre uma possível fonte dos últimos versos de Os Lusíadas*.

Enrique Rodríguez Cepeda, *La relación Camões, Lope de Vega y Faria y Sousa*.

Maria Manuela Margarido e Alfredo Margarido, *Camões e i giornali italiani dell'Ottocento*.

Luciana Stegagno Picchio, *Alberto Asor Rosa risponde a tre domande su Camões, Tasso e Marino*

Luciana Stegagno Picchio, *Giorgio Brugnoli risponde a tre domande sul "classico" in Camões*.

Luciana Stegagno Picchio, *Helder Macedo risponde a três perguntas sobre Camões protagonista de Os Lusíadas*.

9-10. [Gil Vicente], Primavera-Autunno 1981

Luciana Stegagno Picchio, *Editoriale*.

Maria José de Lancastre, *La scheda: Hipótese de uma cronologia vicentina*.

Fernando de Mello Moser, *Gil Vicente e Shakespeare: funções do drama e proceso de secularização da cultura*.

Thomas R. Hart, *Two Vicentine Heroines*.

Blanca Perinián, *Una lectura del Sermam pregado em Abrantes*.

Osório Mateus, *Vicente, Abrantes, 1506*.

Ilka V. de Carvalho, *A linguagem sólida de Inês Pereira*.

João Nuno Alçada, *Sobre o epitáfio e sepultura de Gil Vicente*.

Silvano Peloso, *Gil Vicente, Sá de Miranda e il Clérigo da Beira*.

Maria Aparecida Ribeiro, *Todo-o-Mundo x Ninguém: A Melancolia no teatro vicentino*.

Maria Luisa Tobar, *Due diversi livelli di comicità in Gil Vicente: la Comédia do viúvo e Don Duardos*

Luciana Stegagno Picchio, *Paul Teyssier risponde a tre domande sulla lingua di Gil Vicente*.

Luciana Stegagno Picchio, *Stephen Reckert risponde a tre domande sulla poesia nell'opera di Gil Vicente*.

Luciana Stegagno Picchio, *Alberto Pimenta risponde a tre domande sul ruolo del Diavolo nel teatro di Gil Vicente*.

11-12 [Romanceiro], Primavera-Autunno 1982

Luciana Stegagno Picchio, *Editoriale*.

Giuseppe Di Stefano, *Il romancero viejo in Portogallo nei secoli XV-XVII (Rileggendo C. Michaelis de Vasconcelos)*.

Pere Ferré, *Problemas textuais do Romanceiro português*.

Samuel G. Armistead, *Una encuesta romancística: Trás-os-Montes, julio 1980*.

Manuel da Costa Fontes, *Três romances raros: Quem dever a honra alheia, A condessa traidora e A filha do ermitão*.

José Luiz Alonso Hernández, *Significados primarios y conservación de romances (El caso de O cego português)*.

Bráulio do Nascimento, *Conde Claros na tradição portuguesa*.

Pere Ferré, *Breve notícia acerca do romance do Cativo de Argel*.

J. J. Dias Marques, *Sobre um tipo de versões do romance de Delgadinha*.

Vanda Anastácio, *Os incipit de Silvana no romance do Conde Alarcos: considerações*.

Carlos Alvar, *Floresvento*.

Silvano Peloso, *Dal romance alla rappresentazione popolare: la Chegança*.

Idelette Muzart Fonseca dos Santos, *Pesquisas sobre a poesia oral na memória popular: o Romanceiro paraibano*.

Maria Cruz García de Enterria, *Margit Frenk responde a tre domande sul romancero e sull'antica lirica popolare ispanica*.

Alessandra Mauro, *Diego Carpitella responde a tre domande su oralità-scrittura e musica nella tradizione popolare*.

Alessandra Mauro, *Giorgio Raimondo Cardona risponde a tre domande su oralità e scrittura*.

13-14. [Jorge de Sena], Primavera-Autunno 1983

Luciana Stegagno Picchio, *Editoriale*.

Mécia e Isabel Maria de Sena, *Jorge de Sena: bio-bibliografia*.

Eduardo Lourenço, *Poesia e poética de Jorge de Sena*.

José-Augusto França, *Jorge de Sena, poeta temporal*.
Maria de Lourdes Belchior, *Problemática religiosa na poesia de Jorge de Sena*.

José Vitorino de Pina Martins, *Jorge de Sena, um homem fraterno*.

Kenneth David Jackson, *The Humanistic Imagination: Jorge de Sena's Poetry of Exile and Enlightenment*.

Jorge de Sena, *Os corvos de Minerva*.

Pedro Tamen, *Para o Jorge à sua maneira*.

Óscar Lopes, *Uma Arte de Música*.

Francisco Cota Fagundes, *Music on Humanistic Note: Jorge de Sena's A morte de Isolda*.

Luís de Sousa Rebelo, *Sinais de fogo de Jorge de Sena, ou os exorcismos da memória*.

Carlo Vittorio Cattaneo, *Alcune ipotesi intorno al Peixe-Pato*.

Rip Cohen, *Erotic Mythography and Modes of Temporality: Sete sonetos da visão perpétua*.

Horácio Costa, *Coluna, praia, concha: símbolos em metamorfose em Metamorfoses*.

Luís F. A. Carlos, *O discurso erótico nos Quatro Sonetos a Afrodite Anadiómena*.

Fátima Freitas Morna, *Sobre algumas sequências na poesia de Jorge de Sena*.

Alessandra Mauro, *Frammenti di un discorso epistolare: le lettere d'amore di Jorge e Mécia de Sena*

Luciana Stegagno Picchio, *Esercizi di una vita: i Flashes di Mécia de Sena*.

Joaquim-Francisco Coelho, *Itinerário de um epicéδιο sobre Jorge de Sena*.

Frederick G. Williams, *Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Sena and International Prizes: A Personal Correspondence*.

José Blanco, *Uma entrevista com Jorge de Sena*
Luciana Stegagno Picchio, *Tre domande su Jorge de Sena e il Brasile ad Antonio Candido*.

Luciana Stegagno Picchio, *Tre domande sul tradurre Jorge de Sena a Jean R. Longland*.

Luciana Stegagno Picchio, *Tre domande su Jorge de Sena professore ad Anne Terlinden Villepin*.

Raffaella D'Intino, *La civiltà d'Oriente e il loro "diabolico inganno" nell'immaginario portoghese del Cinquecento*.

João Nuno Alçada, Charivari, *Rébus e Heresia na fala do diabo picardo do Auto das fadas*.

José Saramago, *O conto do diabo e as pedras/La storia del diavolo e le pietre* trad. di Rita Desti.

Guia Boni, *Presenza del diavolo nelle Cantigas de Santa Maria*.

Maria Aliete Farinho das Dores Galhoz, *Figuração, função e simbólica do diabo no auto popular* Auto da alma perdida.

Maria Teresa Gil Mendes da Silva, *A personagem do diabo numa obra de moralidade*.

Maria Luisa Cusati, *Os nomes do diabo no Vocabulário do P. D. Raphael Bluteau*.

Elizabeth Ruchti, *Il diavolo e la fantasia in Eça de Queirós*.

Amina Di Munno, *Fernando Pessoa e il suo "patto con il diavolo"*.

Andrea Ciacchi, *La pentola e il coperchio. Il diavolo nella Nau Catarineta*.

Ugo Serani, *Alfonso M. Di Nola risponde a tre domande sul diavolo nella cultura popolare*.

Renata Cusmai Belardinelli, *Ida Magli risponde a tre domande sul rapporto donna-diavolo nella cultura italiana*.

Alessandra Mauro, *Diego Carpitella risponde a tre domande sulla "musica diabolica" nella tradizione popolare e nell'ideologia romantica*.

Fernanda Toriello, *Giovanni Battista Bronzini risponde a tre domande sulle operazioni demoniache di massa*.

Luciana Stegagno Picchio, *Entrevista a Almeida Faria: diabolos/dialogos*.

15-24 [Il diavolo nella letteratura portoghese], 1984-1988

Luciana Stegagno Picchio, *Editoriale*.

Ugo Serani, *La scheda: Il diavolo nella letteratura portoghese*.

Andrea Ciacchi, *La scheda: Il diavolo nella letteratura brasiliana*.

BRASIL

HISTÓRIAS DA LITERATURA

- 243 *La letteratura brasiliana*, “Le letterature del mondo”, Firenze-Milano, Sansoni-Accademia, 1972, pp. 696.
- 244 *La littérature brésilienne*, “Que sais-je?”, Paris, Puf, 1981, 2ª ed. mise à jour, 1996, pp. 127.
- 245 *Literatura Brasileira*, Bucuresti, Editora Univers, 1986, pp. 691.
- 246 *Literatura brasileira das origens a 1945*, “Universidade hoje”, São Paulo, Martins Fontes, 1988, pp. 122.
- 247 *Profilo della letteratura brasiliana*, Roma, Editori Riuniti, 1992, pp. 176.
- 248 *Storia della letteratura brasiliana*, Torino, Einaudi, 1997, pp. 751.
- 249 *História da literatura brasileira*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997, pp. 744.

AUTORES

Jorge Amado

Ensaaios

- 250 “Il realismo magico di J.A., cronista della Bahia-de-Todos-os-Santos”, in *La letteratura latino-americana e la sua problematica europea*, Roma, IILA, 1978, pp. 251-259.
- 251 “*Terras do sem fim*: uma apresentação”, in *Tempo brasileiro*, 74, Rio de Janeiro, 1983, pp. 94-98.
- 252 “Il paese del carnevale: un *topos* di J.A.”, in J.A., *Il paese del carnevale*, Milano, Garzanti, 1984, 2ª ed. 1992, pp. 129-137.
- 253 “*Cacao*: dal romanzo proletario alla saga baiana”, in J.A., *Cacao*, Milano, Mondadori, 1986, pp. 5-13.
- 254 Introd. a: J.A., *Terre del finimondo*, Milano, Bompiani, 1988, pp. V-XI.
- 255 “*Cacao* de J.A. Notes pour l’histoire d’un succès littéraire”, in *Europe*, 724-725, Paris, 1989, pp. 24-31.
- 256 Introd. ao album fotográfico de Patrizia Giancotti com textos de J.A., *Bahia*, Milano, A&A, 1991.

Entrevistas

- 257 “A.: dittatori e TV, mali del Brasile. Intervista con lo scrittore nella casa di Bahia. Letteratura e politica, libertà e futuro del suo paese”, in *Tuttolibri-La Stampa*, 2/12/1983.

Resenhas

- 258 “Un kamasutra dei tropici”, in *Libri Nuovi*, 1976, sobre J.A., *Teresa Batista stanca di guerra*, Torino, Einaudi, 1974.

- 259 J.A., *Teresa Batista stanca di guerra*, Torino, Einaudi, 1974, in *Libri-Paese Sera*, 30/1/1976.
- 260 “*Dona Flor*: romanzo d’invenzione, documento etnografico”, in *Tuttolibri-La Stampa*, 12/11/1977, sobre J.A., *Dona Flor e i suoi due mariti*, Milano, Garzanti, 1977.
- 261 J.A., *La bottega dei miracoli*, Milano, Garzanti, 1978, in *Tuttolibri-La Stampa*, 16/12/1978.
- 262 J.A., *Vita e miracoli di Tieta d’Agregre*, Milano, Garzanti, 1979, in *Tuttolibri-La Stampa*, 22/12/1979.
- 263 “A. canta l’eros raffinato di Rio e le foreste di Bahia”, in *Tuttolibri-La Stampa*, 10/9/1983, sobre J.A., *Alte uniformi e camicie da notte*, Milano, Garzanti, 1983; id., *Terra del finimondo*, Milano, Bompiani, 1983.
- 264 “Sesso e santi”, in *la Repubblica-Cultura*, 21/10/1989, para o prémio Volterra 1989 atribuído a J.A. e para a trad. it. de J.A., *Santa Barbara dei fulmini*, Milano, Garzanti, 1989.
- 265 “Festa grande a Bahia”, in *la Repubblica-Cultura*, 8/10/1992, para os 80 anos de J.A.
- 266 “A. mio carissimo”, in *la Repubblica-Cultura*, 6/5/1995, para o prémio Camões a J.A.

Traduções

- 267 J.A., *I turchi alla scoperta dell’America*, Milano, Garzanti, 1995, 19982. Com pós-fácio

Carlos Drummond de Andrade

Ensaaios

“Os rostos imóveis de CDdeA, ou seja: fantasmas e poesia”, in *CDdeA and his generation*, Santa Barbara, pp. 21-37.

Recensões

“Il Brasile senza luce”, in *la Repubblica-Cultura*, 21/8/1987, para a morte de CDdeA.

“La pietra di D.”, in *L’Indice*, 9, 1988, sobre CDdeA, *Sentimento del mondo*, Torino, Einaudi, 1987.

Traduções

CDdeA, “Confidenza di Itabirano”, “Segreto”, “Di fronte agli ultimi avvenimenti”, in *Progetto*, 2, Milano, 1977, pp. 17-20.

CDdeA, *La visita*, Milano, Scheiwiller, 1996. Com prefácio.

Verbetes

“CDdeA”, in *Cultura del Novecento*, Milano, Mondadori, 1981.

“CDdeA”, in *La cultura del Novecentos*, México, Siglo Vientiuno, 1985.

Oswald de Andrade

Resenhas

- 275 “Avanguardie congelate: *Le memorie sentimentali di Giovanni Miramare*”, in *Libri-Paese Sera*, Roma e *Libri-L’Ora*, Palermo, 4/6/1970, sobre OdeA, *Memorie sentimentali di Giovanni Miramare*, Milano, Feltrinelli, 1970.

João Cabral de Melo Neto

Ensaio

- 276 “Il museo di J.C.: un itinerario”. Pref. a JCdeMN, *Museo di tutto*. Poesie scelte, Milano, Scheiwiller, 1990, pp. 9-21.

Jacobi brasileiro

Ensaio

- 277 “R.J.: un’avventura del Novecento brasiliano”, in *Diciotto saggi su R.J.*, Firenze, Gabinetto Vieusseux, 1987, pp. 157-170.

Resenhas

- 278 “R.J. e *Invenzione di Orfeo*: un esempio di transcrizione poetica”, in *Stilb. Spettacolo, Scrittura, Spazio*, 11, Roma, 1982, pp. 59-60, sobre Jorge de Lima, *Invenzione di Orfeo*, a cura di R.J., Roma, Abete, 1982.

Jorge de Lima

Ensaio

- 279 “JdeL: Universal Poet”, in *Portuguese Studies*, London, 1985, pp. 151-167.
- 280 “JdeL: O poeta e a sua dimensão universal”, in *90 anos de JdeL* Maceió, Universidade Federal de Alagoas, 1988, pp. 73-105.
- 281 “JdeL et Murilo Mendes: les deux faces du surréalisme au Brésil”, in *Nouveau Monde Autres Mondes. Surréalisme et Amériques*, Paris, Lachenal & Ritter, 1995, pp. 189-203.

Resenhas

cf. 277.

Clarice Lispector

Ensaio

- 282 “Epifania di C.”. Nota a C.L., *Un apprendistato o Il libro dei piaceri*, Torino, Editori La Rosa, pp. 133-137.
- 283 “Epifania de C.”, in *Remate de Males*, 9, Campinas, UNICAMP, 1989, pp. 17-20.
- 284 “Epifania di C.”, in C.L., *Un apprendistato o Il libro dei piaceri*, Milano, Feltrinelli, 1992, pp. 133-137.

Resenhas

- 285 “C.L.: Dal Brasile una voce inquietante”, in *Tutto-libri-La Stampa*, 14/6/1986, sobre C.L., *Legami familiari*, Milano, Feltrinelli, 1986.

Murilo Mendes

Antologia:

- 286 M.M., “Melhores poemas”, São Paulo, Global, 1995.
- Edições
- 287 M.M., *Ipotesi*, Milano, Guanda, 1977, pp. 157.
- 288 M.M., *Poemas 1925-1929 e Bumba-meu-poeta 1930-1931*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990, pp. 136.
- 289 M.M., *História do Brasil*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991, pp. 123.
- 290 M.M., *Poesia completa e prosa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994, pp. 1782.

Ensaio

- 291 “La poesia in Brasile: M.M.”, in *Rivista di letterature moderne e comparate*, Firenze, XII, 1959, pp. 36-52.
- 292 “Itinerário poético de M.M.”, in *Revista do livro*, Rio de Janeiro, 1959, pp. 61-73.
- 293 “Prosas de M. M.”, Introd. a M.M., *Transistor*. Antologia de prosa 1931-1974, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1980, pp. 11-22.
- 294 “Date bio-bibliografice”, in M.M., *Metamorfozele*, Bucuresti, Editura Univers, 1982.
- 295 “I *Papiers* di M.M.: un’esperienza alloglotta”, in *Scritti in onore di Giovanni Macchia*, Milano, Mondadori, 1983, pp. 789-802.
- 296 “*O visionário* de M.M.”, Pref. a M.M., *O Visionário*, São Paulo, Roswita Kempf, 1985, pp. 5-9.
- 297 “Ritorno di M.M.”, in *Letterature d’America*, Roma, 23, 1987, pp. 5-10.
- 298 “M.M., *Inediti*” [em colab. com Ugo Serani], in *id.*, pp. 69-118.
- 299 “Per una bibliografia di M.M.” [em colab. com Biancamaria Gnerre], in *id.*, pp. 141-154.
- 300 “M.M.: o olho armado”, Introd. ao Catálogo da Exposição, *M.M. – O olhar do poeta*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, pp. 11-12.
- 301 Introd. a M.M., *Janelas verdes*, Lisboa, Galeria 111, 1989.
- 302 “La Spagna di M.M.: *Espaço espanhol vs Tempo espanhol*”, in *Symbolae Pisanae*. Studi in onore di Guido Mancini, Pisa, Giardini, vol. II, 1989, pp. 617-626.
- 303 Pref. a M.M., *Hipóteses*. Poemas italianos, in *Colóquio/Letras*, 129-130, 1993 [mas 1994], pp. 69-84.

- 304 “Su Antonio Machado: due prose inedite di M.M.”, in *Per Antonio Machado. Tarde tranquila, casi*, Roma, Bulzoni, 1994, pp. 645-647.
- 305 “Introdução (à guisa de Prefácio)”, in Leila Maria Fonseca Barbosa, Marisa Timponi Pereira Rodrigues, *A trama poética de M.M.*, Rio de Janeiro, Lacerda editore, 2000, pp. 9-13.
cf. 35, 280.
- Entrevistas**
- 306 “M. ontem, hoje, amanhã”, entrevista sobre M.M., in *Expresso*, Lisboa, 24/10/1987.
- 307 “A fortuna de M.M. vai começar agora”, entrevista a *Jornal de Letras*, Lisboa, 8/6/1994.
- Resenhas**
- 308 “M. M.: O grande poeta italiano inédito no Brasil”, in *O Estado de São Paulo-Jornal da tarde*, São Paulo, 20/8/1977.
- Traduções**
- 309 15 poesias de M.M., in *M.M.* a cura di Ruggero Jacobbi, Milano, Nuova Accademia, 1961, pp. 107-146.
- 310 M.M., “Natale 1961”, in *Il Natale*. Antologia di poeti del '900, Milano, All'insegna del pesce d'oro, 1961, pp. 66-67.
- Verbetes**
- 311 “M.M.”, in *Dictionary of Contemporary Brazilian Authors*, Arizona, Tempe, 1981, pp. 91-92.
- Vinicius de Moraes**
- Ensaaios**
- 312 “Saudades de V.”, Introd. a VdeM, *Poesie e canzoni*, Firenze, Vallecchi, 1981, pp. 7-16.
- Resenhas**
- 313 “Giullare di Dio e del popolo”, in *Tuttolibri-La Stampa*, 27/7/1980.
- José Lins do Rego**
- Ensaaios**
- 314 Pref. a JLdoR, *Il treno di Recife (Menino de Engenho e O moleque Ricardo)* Milano, Longanesi, 1974, pp. 9-20.
- Traduções**
- 315 JLdoR, *Fuoco spento*, Roma-Milano, Fratelli Bocca, 1957, pp. 372.
- João Guimarães Rosa**
- Ensaaios**
- 316 “G.R.: le sponde dell'allegria”, in *Strumenti critici*, 11, 1970, pp. 3-39.
- 317 “G.R.: le sponde dell'allegria”, in *Terra America*. Saggi sulla narrativa latino-americana, Torino, Edizioni La Rosa, 1979, pp. 55-84.
- 318 “*Sagarana*. Iniziazione al sertão”, Postfazione a J.G.R., *Sagarana*, Milano, Feltrinelli, 1994, pp. 309-315.
- Resenhas**
- 319 “Una micro-epopea”, in *L'Indice*, 5, 1985, sobre J.G.R., *Grande sertão*, Milano, Feltrinelli, 1985.
- Verbetes**
- 320 “J.G.R.”, in *Cultura del 900*, Milano, Mondadori, 1981.
- 321 “J.G.R.”, in *La cultura del Novecentos*, México, Siglo Vientiuno, 1985.
- Ungaretti brasileiro**
- 322 “Semantica di U. Varianti, testo e contesto”, in *Letteratura e critica*. Studi in onore di Natalino Sapegno, vol. II, Roma, Bulzoni, 1975, pp. 987-1023.
- 323 “Filtri d'oggi per testi medievali: *Hum papagay muy fremoso*”, in *Arquivos do centro cultural português*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, IX, 1975, pp. 3-41.
- 324 “Il sesto fiume: il Brasile nella poesia di G.U.”, in *Atti del convegno internazionale su G.U.*, Urbino, Casa 4 Venti, vol. I, 1981, pp. 527-580.
- 325 “L'avventura brasiliana di U. Terzo tempo: personaggi e poesie”, in *G.U. 1888-1970*, Napoli, Edizioni Scientifiche Italiane, 1995, pp. 311-330.
- 326 “Cronologia brasiliana di U.”, in *U. La biblioteca del nomade*, Roma, De Luca, 1997, pp. 11-32.
- OUTROS AUTORES**
- Ensaaios**
- 327 “Alcune considerazioni sui pazzi in scena nel teatro latino-americano (A proposito di Qôrpo Santo, pazzo brasiliano)”, in *Ferstschrift José Cid Pérez*, New York, Senda Nueva Ediciones, 1981, pp. 139-146.
- 328 “O teatro de Qôrpo Santo: teoria da recepção e loucura ao espelho”, in *Travessia*, Florianópolis, 1983, pp. 107-118.
- 329 “O(s) Marcos do Ofício”, Pref. a Marcos de Farias Costa, *Ócios do Ofício*, Maceió, 1984, pp. 9-10.
- 330 “La tela poetica di Alberto da Costa e Silva”, Introd. a Alberto da Costa e Silva, *Le linee della mano*, Milano, All'insegna del pesce d'oro, 1986, pp. 7-15.

- 331 “Il nuovo regno di Nélide Piñón”, Pref. a Nélide Piñón, *Il nuovo regno*, Firenze, Giunti, 1988, pp. V-VII.
- 332 “La poesia bilingue di Vera Lúcia de Oliveira”, Pref. a Lúcia Vera de Oliveira, *Geografie d’ombra*, Venezia, Fonema, 1989, pp. 5-6.
- 333 “Uma alegria feroz e grotesca”, Contracapa a Diogo Mainardi, *Arquipélago*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- 334 “Colombo, os Guanches e as Canárias no poema Colombo de Manuel de Araújo Porto-Alegre”, in *Actas do III Colóquio internacional de história da Madeira*, Madeira, 1993, pp. 177-189.
- 335 Orelha a: Diogo Mainardi, *Arcipelago*, Milano, Garzanti, 1994.
- 336 “Saudades de Celso Cunha”, Pref. a *Miscelânea de estudos lingüísticos filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995, pp. IX-XIII.
- 337 “Alphonsus de Guimarães traduttore di Stecchetti”, in *La traduzione. Saggi e documenti*, Roma, 1995, pp. 225-238.
- 338 “A via estreita de Alexei Bueno”, Pref. a Alexei Bueno, *A via estreita*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995, pp. 7-11.
- 339 “O manifesto como género literário: a tradição retórica dos manifestos modernistas brasileiros”, in *Miscelânea de estudos lingüísticos filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995, pp. 963-973.
- 340 Pref. a Fernando da Rocha Peres, *Mr. Lero-Tan e outros poemas*, Salvador, Casa de Jorge Amado, 1996, pp. 13-14.
- 341 “Traduzir Montale”, Pref. a Eugenio Montale, *Poesias*, Edição bilingue de Geraldo Holanda Cavalcanti, Rio de Janeiro-São Paulo, Record, 1997, pp. 7-12.
- 342 “Traduzir Quasimodo”, Introd. a Salvatore Quasimodo, *Poesias*. Edição bilingue de Geraldo Holanda Cavalcanti, Rio de Janeiro-São Paulo, Record, 1999, pp. 7-13.
- 343 “Urgenza della poesia”, Apresentação do vol. di Ednaldo Soares, *de palavra em palavra* di parola in parola, Roma, 1999, pp. 8-25.
- 344 “Una lettera di addio”, in Ednaldo Soares, *Sonhos, quase-mistérios* Sogni, quasi-misteri, Terni, Spell, 2000, pp. 9-12.
- 345 “Mulher no espelho quase vinte anos depois”, Pref. a Helena Parente Cunha, *Mulher no espelho*, Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, 2000, pp. 13-16.
- Resenhas**
- 346 “Ricominciare da zero”, in *Libri-Paese Sera*, 25/5/1974, sobre Ignácio de Loyola Brandão, Zero, Milano, Feltrinelli, 1974.
- 347 Friederick G. Williams, *Sousândrade*, São Luís do Maranhão, Sioge, 1976, in *Colóquio/Letras*, 46, 1978.
- 348 Darcy Ribeiro, *Máira*, Milano, Feltrinelli, 1979, in *Tuttolibri-La Stampa*, 14/7/1979.
- 349 “Perdute Amazzoni”, in *la Repubblica-Cultura*, 30/12/1988, sobre *Amazzonia. Miti e letteratura del mondo perduto*, a cura di Silvano Peloso, Roma, Editori Riuniti, 1988.
- 350 “I prodigi della maschera di latta”, in *la Repubblica-Cultura*, 17/8/1990, sobre Joaquim Machado de Assis, *La cartomante e altri racconti*, Torino, Einaudi, 1990.
- 351 “Rio amore mio”, in *la Repubblica-Cultura*, 28/11/1990, sobre Antônio Callado, *Concerto carioca*, Roma, Editori Riuniti, 1990.
- 352 “Congiure e delitti a Bahia”, in *L’Indice*, 3, 1992, sobre Ana Miranda, *Bocca d’inferno*, Milano, Rizzoli, 1991.
- 353 “Felicissimi cannibali”, in *la Repubblica/Cultura*, 23/7/1992, para os 400 anos da morte de Montaigne.
- 354 “La recherche in Amazzonia”, in *la Repubblica-Cultura*, 27/11/1992, sobre Milton Hatoum, *Ricordi di un certo Oriente*, Milano, Garzanti, 1992.
- 355 “L’inventiva criminale”, in *la Repubblica-Cultura*, 26/9/1993, sobre Rubem Fonseca, *Romanzo nero*, Roma, il Vascello, 1993; Caio Fernando Abreu, *Dov’è finita Dulce Veiga?*, Milano, Zanzibar, 1993; Graciliano Ramos, *San Bernardo*, Torino, Bollati Boringhieri, 1993; Mário de Andrade, *Primo maggio*, Roma, il Vascello, 1993.
- 356 “Il mago superstar”, in *la Repubblica-Cultura*, 20/9/1995, sobre Paulo Coelho, *L’alchimista*, Milano, Bompiani, 1995.
- 357 “Sherlock Holmes: quando la vita diventa romanzo”, in *la Repubblica-Cultura*, 7/9/1996, sobre Jô Soares, *Un samba per Sherlock Holmes*, Torino, Einaudi, 1996.
- 358 “Un bicchiere di collera ormai vuota”, in *la Repubblica-Cultura*, Roma, 20/4/2000, para o film *Um copo de cólera* de Aluizio Abranches tirado do omónimo livro de Raduan Nassar.
- 359 “Coelho. Il mago del best seller ci riprova”, in *la Repubblica-Cultura*, 12/10/2000, sobre Paulo Coelho, *Il demonio e la signorina Prym*, Milano, Bompiani, 2000.

LITERATURA E CULTURA

Ensaïos

- 360 "Crisi del linguaggio e avanguardie letterarie in Brasile", in *Paragone*, Firenze, 1965, pp. 85-109.
- 361 "Oppositions binaires en littérature", in *Diogenes*, Paris, 99, 1977, pp. 3-26.
- 362 "L'Umbanda regna a Rio", in *Progetto*, Milano, 1977, pp. 1-6.
- 363 "Opposizioni binarie in letteratura: il caso della letteratura brasiliana", in *Letteratura popolare brasiliana e tradizione europea*, Roma, Bulzoni, 1978, pp. 15-35.
- 364 Introd. e org. do vol. *Letteratura popolare brasiliana e tradizione europea*, Roma, Bulzoni, 1978.
- 365 "Binary oppositions in literature: the example of Brazil", in *Diogenes*, 99, Firenze, Casalini Libri, 1978, pp. 1-20.
- 366 "Umbanda a Rio de Janeiro. Notizia e testimonianza", in *Atti del Simposio internazionale sulla medicina indigena e popolare dell'America latina*, Roma, IILA, 1979, pp. 475-495.
- 367 "Gli studi portoghesi e brasiliani in Italia", in *Atti del convegno Letterature straniere neolatine e ricerca scientifica*, Roma, Bulzoni, 1980, pp. 273-338.
- 368 "Letteratura brasiliana", in *Guida alla Facoltà di lettere e filosofia*, a cura di Alberto Varvaro, Bologna, il Mulino, 1980, 19902, pp. 132-134.
- 369 "Introduzione alla letteratura brasiliana", in *Actas de las Jornadas de estudio suizo-italianas de Lugano*, Milano, Cisalpino-Goliardica, 1981, pp. 65-79.
- 370 "Antropofagia: dalla letteratura al mito e dal mito alla letteratura", in *Letterature d'America*, Roma, Bulzoni, 1981, pp. 5-43.
- 371 "O Brasil tem agora sua literatura autônoma", entrevista ao *Jornal de Alagoas*, Maceió, 29/4/1983.
- 372 "Oriundi, ma non troppo", Pref. à antologia *Racconti brasiliani*, a cura di Anita Salmoni, São Paulo, Instituto Italiano de Cultura, 1984, pp. 6-12.
- 373 "La tradizione barocca nella letteratura brasiliana", in *Atti del Simposio internazionale sul barocco latino-americano*, Roma, IILA, 1984, pp. 407-416.
- 374 "Oposições binárias em literatura: o exemplo brasileiro", in *Diógenes*, 6, Brasília, 1984, pp. 83-100.
- 375 "A merveilleuse distance: bárbaros e canibais no ensaio sobre *Les cannibales* de Montaigne", in *As dimensões da alteridade nas culturas de língua portuguesa-O outro*, Lisboa, II, 1987, pp. 634-647.
- 376 "Minha/Vossa São Luís", in *Atas da Academia Maranhense*, São Luís, 1987, pp. 111-118.
- 377 "L'anthropophagie brésilienne, mythe et littérature", in *Diogenes*, 144, Paris, 1988, pp. 115-138.
- 378 "Orfeo negro", Prefácio a Benedita Gouveia Damasceno, *La poesia negra nel Modernismo brasileiro*, Palermo, IILA-Palma, 1988, pp. 11-15.
- 379 "Dois retratos do Brasil. A obra minimalista do paulista José de Resende e o nordeste do baiano Juraci Dórea exibem o norte e o sul do país", in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7/8/1988.
- 380 "The Portuguese, Montaigne and the Cannibals of Brazil", in *Portuguese Studies*, 6, London, 1990, pp. 71-84.
- 381 "Roma e Brasília: miti di fondazione", in *Roma-Brasília. II. Tradizioni e realtà delle due capitali*, Roma, CNR, 1990, pp. 65-69.
- 382 "O imaginário europeu e o 'mau selvagem' de Montaigne a Shakespeare", in *América: Ficção e Utopias*, Rio de Janeiro, Expressão e cultura, 1994, pp. 45-56.
- 383 "Bello e fecondo si lo suol Brasile (sull'epica cinque e secentesca)", in *Novamente ritrovato. Il Brasile in Italia*, Roma, Presidenza del Consiglio dei Ministri, 1995, pp. 53-54.
- 384 "Un paese attraverso", in *id.*, pp. 217-237.
- 385 "I grandi testi antropofagici", in *id.*, pp. 22-28.
- 386 "'Tutto è spettacolo, cronaca e sogno' (Il teatro in Brasile visto dall'Italia)", in *id.*, pp. 217-237.
- 387 "Auf dem großen Fluß. 450 Jahre wahre und phantastische Reisen auf dem Amazonas, von Orellana bis heute", in *Wasser*, Bonn, Wienand, 2000, pp. 203-211.

Resenhas

- 388 "Sangue nero", in *la Repubblica-Cultura*, 30/12/1988 para o centenário da abolição da escravidão no Brasil.
- 389 "E con le telenovelas faremo la rivoluzione", in *la Repubblica-cultura*, 6/9/1998, sobre o Congresso internacional *América 92*, São Paulo-Rio-Manaus, 1992.
- 390 "Il Brasile di traverso", in *la Repubblica-Cultura*, 7/10/1994, sobre John Updike, *Brazil*, Milano, Mondadori, 1995.

Verbetes

- 391 Verbetes de literatura brasileira, in *Dizionario Letterario degli Autori e delle Opere e dei Personaggi*, I, 1956; II, 1957; suplemento, I, 1964; suplemento, II, 1966.
- 392 "Assis, Machado de", pp. 738-739; "Brasile, letteratura", pp. 550-553 in *Enciclopedia Europea Garzanti*, Milano, 1976.
- 393 "Modernismo, Brasile", in *Cultura del Novecento*, Milano, Mondadori, 1981, pp. 244+250.

- 394 "El modernismo: Brasil", in *Cultura del Novecento*, México, Siglo Veintiuno, 1985.
- 395 "Brasile, Letteratura", in *Enciclopedia italiana di scienze, lettere e arti*, Roma, Istituto dell'Enciclopedia Treccani, V Appendice (1979-1992), 1994, pp. 426-427.

Índices da Revista Letterature d'America, "Brasiliana", Roma, Bulzoni, 1980-1990

"Romanzi e racconti della città, oggi",
anno I, n. 3, Estate 1980

Luciana Stegagno Picchio, *Premessa*.

Erilde Melillo Reali, *Dal romanzo alla short-story: l'esempio di Miguel Jorge*.

Giorgio Marotti, *Letteratura e politica nel Brasile contemporaneo*.

Janina Z. Klave, *Nélida Piñón ovvero la ricerca delle cose definitive*.

Renata Cusmai Belardinelli, *Autran Dourado: pratica e autoteoria*.

Nello Avella, *Roberto Drummond o della possessione*.

Carmen M. Radulet, *Dalton Trevisan: anatomia della coppia*.

Rita Biscetti, *Il mondo metaforico di Murilo Rubião*

Rita Desti, *Le sedie proibite di Ignácio de Loyola Brandão*.

"La scoperta del Brasile", anno II, n. 8, Estate 1981

Luciana Stegagno Picchio, *Antropofagia: dalla letteratura al mito e dal mito alla letteratura*.

Silvano Peloso, *Sistemi modellizzanti e opposizioni culturali nella Carta di Pero Vaz de Caminha*.

Carmen M. Radulet, *Politica e miti edenici in una relazione del 1533 sulla spedizione di Martim Afonso de Sousa*.

Rita Biscetti, *Il Brasile riscoperto nel sogno-profezia di San Giovanni Bosco*.

Nello Avella, *L'Eden, il buon selvaggio e l'isola: considerazioni su alcuni topoi mitologici nella cultura brasiliana*.

Antonio Tabucchi, *Macunaíma: la riscoperta del Brasile attraverso la letteratura*.

"Drummond: 80 anni", anno III, n. 13, Estate 1982

Mario Carelli, *Drummond: ritratto e autoritratto Drummond, Perder, ganhar, viver* (Una cronaca per la sconfitta).

Drummond-Coelho, *Sonetti epistolari inediti*.

Wagner Novaes, *Carlos Drummond de Andrade e la MPB*.

José Geraldo Nogueira Moutinho, *A máquina do mundo. A máquina do poema*.

Emanuel de Moraes, *Sobrevivência inovadora*.

Gilberto Mendonça Teles, *A transformação da poesia de Drummond*.

Raul Antelo, *A ilha de Drummond*.

Marlene de Castro Correia, *Carlos Drummond de Andrade: o espaço livre da poesia*.

“Machadiana”, anno IV, n. 18, Estate 1983

Flavia Ravazzoli, *Un carteggio di equivoci, ovvero il Ponto de vista di Machado de Assis*.

Enylton de Sá Rego, *Machado de Assis e a sátira menipéia: um diálogo com os textos de Luciano*.

Alessandra Mauro, *Come in un poliziesco: gli indizi nel Don Casmurro*.

Luiza Lobo, *As metáforas do humor em Machado de Assis*.

Rita Biscetti, *Guimar: un personaggio-paradigma di Machado de Assis*.

John Gledson, *Machado de Assis and the Abolition of Slavery: An Almost Unknown Crônica*.

Elizabeth Ruchti, *Machado de Assis narratore: quando lo stile diventa personaggio*.

Alexandre Eulálio, *Em torno de uma carta de Machado de Assis*.

“Murilo Mendes”, anno V, n. 23, Estate 1984

Luciana Stegagno Picchio, *Ritorno di Murilo Mendes*.

Cesare Segre, *Poesie di Murilo Mendes*.

Giulio Carlo Argan, *L'occhio del poeta, ovvero i ventagli di Murilo Mendes*.

Raúl Antelo, *Concisão e Convergência*.

Valeria Sagnotti Morreale, *Un'Ipotesi di Murilo Mendes*.

Vera Lúcia de Oliveira, *A geografia metafísica de Murilo Mendes: leitura de um livro inédito* Carta geográfica.

Murilo Mendes, *Inediti* a cura di L. Stegagno Picchio e Ugo Serani.

Odette Penha Coelho, *O experimentalismo em Convergência*.

Raul Henrique Maimoni, *Murilo Mendes e a palavra poética*.

Luciana Stegagno Picchio e Biancamaria Gnerre, *Per una bibliografia di Murilo Mendes*.

“Le forme della storiografia”, anno VI, n. 28, Estate 1985

Angelo Trento, *Non di solo Matarazzo... Storiografia recente sull'emigrazione italiana in Brasile*.

Maria Luiza Tucci Carneiro, *O anti-semitismo nos bastidores da era Vargas (1930-1945)*.

Giorgio Marotti, *Un caso di narrativa storiografica: la grande sete del '72*.

João Alexandre Barbosa, *Forma e história na crítica brasileira de 1870-1950*.

Anita Garibaldi, *Storiografia di famiglia: Anita Garibaldi, La donna del Generale*.

Alfredo Bosi, *Pluralismo nella cultura brasiliana*

Nello Avella, *Per una storia costituzionale del Brasile*.

Carlos Guilherme Mota, *La riscoperta del Brasile nel pensiero di Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior*.

Edgard Luís de Barros, *Estado e política no Brasil (1930-1964): Encruzilhada histórica e interpretações da historiografia*.

Sandra M. L. Brancato, *A proclamação da República no Brasil: algumas considerações*.

“Aspetti e tendenze della letteratura brasiliana contemporanea”, anno VIII, n. 35, 1987

Sônia Salomão Khéde, *Il mito nella narrativa contemporanea: continuità e rottura di una tradizione*

Mário Pontes, *A Cidade das Letras: a ficção brasileira e suas vertentes contemporâneas*.

Silviano Santiago, *Toda a memória do mundo*.

Regina Zilberman, *Literatura para criança dos últimos 20 anos*.

Pedro Lyra, *Poesia brasileira contemporânea: o saldo de 20 anos*.

Wander Melo Miranda, *Repertório do clã: poesia e memória em Carlos Drummond de Andrade*.

Jorge de Sá, *O jogo de espelhos na ficção: o exemplo de Lya Luft*.

Beatriz Resende, *Teatro brasileiro hoje: da dramaturgia em crise à renovação da cena*.

“Jorge Amado: 60 anni di vita letteraria”, anno IX, n. 40, Estate 1990

Jorge Amado, *Dicorso na Universidade de Bari*.

Giovanni Ricciardi, *I romanzi dell'allegria, i romanzi della passione di un grande contadino di histórias baiano e universale*.

Sílvio Castro, *Jorge Amado: 60 anos de Brasil*.

Jean Roche, *L'art de la composition romanesque chez Jorge Amado*.

José Fernandes, *Erotismo e ideologia na obra de Jorge Amado*.

José Mauricio Gomes de Almedia, Jubiabá *encru-*
zilhada de muitos caminhos.

Maria Luisa Cusati, *Jorge Amado de Erilde Reali:*
un ricordo, una presenza.

Jorge Amado, *Auto-retrato* a cura di Giovanni Ric-
ciardi.

Jorge Amado visto da Antônio Torres, Miguel Jorge,
Ignácio de Loyola Brandão, Marcos Santarrita, Caio
Porfirio Carneiro, Marcos Rey.

ÁFRICA LUSÓFONA

Bertina Lopes

396 “B.L.”, Catálogo para a Exposição realizada na Gal-
leria Numero Fiamma Vigo, Venezia, 1975.

397 “B.L.”, Apresentação do catálogo da Exposição na
Galleria Juana Mordò, Madrid, 1976.

398 “B.L.”, Apresentação do catálogo B.L. Exposição
individual no Museu nacional de história da Repú-
blica de Angola, Roma, Chiovini, 1983.

399 “B.L. 1985”. Prefácio ao catálogo B.L. 1985,
Maputo, 1985.

400 “Coerenza e fedeltà alle radici di B.L.”, in Enrico
Crispoldi, *Lungo viaggio di B.L.* Catálogo da Expo-
sição, Roma, Iter, 1986, pp. 94-95.

401 “B.L.: Fidelidade dentro da invenção”, in B.L.
Expressão artística entre duas civilizações, Lisboa,
Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

402 “B.L.. Expo Lisboa 1998”. Texto para o postal da
Exposição *Oceanos* 1998.

Resenhas

403 “Luandino il terrorista”, in *la Repubblica/Cultura*,
27/1/1989, sobre José Luandino Vieira, *Luuanda*,
Milano, Feltrinelli, 1990.

404 “Ritorno a Capo Verde”, in *la Repubblica/Cultura*,
16/2/1991, para as primeiras eleições livres em
Capo Verde.

LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANAS

Ensaaios

- 405 "Teatro catalano delle origini", in *Filologia Romanza*, 16, 1957, pp. 289-397.
- 406 Introd. a Jorge Luis Borges-Adolfo Bioy Casares, *I signori del mistero*, Antologia dei migliori racconti polizieschi, Pordenone, Studio Tesi, 1991, pp. IX-XIV.
- 407 "Octavio Paz: Raíces", in *América-Hispánica*. Poesia hispano-americana, Rio de Janeiro, Sepeha, 1991, pp. 13-18.
- 408 "Macri maestro d'ispanisti", in *Per Oreste Macri*, Roma, Bulzoni, 1996, pp. 293-302.

Resenhas

- 409 Carmelo Samonà, *Profilo di storia della letteratura spagnola*, Roma, V. Veschi, 1960, in *Cultura neolatina*, XX, 1960, pp. 295-298.
- 410 Luis Vélez de Guevara, *Reinar después de morir*, a cura di G. C. Rossi, Napoli, 1961, in *Convivium*, Bologna, 1961, p. 95.
- 411 J. Richard Andrews, *Juan del Encina Prometheus in Search of Prestige*, Berkeley-Los Angeles, 1951, in *Annali Istituto Orientale*, Napoli, 1962, pp. 135-137.
- 412 "E i bianchi tolsero agli indios anche la lingua", in *Tuttolibri-la Stampa*, 18/2/1989, sobre Lore Terracini, *I codici del silenzio*, Alessandria, Ed. dell'Orso, 1988.
- 413 "Vale un Perù", in *la Repubblica-Cultura*, 21/2/1989, sobre Antonello Gerbi, *Il mito del Perù*, Milano, Franco Angeli, 1988.
- 414 "I giganti di Santa Cruz", in *la Repubblica-Cultura*, 3/4/1993, sobre o achamento em Tenerife de uma inscrição tiffinagh.
- 415 "Gioco intertestuale", in *L'Indice*, 4, 1994, sobre Rosalba Campa, Roma, Farenheit 451, 1993.
- 416 "L'eternità di Borges", in *la Repubblica-Cultura*, 5/11/1997, sobre Jorge Luis Borges, *Storia dell'eternità e Storia Universale*, Milano, Adelphi, 1997.
- 417 "Macri maestro del Novecento", in *la Repubblica-Cultura*, 16/2/1998, para a morte de Oreste Macri.

Traduções

- 418 Fernán Caballero, "La maledizione paterna"; Gustavo Adolfo Bécquer, "Mastro Pérez l'organista"; José Echegaray, "Gli occhiali colorati"; Clarín, "Addio Cordera!", in *Le più belle novelle dell'Ottocento*, Roma, Casini, 1951, pp. 1127-1165.
- 419 Federico García Lorca, "Yerma", in *Tutto il teatro di tutti i tempi*, a cura di Corrado Pavolini, vol. III, Roma, Casini, 1953, pp. 637-683.

Verbetes

- 420 "Lacrimoso, teatro (Spagna)"; "Loa"; "Iriarte, Tomás de"; "Jovellanos, Gaspar Melchior"; "Luzán, Ignacio de", in *Enciclopedia dello Spettacolo*, VI, 1959.
- 421 "Samonà, Carmelo", in *Enciclopedia italiana di scienze, lettere e arti*, Roma, Istituto dell'Enciclopedia Italiana, V Appendice (1979-1992), 1994, p. 617.

Ficha Técnica

Título: A língua outra

Uma Fotobiografia de Luciana Stegagno Picchio

Organização: Alessandra Mauro

Edição: Instituto Camões

Presidente: Jorge Couto

Concepção e Coordenação: Maria Armandina Maia

Produção em Portugal: Joaquim Caparica

Revisão: Viriato Teles

Projecto gráfico: Raffaella Ottaviani

Reproduções fotográficas: Giovanni Brancaccio

Bibliografia: Guia Boni

Texto:

© Luciana Stegagno Picchio e Instituto Camões

Imagens:

© os autores

Pré-Impressão: Critério – Produção Gráfica, Lda

Impressão e Acabamento: Norprint, SA

Depósito Legal: 166 582/01

ISBN: 972-566-217-2

Acabado de imprimir em Junho de 2001

